

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

**"EU TE AMEI
COM AMOR ETERNO,
TIVE PIEDADE
DO TEU NADA"**



RÍMINI 2016

“EU TE AMEI
COM AMOR ETERNO,
TIVE PIEDADE
DO TEU NADA”

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RÍMINI 2016

Texto original em italiano.
Tradução: Cláudio Cruz
Revisão: Maria Ramos Ascensão

© 2016 Fraternità di Comunione e Liberazione

“Por ocasião do curso anual dos Exercícios Espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação que tem lugar em Rîmini, sob o título ‘Eu te amei com amor eterno, tive piedade do teu nada’ (Jr 31,3), Sua Santidade Papa Francisco, ao dirigir seu cordial pensamento e seus votos, lembra que o Jubileu da Misericórdia é ocasião propícia para redescobrir a beleza da fê que põe em seu centro o amor misericordioso do Pai feito visível no rosto de Cristo e sustentado pelo Espírito que guia os passos dos fiéis ao longo da história.

A misericórdia é a via que une Deus e o homem, abrindo o coração para a esperança de sermos amados para sempre apesar do limite do nosso pecado. O Santo Padre auspicia que todos os que seguem o carisma do saudoso Luigi Giussani deem testemunho da misericórdia professando-a e encarnando-a na vida mediante obras de misericórdia corporais e espirituais e sejam sinal da proximidade e da ternura de Deus, para que a sociedade hodierna redescubra a urgência da solidariedade, do amor e do perdão.

Ele invoca a proteção celeste da Virgem Maria e, enquanto pede que rezem em apoio ao seu ministério petrino, confere de coração ao senhor e a todos os participantes a implorada bênção apostólica, estendendo-a a todos os que estão conectados via satélite e à inteira Fraternidade.”

Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade,
29 de abril de 2016

Sexta-feira, 29 de abril, noite

Na entrada e na saída:

Wolfgang Amadeus Mozart, Requiem em ré menor, KV 626

Herbert von Karajan - Wiener Philharmoniker

“Spirto Gentil” n. 5, Deutsche Grammophon

■ INTRODUÇÃO

Julián Carrón

Não há ato verdadeiro da nossa vida consciente, se não parte da consciência de sermos pecadores. “Estamos aqui porque não conhecemos antes de tudo esta verdade: que somos pecadores. Se vocês acham que são honestos, não é este o lugar para o qual deviam vir: seria de todo inútil”, dizia-nos Dom Giussani, porque “a consciência de sermos pecadores é a primeira verdade do homem que age na vida e na história”.¹ Pecadores, ou seja, necessitados. É desta necessidade que desponta o grito, a pergunta, como acabamos de escutar no *Requiem* de Mozart: “*Salva me, fons pietatis*”.² Como dizia o publicano, do fundo do templo: “Meu Deus, tem compaixão de mim, que sou pecador!”.³

Peçamos ao Espírito que nos doe a consciência desta necessidade da Sua misericórdia.

Oh! vinde, Espírito Criador

Começamos estes nossos dias com a leitura da mensagem que nos enviou o Papa Francisco:

“Por ocasião do curso anual dos Exercícios Espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação que tem lugar em Rimini, sob o título ‘Eu te amei de um amor eterno, tive piedade do teu nada’ (Jr 31,3), Sua Santidade Papa Francisco, ao dirigir seu cordial pensamento e seus votos, lembra que o Jubileu da Misericórdia é ocasião propícia para redescobrir a beleza da fé que põe em seu centro o amor misericor-

¹ L. Giussani, *Questa cara gioia sopra la quale ogni virtù si fonda*, Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Notas das meditações [de Luigi Giussani]. Rimini, 1993, suplemento de *Litterae communionis-CL*, n. 6, 1993, p. 5.

² W. A. Mozart, *Requiem em ré menor*, KV 626, III. Sequentia, n. 3 Rex Tremendae, CD “Spirto Gentil”, n. 5.

³ Lc 18,13.

dioso do Pai feito visível no rosto de Cristo e sustentado pelo Espírito que guia os passos dos fiéis ao longo da história. A misericórdia é a via que une Deus e o homem, abrindo o coração para a esperança de sermos amados para sempre apesar do limite do nosso pecado. O Santo Padre auspica que todos os que seguem o carisma do saudoso Luigi Giussani deem testemunho da misericórdia professando-a e encarnando-a na vida mediante obras de misericórdia corporais e espirituais e sejam sinal da proximidade e da ternura de Deus, para que a sociedade hodierna redescubra a urgência da solidariedade, do amor e do perdão. Ele invoca a proteção celeste da Virgem Maria e, enquanto pede que rezem em apoio ao seu ministério petrino, confere de coração ao senhor e a todos os participantes a implorada bênção apostólica, estendendo-a a todos os que estão conectados via satélite e à inteira Fraternidade. Cardeal Pietro Pasolin, Secretário de Estado de Sua Santidade”.

“Então, o discípulo que Jesus mais amava disse a Pedro: ‘É o Senhor!’. Simão Pedro, ouvindo dizer que era o Senhor, vestiu e arregaçou a túnica (pois estava nu) e lançou-se ao mar.” Estando com ele, “nenhum dos discípulos se atrevia a perguntar quem era ele, pois sabiam que era o Senhor”.⁴

“Depois que se sentou à mesa com eles, tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu a eles. Neste momento, seus olhos se abriram, e eles o reconheceram. Ele, porém, desapareceu da vista deles. Então um disse ao outro: ‘Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?’”⁵

Os relatos das aparições de Cristo ressuscitado registram constantemente o espanto dos discípulos ao vê-Lo vivo diante deles. É a Sua presença viva que domina, determinando o ser e o agir deles.

É comovente ver como Jesus se curva sobre a necessidade deles, sobre a desorientação que neles deixou a Sua paixão e morte: Ele responde ao medo, ao choro, à solidão, às dúvidas, à saudade dos discípulos com a Sua presença. De onde nasce essa urgência deles? Depois de tudo o que haviam visto e vivido por anos, por que é tão premente a necessidade deles? Porque toda a história vivida com Jesus, os três anos passados com Ele, os fatos vistos, as palavras escutadas não são suficientes para responder à necessidade presente deles.

A lembrança de um passado, por mais fascinante que seja, não adianta para enfrentar o agora presente. E, com efeito, os discípulos de Emaús di-

⁴ Jo 21,7.12.

⁵ Lc 24,30-32.

ziam entre si: “Nós esperávamos que fosse ele quem libertaria Israel; mas, com tudo isso, já faz três dias que todas essas coisas aconteceram!”.⁶ Todos os sinais vistos, a convivência deles e o ter comido e bebido com Ele não conseguiam vencer o desconcerto, o medo e a solidão. Isto ficará sempre ilustrado no choro de Maria Madalena. Só a Sua presença viva constitui uma resposta à altura da necessidade deles. E assim é revelada aos discípulos, por meio da experiência deles, a natureza própria do cristianismo. O cristianismo não é uma doutrina, uma ética, um sentimento, mas o fato de uma Presença presente, que domina o olhar de quem a intercepta, uma Presença cuja única preocupação é mostrar-se, invadir a vida de Seus amigos, até o ponto de fazê-los experimentar uma vida sem medo, sem tristeza, não obstante Ele não esteja com eles como estava antes de morrer.

Aquela Presença viva é o que eles têm em comum. Aquela Presença constitui o único fundamento verdadeiro da comunhão deles. E justamente esta experiência os faz ser mais conscientes da diversidade deles.

1. O estilo de Deus

Esta forma de Deus agir, esta revelação a eles depois da ressurreição, que os fazia ser tão diferentes de todos os outros homens, torna ainda mais premente a pergunta feita por Judas Tadeu durante a Última Ceia: “Senhor, como se explica que tu te manifestarás a nós e não ao mundo?”.⁷ Retomando esta pergunta em seu livro sobre Jesus, Bento XVI acrescenta: “Por que é que não Te opuseste com força aos teus inimigos que Te levaram à cruz? Por que não lhes demonstraste, com vigor irrecusável, que Tu és o Vivente, o Senhor da vida e da morte? Por que é que Te mostraste apenas a um pequeno grupo de discípulos, em cujo testemunho temos agora de nos fiar? A pergunta, porém, diz respeito não só à ressurreição, mas a todo o modo como Deus se revela ao mundo. Por que só a Abraão, por que não aos poderosos do mundo? Por que só a Israel, e não de modo indiscutível a todos os povos da terra?”.⁸

E eis a sua resposta: “É próprio do mistério de Deus agir desse modo suave. Só pouco a pouco é que Ele constrói na grande história da humanidade a sua história. Torna-se homem, mas de modo a poder ser ignorado pelos contemporâneos, pelas forças respeitáveis da história. Padece

⁶ Lc 24,21.

⁷ Jo 14,22.

⁸ J. Ratzinger/Bento XVI, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a ressurreição*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011, p. 246.

e morre, e, como ressuscitado, quer chegar à humanidade apenas através da fé dos Seus, aos quais se manifesta. Sem cessar, Ele bate suavemente às portas dos nossos corações e, se Lhe abrirmos, lentamente vai-nos tornando capazes de ‘ver’⁹ e, então, de entender.

Neste ponto, Bento XVI observa: “Contudo, não é este precisamente o estilo divino? Não se impor pela força exterior, mas dar liberdade, conceder e suscitar amor. E – pensando bem – não é o aparentemente mais pequenino o realmente grande? Porventura não irradia de Jesus um raio de luz que cresce ao longo dos séculos, um raio que não podia provir de nenhum simples ser humano, um raio mediante o qual entra verdadeiramente no mundo o esplendor da luz de Deus? Teria o anúncio dos apóstolos podido encontrar fé e edificar uma comunidade universal se não operasse neles a força da verdade [a força do Alto]? Se ouvirmos as testemunhas com coração atento e nos abrirmos aos sinais com que o Senhor não cessa de autenticar as Suas testemunhas e de atestar-se a si mesmo, então saberemos que ele verdadeiramente ressuscitou; Ele é o Vivente. A Ele nos entregamos, sabemos que assim caminhamos pela estrada justa. Com Tomé, metamos a nossa mão no lado transpassado de Jesus e professemos: ‘Meu Senhor e meu Deus!’ (Jo 20,18)”¹⁰. É isto o que é perturbador, naquele tempo como hoje.

O ponto de partida dos discípulos era esse fato indelével. A consciência deles era definida pela manifestação de Cristo, pelo encontro vivo com o Vivente. Mas justo este fato suscitava neles a pergunta: por que nos escolheste a nós? E esta pergunta escancarava-os para a consciência do método de Deus: escolher alguns (eleição, preferência) para chegar a todos; e do Seu modo de agir: um estilo suave. O estilo divino é não intervir com o poder da força, mas suscitar a liberdade sem forçar de nenhum modo. Péguy relembra-nos isto de forma assombrosa: “Por esta liberdade [...] sacrifiquei tudo, diz Deus, / Pelo prazer que tenho em ser amado por homens livres, / Livrementem”¹¹.

Este método de Deus – a consciência deste método – é particularmente importante neste momento, porque “hoje não vivemos uma época de mudança, mas uma mudança de época”,¹² como diz o Papa Francisco; nos últimos anos, temos voltado com frequência a este tema da mudança.

⁹ Ibidem.

¹⁰ Ibidem, p. 246-247.

¹¹ C. Péguy, “Il mistero dei santi innocenti”. In: Idem, *I Misteri*. Milão: Jaca Book, 1997, p. 343.

¹² Francisco, *Discurso aos participantes do V Congresso da Igreja Italiana*, Florença, 10 de novembro de 2015.

A nova situação caracterizada pelo colapso de muitas seguranças antigas provoca em nós também, como nos discípulos, o desconcerto, o medo, as dúvidas sobre como ficar diante dela.

Numa recente e clamorosa entrevista, Bento XVI pôs em evidência a chave – a dimensão crucial – dessa mudança de época: “Para o homem de hoje, em relação ao tempo de Lutero e à perspectiva clássica da fé cristã [dominada pela preocupação com a salvação eterna], as coisas em certo sentido viraram de cabeça para baixo [...]. Já não é o homem que acredita precisar da justificação perante Deus, mas é, isto sim, do parecer de que seja Deus quem tenha de justificar-se [perante o homem] por causa de todas as coisas horrendas presentes no mundo e em face da miséria do ser humano, todas coisas que em última análise dependeriam d’Ele”.¹³

Estamos diante de uma verdadeira e própria inversão do ônus da prova. Agora é Deus quem deve de algum modo justificar-se, não mais o homem: esta é a situação em que estamos, esta é a “tendência de fundo do nosso tempo”.¹⁴ Em certo sentido, é Deus quem deve justificar-se perante o homem, e não vice-versa; é Deus, paradoxalmente, quem – dito em termos positivos – tem de mostrar que está à altura do homem, de seu pedido, de seu grito. “As coisas, em certo sentido, viraram de cabeça para baixo”, inverteu-se o ônus da prova: esse ônus agora está a cargo de Deus. É Ele quem tem de demonstrar que está ali para o homem, que lhe é indispensável para viver.

É impressionante como Dom Giussani identificou com antecedência os sinais e o alcance desta mudança epocal e fez dessa mudança a pedra angular de seu método. É como se Deus, Deus feito homem, e a Sua presença histórica, a Igreja, tivessem de se justificar perante os homens ou – com palavras que nos são mais familiares – é como se Deus, a Igreja, “tivessem de comparecer ao tribunal onde você é juiz mediante a sua experiência”.¹⁵

Precisamente isto caracterizou o começo do nosso movimento. Diferentemente de muitos outros, já nos anos 1950 Dom Giussani percebeu que o cristianismo, mesmo sendo o pano de fundo tradicional de todos, já não exercia atração sobre os jovens com os quais se relacionava em Milão e na escola. Era evidente para ele que Deus feito homem, Cristo, tinha novamente de “se justificar” perante aqueles jovens homens que nem

¹³ “Entrevista com S.S. o Papa Emérito Bento XVI sobre a questão da justificação pela fé”. In: Daniele Libanori (Org.), *Per mezzo della fede*. Cisinello Balsamo (MI): San Paolo, 2016, p. 127. Ver também: *L’Osservatore Romano e Avvenire*, 16 de março de 2016.

¹⁴ *Ibidem*, p. 128.

¹⁵ L. Giussani, *L’io rinasce in un incontro (1986-1987)*. Milão: BUR, 2010, p. 300.

queriam saber de Deus, que consideravam, aliás, que deviam finalmente livrar-se d'Ele. O cristianismo, portanto, devia ser reproposto de acordo com sua natureza: um acontecimento que investe a vida agora e a muda.

Sem querer impor nada de fora, desde o primeiro dia de escola Dom Giussani submeteu-se ao tribunal de seus alunos, confia sua proposta ao juízo deles: “Não estou aqui para que vocês considerem como suas as ideias que eu lhes transmito, mas para lhes ensinar um método verdadeiro para julgar as coisas que eu lhes direi”.¹⁶

Os elementos característicos deste método resumem-se no anúncio do cristianismo como acontecimento que se propõe à verificação da nossa experiência. Por isso, desde o início, como atesta o primeiro capítulo d'*O senso religioso*, Dom Giussani torna seus jovens interlocutores conscientes de que têm em si mesmos o critério para julgar a proposta que lhes fará: o coração.

E no terceiro volume do PerCurso (*Por que a Igreja*) reafirma que a proposta de Cristo, que chega hoje aos homens por meio da Igreja, “quer mensurar-se” justamente com aquele critério de juízo, “colocando a si mesma à mercê da autêntica experiência humana. Ela abandona a sua mensagem à ação dos critérios originais do nosso coração. Não pede cláusulas a serem cumpridas mecanicamente, entrega-se ao juízo da nossa experiência, aliás, solicita-a continuamente a percorrer o seu caminho completamente [...] A Igreja repete com Jesus que pode ser reconhecida como crível em nome de uma correspondência às necessidades elementares do homem no seu mais autêntico florescer. É o que Jesus entendia com a expressão, já citada, com a qual promete aos Seus discípulos ‘o cêntuplo’ neste mundo”. Continua Dom Giussani: “É como se, portanto, também a Igreja dissesse ao homem: ‘Comigo obterás uma experiência de plenitude de vida que não encontrarias em outro lugar’. É sobre o fio da navalha desta promessa que a Igreja põe à prova a si mesma, ao se propor a todos os homens como prolongamento de Cristo”.¹⁷

Qual é, então, a justificação de Deus perante o homem, perante nós? A justificação de Deus chama-se “correspondência”, uma correspondência de outra forma impossível às exigências profundas e inextirpáveis do coração do homem, de todo homem, do homem real, aquelas exigências pelas quais ele é perseguido, a despeito de si mesmo, por uma inquietude insanável depois de qualquer conquista. Deus justifica-se perante o homem por aquele “melhor”, por aquele florescimento que Ele gera na

¹⁶ L. Giussani, *Educar é um risco*. Bauru: EDUSC, 2004, p. 16.

¹⁷ L. Giussani, *Por que a Igreja*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 310.

vida, por aquela plenitude de humanidade que introduz na existência e que não é obtível pelo homem só com as próprias forças.

A Igreja, enfim, não engana, insiste Dom Giussani, porque “tudo o que diz e faz está totalmente à disposição da verificação de quem quer que seja. A sua fórmula é: prove você, prove você! Abandona totalmente sua proposta ao conteúdo da experiência: é você quem julga”. E acrescenta: “Mais aberta do que isso, impossível! [...] A Igreja não engana, no sentido de que não impõe nada que você, se não estiver persuadido, seja obrigado a entender”.¹⁸

2. “Sinal dos tempos”

Como se pode justificar, então, a Igreja perante nós e perante os homens? É preciso identificar bem a questão, como Dom Giussani nos repetiu muitas vezes citando Niebuhr: “Nada é tão inacreditável quanto a resposta a uma pergunta que não se coloca”.¹⁹ É preciso identificar qual é o problema de hoje, para que a resposta seja perceptível por cada um de nós como crível.

Qual é a pergunta de hoje, do homem de hoje? O Papa Bento XVI, na entrevista citada, identifica-a neste modo: “A percepção de que nós precisamos da graça e do perdão”.²⁰ Por conseguinte, a Igreja poderá justificar-se perante o homem de hoje se responder a essa sua necessidade de graça e de perdão.

Esta é a razão que leva Bento XVI a afirmar: “Para mim é um ‘sinal dos tempos’ o fato de a ideia da misericórdia de Deus tornar-se sempre mais central e dominante”. Já “o Papa João Paulo II estava profundamente impregnado de tal impulso. [...] A partir das experiências em que, desde os primeiros anos de vida, ele veio a constatar toda a crueldade dos homens, ele afirma que a misericórdia é a única verdadeira e última reação eficaz contra o poder do mal. Só onde há misericórdia é que termina a crueldade, terminam o mal e a violência”.²¹ João Paulo II não fez mais do que propor a misericórdia como única resposta verdadeira ao mal e à violência. “O Papa Francisco está totalmente de acordo com esta linha. Sua prática pastoral exprime-se justamente no fato de ele nos falar continuamente da misericórdia de Deus. É a misericórdia o que nos

¹⁸ L. Giussani, *Una presenza che cambia*. Milão: BUR, 2004, p. 294.

¹⁹ R. Niebuhr, *Il destino e la storia*. Milão: BUR, 1999, p. 66.

²⁰ “Entrevista com S. S. o Papa Emérito Bento XVI sobre a questão da justificação pela fé”, op. cit., p. 128.

²¹ *Ibidem*, p. 128-129.

move para Deus [é a misericórdia o que nos atrai], ao passo que a justiça nos assusta [...]. A meu ver”, continua este perspicaz observador que é Bento XVI, “isto deixa em evidência que sob o verniz da segurança de si e da própria justiça o homem de hoje esconde uma profunda consciência das suas feridas e da sua indignidade diante de Deus. Ele está à espera da misericórdia. Certamente não é por acaso que a parábola do bom samaritano seja particularmente atraente para os contemporâneos. E não só por nela estar fortemente sublinhada a componente social da existência cristã”, mas também porque, observa Bento, ela diz como “os homens em seu íntimo esperam que o samaritano venha em seu auxílio, que ele se curve sobre eles, derrame óleo em suas feridas, cuide deles e os leve ao abrigo. Em última instância, eles sabem que precisam da misericórdia de Deus e da sua delicadeza. Na dureza do mundo tecnicizado, no qual os sentimentos já não contam nada, aumenta porém a espera por um amor salvífico que seja doado gratuitamente. Parece-me que no tema da misericórdia divina se expresse de maneira nova aquilo que significa a justificação pela fé. A partir da misericórdia de Deus, que todos buscam, é possível também hoje interpretar desde o início o núcleo fundamental da doutrina da justificação e fazê-lo aparecer de novo em toda a sua relevância”.²²

Esta descrição de Bento XVI foi plenamente acolhida por seu sucessor. Identificando profundamente essa necessidade que todos temos da misericórdia de Deus, a genialidade do Papa Francisco foi ter proclamado um Ano Santo da Misericórdia. Há no Papa (assim como em João Paulo II e em Bento XVI, acabamos de vê-lo) uma profunda sensibilidade pelo homem contemporâneo, uma inteligência da sua condição, uma apreensão por suas inquietudes e por suas feridas, que com frequência surpreende e desconcerta, fora e dentro da Igreja, porque quebra as medidas de sempre, os esquemas consolidados, de um lado e de outro.

À pergunta do entrevistador: “*Por que razão, segundo o senhor, este nosso tempo e a nossa humanidade precisam tanto de misericórdia?*”, o Papa Francisco responde: “Porque é uma humanidade ferida, uma humanidade que possui feridas profundas. Não sabe como curá-las ou acredita que não é possível curá-las”. É este, então, o drama que hoje se acrescenta: “Considerar o nosso mal, o nosso pecado, como incurável, como algo que não pode ser curado e perdoado. Falta a experiência concreta da misericórdia. A fragilidade dos tempos em que vivemos é também esta: acreditar que não existe a possibilidade de redenção, alguém que nos dá a mão que nos

²² Ibidem, p. 129.

levanta, um abraço que nos salva, perdoa, anima, que nos inunda de um amor infinito, paciente, indulgente; que nos coloca de novo nos trilhos”.²³ Vê-se no Papa uma inteligência do problema e do caminho: de quais são as feridas e do que pode curá-las, de como podem curar-se.

O homem contemporâneo precisa da “experiência concreta da misericórdia”. Mesmo em face da desorientação do pensamento, que também fere muitas pessoas, o Papa sabe que não se pode recuperar a ontologia – ou seja, a verdade do ser humano, a consciência clara de si – simplesmente com um discurso correto sobre o homem ou com uma repetição do conteúdo da doutrina moral, mas só através da experiência da misericórdia, que pode escancarar a entender também a doutrina.

Por isso, para responder às feridas profundas do homem contemporâneo, o Papa não organizou um congresso sobre a misericórdia, não se limitou a propor uma reflexão sobre o tema, mas promoveu um gesto que nos permitisse primeiramente a nós fazer a experiência da misericórdia durante um ano inteiro, acompanhando-nos em vivê-lo com o seu chamado.

Para intervir realmente nas aflições humanas, para responder ao homem concreto com sua carga de fragilidade, a Igreja – portanto cada um de nós – precisa, antes de tudo, experimentar o abraço da misericórdia de Deus, de modo a poder comunicá-lo a todos os irmãos homens que encontramos ao longo do caminho.

É esta a finalidade do Jubileu da Misericórdia, em continuidade com o método “imperceptível” de Deus: chegar a todos por meio dos Seus, ou seja, por meio da Igreja, a companhia daqueles que Ele escolhe e que O reconhecem. Propondo o Jubileu à Igreja, o Santo Padre mostra que não sucumbiu ao erro de dar por óbvio o sujeito que tem de testemunhar a misericórdia e o “lugar” em que ele é gerado.²⁴

Vê-se esta consciência da finalidade e do método em atuação no fato mesmo de colocar a pergunta: “*Por que um Jubileu da Misericórdia? O que significa isto?*”, e no modo de responder: “A Igreja” – ou seja, cada um de nós – “tem necessidade deste momento extraordinário. Não digo: é bom para a Igreja este momento extraordinário. Digo: a Igreja tem

²³ Francisco, *O nome de Deus é Misericórdia*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016, p. 45-46.

²⁴ “A fé tem necessidade de um âmbito onde se possa testemunhar e comunicar, e que o mesmo seja adequado e proporcionado ao que se comunica. Para transmitir um conteúdo meramente doutrinal, uma ideia, talvez bastasse um livro ou a repetição de uma mensagem oral; mas aquilo que se comunica na Igreja, o que se transmite na sua Tradição viva é a luz nova que nasce do encontro com o Deus vivo, uma luz que toca a pessoa no seu íntimo, no coração, envolvendo a sua mente, vontade e afetividade” (Francisco, Carta encíclica *Lumen fidei*, §40).

necessidade deste momento extraordinário. Na nossa época de profundas mudanças, a Igreja é chamada a oferecer a sua contribuição peculiar, tornando visíveis os sinais da presença e da proximidade de Deus. E o Jubileu é um tempo favorável para todos nós a fim de que, contemplando a Misericórdia Divina que supera todos os limites humanos [...] possamos tornar-nos testemunhas mais convictas e eficazes”.²⁵ A finalidade é testemunhar. O método é a contemplação, quer dizer, a imersão na experiência da misericórdia, porque o primeiro a ser necessitado é o povo cristão, ou seja, nós, cada um de nós.

Que significa, em última instância, tudo isto para nós? “Dirigir o olhar para Deus, Pai misericordioso, e para os irmãos necessitados de misericórdia significa prestar atenção ao *conteúdo essencial do Evangelho*: Jesus, Misericórdia que se fez carne, que torna visível aos nossos olhos o grande mistério do Amor trinitário de Deus”. Portanto “celebrar um Jubileu da Misericórdia equivale a pôr de novo no centro da nossa vida pessoal e das nossas comunidades o específico da fé cristã, ou seja, Jesus Cristo, o Deus misericordioso”.²⁶ Sim, insiste o Papa na bula de proclamação do Jubileu, “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré”.²⁷ O Ano Santo, então é “*para viver a misericórdia*. Sim, caros irmãos e irmãs, este Ano Santo é-nos oferecido para experimentar na nossa vida o toque dócil e suave do perdão de Deus, a sua presença ao nosso lado e a sua proximidade sobretudo nos momentos de maior privação”.²⁸ É Jesus resuscitado que se inclina sobre as nossas feridas hoje.

“Em síntese, este Jubileu é um momento privilegiado para que a Igreja aprenda a escolher unicamente ‘*o que mais agrada a Deus*’. E, que ‘*mais agrada a Deus*?’”, pergunta-se o Papa Francisco. “Perdoar os seus filhos, ter misericórdia deles a fim de que, por sua vez, também eles possam perdoar os irmãos, resplandecendo como tochas da misericórdia de Deus no mundo. [...] O Jubileu será um ‘tempo favorável’ para a Igreja, se aprendermos a escolher ‘*o que mais agrada a Deus*’, sem ceder à tentação de pensar que existe algo mais importante ou prioritário. Nada é mais importante do que escolher ‘*o que mais agrada a Deus*’,

²⁵ Francisco, *Audiência geral*, 9 de dezembro de 2015.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ Francisco, *Misericordiae vultus: Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*, 11 de abril de 2015, §1.

²⁸ Francisco, *Audiência geral*, 9 de dezembro de 2015.

ou seja, a sua misericórdia, o seu amor, a sua ternura, o seu abraço, as suas carícias!”²⁹

E antecipando uma possível objeção, como que lendo o nosso pensamento, o Papa acrescenta: “Sem dúvida, alguém poderia objetar: ‘Mas, Padre, neste Ano a Igreja não deveria fazer algo mais? É bom contemplar a misericórdia de Deus, mas há muitas necessidades urgentes!’. É verdade, há muito para fazer, e eu sou o primeiro que não me canso de o recordar. Mas é preciso ter em consideração que, na raiz do esquecimento da misericórdia, está sempre *o amor-próprio*. No mundo, ele assume a forma da busca exclusiva dos próprios interesses, de prazeres e honras unidas ao desejo de acumular riquezas, enquanto na vida dos cristãos se disfarça muitas vezes de hipocrisia e mundanidade. Tudo isto é contrário à misericórdia. Os impulsos do amor-próprio, que tornam alheia a misericórdia no mundo, são tantos e tão numerosos que muitas vezes nem sequer somos capazes de os reconhecer como limites e como pecado. Eis porque é necessário reconhecer que somos pecadores, para revigorar em nós a certeza da misericórdia divina. ‘Senhor, sou um pecador; Senhor, sou uma pecadora: vem com a tua misericórdia!’. É uma oração muito bonita. É uma prece fácil de recitar todos os dias: ‘Senhor, sou um pecador; Senhor, sou uma pecadora: vem com a tua misericórdia!’”³⁰

3. “Eu te esperei dia e noite”

Cada um de nós tem agora a possibilidade de comparar-se com esta palavra de autoridade do Papa Francisco, que coincide com a de João Paulo II e a de Bento XVI, como afirmou este último. A “raiz do esquecimento da misericórdia” é a prevalência de outros interesses. Os profetas sempre nos tiram da posição em que estamos. Mas a nossa esperança é justamente estarmos disponíveis a sair do lugar.

Relendo estes textos, não pude deixar de pensar em como, numa situação particularmente desafiadora – que foi o início do 1968, logo após a

²⁹ “Inclusive a necessária obra de renovação das instituições e das estruturas da Igreja é um meio que deve levar-nos a fazer a experiência viva e vivificante da misericórdia de Deus, a única que pode garantir que a Igreja seja aquela cidade posta sobre um monte que não pode permanecer escondida (cf. Mt 5, 14). Só resplandece uma Igreja misericordiosa! Se, por um só momento, nos esquecêssemos de que a misericórdia é ‘*o que mais agrada a Deus*’, todos os nossos esforços seriam vãos, porque nos tornaríamos escravos das nossas instituições e das nossas estruturas, por mais renovadas que possam ser. Mas seríamos sempre escravos!” (Francisco, *Audiência geral*, 9 de dezembro de 2015).

³⁰ Francisco, *Audiência geral*, 9 de dezembro de 2015.

ocupação da Universidade Católica (da qual participaram muitos membros de GS) –, Dom Giussani identificou a essência da questão no fato de que não esperávamos o Senhor “dia e noite”; tínhamos outros interesses e coisas mais importantes que fazer além de “esperá-Lo dia e noite”. Referindo-se àquela situação, Dom Giussani afirmava sem titubear: “A inteligência da situação e das coisas que fazer [...] nos faltou [...] porque não O esperamos dia e noite.” Por quê? Que quer dizer que não O esperávamos? Significa que esperávamos outra coisa, que esperamos algo diferente disto, ou seja, que o nosso centro não era Cristo. “Assim – a meu ver – se O tivéssemos esperado dia e noite, até a postura dos nossos na convivência deles na Universidade Católica teria sido diferente; foi tão generoso, mas quão verdadeiro?” Para Dom Giussani, com efeito, “a verdade do gesto não nasce de uma astúcia política”, mas “de esperá-Lo dia e noite; de outra forma o nosso discurso se confunde com o dos outros e se torna instrumento do discurso dos outros. Podemos fazer nossas coisas e adotar como paradigma, sem o percebermos, o de todos, o paradigma oferecido por todos os outros. É por esperá-Lo dia e noite que se distingue o nosso discurso, [que se distinguem] as nossas ações”.³¹

Não é questão de coerência ou de já ter tudo claro. Porque se pode “esperá-Lo dia e noite” até na aproximação de todas as tentativas que são feitas, até descontando a própria pouquidão. É uma questão de desejo, de espera. Uma coisa, com efeito, é sempre esperada, desejada, afirmada como “última” em cada momento, “pelo simples fato de viver cinco minutos”:³² se não é Cristo o desejado, o esperado, é forçosamente outra coisa. Mas isto significa que é dessa outra coisa, não de Cristo e do encontro vivo com Ele, não da comunhão com Ele e da edificação da Sua presença no mundo, que esperamos uma mudança das coisas, da situação – pessoal ou social –. O problema não é a imaturidade das tentativas que fazemos, mas se o desejo e a espera pela Sua presença são a fonte das nossas ações.

“Talvez [dizia novamente Dom Giussani, naquela mesma ocasião, em novembro de 1967] isto não seja dito explicitamente, mas desejamos algo além disto. Este não é um princípio – atenção –, não pode ser afirmado somente como princípio uma vez, deve ser um princípio recuperado todos os dias. Deve ser um *habitus* mental, deve ser uma mentalidade. Deve implicar tudo, o justo e o injusto, o mérito e o erro, o dia e a noite: ‘Eu te

³¹ ARQUIVO HISTÓRICO DA ASSOCIAÇÃO ECLESIAL MEMORES DOMINI (AHAEMD), *Documentação audiovisual*, Retiro de Advento do Grupo Adulto, Milão, 19 de novembro de 1967; ver também A. Savorana, *Vita di don Giussani*. Milão: BUR, 2014, p. 391ss.

³² L. Giussani, *O senso religioso*. Brasília: Universa, 2009, p. 91.

esperei dia e noite’. Neste sentido, pensem, por favor, como a origem, no fundo, de tudo – quer a origem de uma possível deserção ou a diminuição dessa espera, ou o fato de esse desejo não criar um *habitus* mental, uma mentalidade –, como tudo depende do fato de se taparem as orelhas diante da profecia que foi feita. Porque Deus manda o profeta para nos alertar. A vocação é sempre por meio da profecia, por meio da voz de um profeta, sempre. Entendem como na raiz está – e assim se concretiza, sem ser banalizado o desejo, o ‘Vem’ de que falávamos antes – o não escutarmos a nossa comunhão? Porque o grupo é a profecia, é o ponto de alerta, é o lugar de chamado. Aqui está a raiz amarga, podre. E estranhamente é justamente uma posição tão equívoca a que podemos ter também a respeito disto; porque valorizar o grupo não é valorizá-lo sentimentalmente, não é valorizá-lo como ombro a ombro, como calor perto de calor, mas como discurso”,³³ ou seja como juízo.

Dom Giussani não fez nada além de nos chamar a atenção constantemente para esse esperá-Lo dia e noite, que é essencial para viver. Quantas vezes, na frente das contínuas faltas de cada um de nós, da traição, nos chamou a atenção, sem escândalo: “Para entender o que é a traição, temos de pensar na nossa distração, porque é uma traição passar os dias, as semanas, os meses... olhem para ontem à noite, quando pensamos n’Ele? Quando pensamos n’Ele seriamente, com coração, no último mês, nos últimos três meses, de outubro até agora? Nunca. Não pensamos nunca n’Ele como João e André pensavam enquanto o ouviam falar. Se fizemos perguntas sobre Ele foi por curiosidade, análise, exigência de análise, de busca, de esclarecimento. Mas que tenhamos pensado n’Ele como alguém realmente apaixonado pensa na pessoa pela qual se apaixonou (mesmo aqui rarissimamente acontece, pois tudo é calculado com base no retorno!), puramente, de modo absolutamente, totalmente distanciado, como puro desejo de bem”.³⁴ Como é raro que pensemos n’Ele como uma Presença presente, amada! Bastaria fazer a comparação com os discípulos nos dias seguintes à Páscoa, depois que O tinham visto ressuscitado: o que dominava o pensamento deles, o que prevalecia no olhar deles? Estavam todos tomados por uma Presença que lhes tirava o medo e a tristeza. Mas uma pessoa escreveu: “Li por acaso esta carta simples de Emily Dickinson a uma amiga. Ela me impressionou, porque a senti descrever muito sucintamente a saudade de Cristo: ‘*Morning without you*

³³ AHAEMD, *Documentação audiovisual*, Retiro de Advento do Grupo Adulto, Milão, 19 de novembro de 1967.

³⁴ L. Giussani, *É possível viver assim?*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008, p. 273-274.

is a *dwindled Dawn*’ [A manhã sem você é uma aurora diminuída]. Dentro de toda a confusão, só o afeto por Ele muda a vida, e sem Ele a vida tem menos graça – *a dwindled Dawn*”.³⁵

Em 1982, aos participantes dos primeiros Exercícios da Fraternidade, olhando para os rostos de muitos presentes, pensando no frescor do encontro que os havia conquistado e levado até ali, dizia: “Quem sabe se nos comovemos ainda, como nos comovíamos em Varigotti”, ou seja, no início de GS. E continuava: “Vocês cresceram: enquanto garantiram para si mesmos uma capacidade humana na própria profissão, há uma como, se possível, distância de Cristo (comparando à emoção de muitos anos atrás, especialmente de certas circunstâncias de muitos anos atrás). [...] É como se Cristo estivesse distante do coração”.³⁶

E nós? Percebemos a urgência de sermos perdoados, reabraçados por todas as nossas quedas, pela nossa distração, pelo esquecimento conivente que invade os nossos dias, pela nossa traição, a nossa miséria? O que domina em nossa vida – em nosso pensamento e em nosso olhar – neste período de confusão, de desorientação? Sentimos a necessidade da Sua Misericórdia? São Bernardo expressa-o bem com esta frase: “O homem começa a sua verdade no reconhecimento da sua miséria”.³⁷

Mas o reconhecimento da nossa miséria não é suficiente; marca o começo da verdade de nós, mas não basta. Em muitas ocasiões, de fato, damo-nos conta de quão insuficiente seja. É preciso alguém que suscite em nós a necessidade de sermos perdoados.

É para isto que nos chama o Ano da Misericórdia, como ocasião para nos tornar conscientes de como precisamos de que Ele se incline sobre as nossas distrações, sobre as nossas feridas, para nos atrair de novo, como aos discípulos depois do desconcerto da Sua paixão e morte. É como se precisássemos daquilo que dizia Dostoiévski: “Mas quereis castigá-lo de maneira terrível, temível, com o mais terrível dos castigos que se pode imaginar, porém com a finalidade de salvá-lo e fazer renascer sua alma para sempre? Se é assim, esmagai-o com vossa clemência! Vereis, ouvireis como sua alma estremecerá e ficará horrorizada: ‘Sou eu que vou arcar

³⁵ Cf. “April 1885, (L 981)”. In: Thomas H. Johnson (Ed.), *The letters of Emily Dickinson*. Cambridge MA: The Belknap Press of Harvard University Press, 1958.

³⁶ Cf. L. Giussani, A familiaridade com Cristo, *Passos-Litterae Communionis*, n. 2, mar. 2007, p. 2.

³⁷ “*Primus veritatis gradus est, primum seipsum attendere, seu propriam miseriam agnoscere*” (São Bernardo de Claraval, *De gradibus humilitatis et superbiae*, PL 182, col. 948).

com essa piedade, receber tanto amor, serei eu digno dele?"".38 É o que Deus faz conosco: “esmaga-nos” por um ano com a Sua misericórdia, para podermos chegar ao fim do ano com mais certeza dessa misericórdia e assim podermos abraçá-Lo.

Temos de crescer na “convicção da misericórdia”. Por isso nos convém escutar a voz do Papa, o profeta que Deus nos deu para guiar Seu povo neste tempo de reviravoltas epocais: “Também este Ano Extraordinário é dom de graça. Entrar por aquela Porta significa descobrir a profundidade da misericórdia do Pai que a todos acolhe e vai pessoalmente ao encontro de cada um. É Ele que nos procura, é Ele que nos vem ao encontro. Neste Ano, *deveremos crescer na convicção da misericórdia*. Que grande injustiça fazemos a Deus e à sua graça, quando se afirma, em primeiro lugar, que os pecados são punidos pelo seu julgamento, sem antepor, diversamente, que são perdoados pela sua misericórdia (cf. Santo Agostinho, *De praedestinatione sanctorum*, 12,24)! E assim é verdadeiramente. Devemos antepor a misericórdia ao julgamento e, em todo o caso, o julgamento de Deus será sempre feito à luz da sua misericórdia. Por isso, oxalá o cruzamento da Porta Santa nos faça sentir *participantes deste mistério de amor, de ternura*. Ponhamos de lado qualquer forma de medo e temor, porque não se coaduna em quem é amado; vivamos, antes, *a alegria do encontro com a graça que tudo transforma*”.39

Tem de crescer em nós a certeza de que a misericórdia é a única resposta verdadeira à situação do homem de hoje, às violências, às feridas, às dificuldades e às contradições que estamos atravessando.

O Papa ressalta, assim, a urgência da misericórdia: “Sentirmos intensamente em nós a alegria de ter sido reencontrados por Jesus, que veio, como Bom Pastor, à nossa procura, porque nos tínhamos extraviado”.40 E esclarece que esta é “a finalidade que a Igreja se propõe neste Ano Santo. Assim fortaleceremos em nós a certeza de que a misericórdia pode contribuir realmente para a edificação de um mundo mais humano. Especialmente nesta nossa época, em que o perdão é um hóspede raro nos âmbitos da vida humana, a exortação à misericórdia faz-se mais urgente, e isto em todos os lugares: na sociedade, nas instituições, no trabalho e também na família.”41

38 Cf. F. M. Dostoiévski, *Os irmãos Karamázov*. São Paulo: Ed. 34, 2008, vol. 2, p. 961.

39 Francisco, *Jubileu Extraordinário da Misericórdia: Homilia na Santa Missa e abertura da Porta Santa*, 8 de dezembro de 2015.

40 Francisco, *Homilia nas Primeiras Vésperas do Domingo da Divina Misericórdia*, 11 de abril de 2015.

41 Francisco, *Audiência geral*, 9 de dezembro de 2015.

Só alcançando esta certeza, que nos faz atravessar todo e qualquer medo, solidão, dúvida, é que poderemos enfrentar os enormes desafios desta mudança epocal com a única arma eficaz: o testemunho, finalidade última do Ano Santo: “Foi por isso que proclamei um *Jubileu Extraordinário da Misericórdia* [...], a fim de se tornar mais forte e eficaz o testemunho dos crentes”,⁴² como fez Jesus com os discípulos.

“É ingênuo crer que isto possa mudar o mundo?”; é como se o Papa antecipasse em si mesmo as nossas perguntas! “Sim, humanamente falando é uma loucura, mas ‘a loucura de Deus é mais sábia do que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens’ (1Cor 1,25).”⁴³ É esta convicção de São Paulo o que levou o Papa Francisco a dizer aos bispos do México: “A única força capaz de conquistar o coração dos homens é a ternura de Deus. Aquilo que encanta e atrai, aquilo que abranda e vence, aquilo que abre e liberta das cadeias não é a força dos meios nem a dureza da lei, mas a fragilidade onipotente do amor divino, que é a força irresistível da sua doçura e a promessa irreversível da sua misericórdia”. Mas “se o nosso olhar não dá testemunho de ter visto Jesus, então as palavras que recordamos d’Ele não passam de figuras retóricas vazias. Talvez expressem a nostalgia daqueles que não podem esquecer o Senhor, mas, em todo caso, são apenas o balbuciar de órfãos junto do sepulcro. No fim das contas, são palavras incapazes de impedir que o mundo fique abandonado e reduzido ao próprio poder desesperado”.⁴⁴

Deixemos que nestes dias o nosso coração se abra a essa misericórdia, escutando, respeitando o silêncio, para que o que vamos escutar nos mude e a presença d’Ele possa dominar em nós, como dominou na vida dos discípulos depois da ressurreição. Se estamos juntos, é para nos apoiarmos nisto.

⁴² Francisco, *Misericordiae Vultus: Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*, 11 de abril de 2015, §3.

⁴³ Francisco, *Audiência geral*, 9 de dezembro de 2015.

⁴⁴ Francisco, *Discurso no encontro com os bispos do México*, Cidade do México, México, 13 de fevereiro de 2016.

SANTA MISSA

Leituras da Santa Missa: 1Jo 1,5-2,2; Sl 102(103); Mt 11,25-30

HOMILIA DE PE. STEFANO ALBERTO

Enquanto confiamos a nossa pessoa, os nossos queridos, todo o nosso querido país, a Itália, à sua padroeira, à nossa padroeira, a Santa Catarina, perguntamo-nos por que *uma*, uma jovem se demonstrou instrumento para a unidade da Igreja, levando o Papa de volta para Roma, um instrumento de paz em meio às lutas fratricidas, tanto naquela época como hoje. Giussani responde com outras palavras que acabamos de ouvir, mas a substância é esta: “Eu te esperei dia e noite”, busquei-Te, ó Cristo. Esta é a possibilidade para cada um de nós neste momento objetivamente de graça: continuarmos doutos, ou seja, cheios daquilo que já sabemos, ou pedir que voltemos a ser pequenos, que voltemos a ser crianças na escuta e no silêncio, e sobretudo no entusiasmo, qualquer que seja a nossa história, o nosso presente, no entusiasmo diante deste convite: “Vinde a mim, todos vós que estais cansados e carregados de fardos, e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e sede discípulos meus, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vós”.

Sábado, 30 de abril, manhã

Na entrada e na saída:

Franz Schubert, Sonata para arpeggione e piano, D 821
Mstislav Rostropovich, violoncelo - Benjamin Britten, piano
“Spirto Gentil” n. 18, Decca

Pe. Pino. Vendo o anjo levar o anúncio a essa jovem mulher, vendo o “sim” de Maria, não relembramos um fato do passado, mas introduzimo-nos no presente, nesta hora, na possibilidade de aprender, como nos foi dito ontem citando o Papa Francisco, “a escolher ‘o que mais agrada a Deus’, sem cair na tentação de pensar que haja outra coisa que seja mais importante ou prioritária. Nada é mais importante que escolher ‘o que mais agrada a Deus’, ou seja, sua misericórdia, seu amor, sua ternura, seu abraço, suas carícias!”.

Angelus

Laudes

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Julián Carrón

“O palpitar do coração [de Deus] é a piedade do teu nada”

“Sob o verniz da segurança de si [...] o homem de hoje esconde um profundo conhecimento das suas feridas.”⁴⁵ Por isso, ele – ou seja, cada um de nós – está à espera da misericórdia. Daqui nasce a urgência de mergulharmos na história desta misericórdia, que é a única que pode permitir que olhemos para as nossas feridas, abracemos a nós mesmos. Rever essa história não é só lembrar um passado: percorrê-la significa entrar sempre mais no conhecimento daquela Presença sem a qual seria impossível olharmos para a nossa vida.

⁴⁵“Entrevista com S. S. o Papa Emérito Bento XVI sobre a questão da justificação pela fé”, op. cit., p. 129.

1. A misericórdia de Deus

“Não aprouve a Deus obrar a salvação de seu povo com a dialética”,⁴⁶ afirmava Santo Ambrósio. A dialética não adianta para curar as nossas feridas. Deus, que nos criou, sabe bem disso. E, com efeito, o início da salvação obrada por Deus é um gesto de piedade. O ponto de partida é um movimento de comoção, de amor, de compaixão. Deus entra na história por uma piedade para com o Seu povo.

“O Senhor lhe disse [a Moisés]: ‘Eu vi a opressão de meu povo no Egito, ouvi o grito de aflição diante dos opressores e tomei conhecimento de seus sofrimentos. Desci para libertá-los [...]. O grito de aflição dos israelitas chegou até mim. Eu vi a opressão que os egípcios fazem pesar sobre eles. E agora, vai! Eu te envio ao faraó para que faças sair o meu povo, os israelitas, do Egito’. Moisés disse a Deus: ‘Quem sou eu para ir ao faraó e fazer sair os israelitas do Egito?’ Deus lhe disse: ‘Eu estarei contigo; e este será para ti o sinal de que eu te envio: quando tiveres tirado do Egito o povo, vós servireis a Deus sobre esta montanha’.”⁴⁷

Esta é a “experiência fundamental do povo eleito”, escreve João Paulo II na *Dives in misericordia*. “O Senhor observou a aflição do seu povo, reduzido à escravidão, ouviu os seus clamores, deu-se conta dos seus sofrimentos e decidiu libertá-lo (Cf. Ex 3,7s.). Neste ato de salvação realizado pelo Senhor, o Profeta quis ver o seu amor e a sua compaixão (Cf. Is 63,9). A segurança de todo o povo e de cada um dos seus membros radica na misericórdia divina que pode ser invocada em todas as circunstâncias dramáticas.”⁴⁸

Peço-lhes que não deixem passar nenhuma destas expressões, pois sem essa misericórdia não há salvação, não há ponto de apoio real, tamanha é a nossa fragilidade: como os nossos dias comprovam, depois de um instante, de um momento de euforia, tudo desaba em nós. Então, observar a história do povo de Israel, considerar a trajetória de sua história, é crucial para nós, não é um mero acessório da vida. Nos relatos da Bíblia, vemos o povo viver da memória daquilo que plasmou a sua história.

O povo de Israel vive a memória do ato de libertação, de salvação, realizado por Deus, como atestam as palavras do profeta Isaías: “Quero lembrar os benefícios do Senhor, celebrar os louvores do Senhor, por tudo o que fez em nosso favor”, diz o profeta Isaías. “Pela grande bondade com a casa de

⁴⁶ Santo Ambrósio, *De Fide*, I,42: “*Sed non in dialectica conplacuit deo saluum facere populum suum*”.

⁴⁷ Ex 3,7-12.

⁴⁸ João Paulo II, Carta encíclica *Dives in Misericordia*, §4.

Israel, quando a beneficiou em sua ternura, em sua imensa misericórdia”,⁴⁹ ou seja, na grandeza ilimitada da Sua graça.

Qual é a origem de semelhante agir de Deus? “O frêmito das tuas entranhas”,⁵⁰ diz ainda Isaías. Deus, no profundo de Si, é esse frêmito pelo nosso destino. O gesto de Deus não é uma reação momentânea ante a miséria de Seu povo. Sua iniciativa inscreve-se numa história de preferência, que é descrita com o termo “Aliança”. Por isso não podia continuar indiferente ao lamento dos israelitas. “Eu também ouvi os gemidos dos israelitas, que os egípcios escravizaram, e lembrei-me da minha aliança.”⁵¹

A Aliança que havia estabelecido com Abraão continha uma promessa: “Agora, se realmente ouvirdes minha voz e guardardes a minha aliança”, que é o vínculo estabelecido com os judeus, “sereis para mim a porção escolhida”, ou seja, uma preferência única, “entre todos os povos”.⁵²

Dados os sinais dessa preferência inaudita, que resposta esperaríamos da parte de quem a havia recebido e experimentado? “Viver a própria vida”, diz Dom Giussani, “ao sabor dos sinais de Deus”.⁵³ Isto é claramente expresso pelo primeiro mandamento do Decálogo, que não é primeiramente um dever para cumprir, mas um convite voltado para suscitar a adesão. O primeiro mandamento ganha toda a sua luz no acontecimento de libertação e de salvação que Deus realizou com o Seu povo. Depois que Deus o fizera sair do Egito com braço forte, entre sinais clamorosos, o que havia de mais inteligente para o povo de Israel fazer do que reconhecê-Lo? “Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirou do Egito, da casa da escravidão. Não terás outros deuses além de mim.”⁵⁴ O que há de mais razoável do que corresponder ao Seu amor? “Ouve, Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. E trarás gravadas no teu coração todas estas palavras que hoje te ordeno. Tu as repetirás com insistência a teus filhos e delas falarás quando estiveres sentado em casa ou andando a caminho, quando te deitares ou te levantares.” O que há de mais interessante para fazer? “Tu as prenderás como sinal à tua mão e as colocarás como faixa entre os olhos; tu as escreverás nas entradas da tua casa e nos portões da tua cidade.”⁵⁵

⁴⁹ Is 63,7.

⁵⁰ Is 63,15.

⁵¹ Ex 6,5.

⁵² Ex 19,5.

⁵³ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1996, p. 39.

⁵⁴ Ex 20,2-3.

⁵⁵ Dt 6,4-9.

A memória é a condição da vida nova que brota deste acontecimento de libertação. É disto que precisamos: mergulhar nessa memória, que não é a mera lembrança de um passado. A libertação, com efeito, verificou-se no passado, mas Aquele que se revelou no passado é o Senhor, que permanece para sempre.

Quase imediatamente, porém, o povo assim preferido – sem comparação com nenhum outro – mostra seu verdadeiro rosto. É preciso olhá-lo de frente. “O Senhor disse a Moisés: ‘Vejo que este é um povo de cabeça dura’.”⁵⁶ Isto está documentado no fato de que “bem depressa desviaram-se do caminho que lhes prescrevi. Fizeram para si um bezerro de metal fundido, prostraram-se em adoração e ofereceram sacrifícios diante dele, dizendo: ‘Israel, aí tens os teus deuses, que te fizeram sair do Egito’”,⁵⁷ substituindo o Deus vivo por um particular. É esta a dinâmica do ídolo, descrita aqui de modo luminoso: o bezerro é identificado com Deus, diante dele o homem se prostra e lhe oferece sacrifícios, dizendo: “Israel, aí tens o teu Deus, que te fez sair do Egito”.

É comovente o desconcerto de Deus diante desse comportamento do povo: “Que injustiça encontraram em mim vossos pais, para de mim se afastarem e irem atrás do vazio, tornando-se vazios também eles?”.⁵⁸ É como se Deus quisesse, de alguma forma, justificar-se perante o povo que traiu a Aliança.

Diante da traição, Deus poderia ter largado mão de Israel, abandonando-o ao seu vazio, aos seus caprichos, como dá a entender o Salmo 81: “Porque eu sou o teu Deus e teu Senhor, que da terra do Egito te arranquei. / Abre bem a tua boca e eu te sacio! / Mas meu povo não ouviu a minha voz, / Israel não quis saber de obedecer-me. / Deixei, então, que eles seguissem seus caprichos, / abandonei-os ao seu duro coração”.⁵⁹

Mas logo após ter pronunciado estas palavras, em vez de entregar-se à própria ira, Deus volta a mendigar o amor de seu povo, não pode evitá-lo: “Quem me dera que meu povo me escutasse! / Que Israel andasse sempre em meus caminhos! / Seus inimigos, sem demora [!], humilharia / e voltaria minha mão contra o opressor. / Os que odeiam o Senhor, o adulariam, / seria este seu destino para sempre; / eu lhe daria de comer a flor do trigo, / e como o mel que sai da rocha o fartaria”.⁶⁰ Sem demo-

⁵⁶ Ex 32,9.

⁵⁷ Ex 32,8.

⁵⁸ Cf. Jr 2,5.

⁵⁹ Sl 81,11-13.

⁶⁰ Sl 81,14-17.

ra! Tão logo acenamos, Ele corre, prodigaliza-se, o que quer que tenha acontecido. Por isso, é preciso percorrer toda a história de Israel: pois é a história de cada um de nós; se não a percorrermos de ponta a ponta, se não a atravessarmos, qualquer coisa nos assustará e terminaremos por dizer “Não é possível!”. É com muita razão que o Papa Francisco afirma que nós achamos impossível um resgate do nosso erro, um abraço que nos perdoe.

Mas sem a misericórdia não há possibilidade de caminho para o povo, não há possibilidade de relação entre Deus e o homem. Assim entrou na história a luta entre o amor de Deus, que nunca deixa de procurar o homem, e a relutância do homem; é uma luta entre a preferência e a resistência, entre a preferência de Deus e a resistência do homem; é uma luta entre si mesmo e a medida misteriosa que se fez evidente na história do povo. “O critério adequado do seu agir de homem é Deus [...]. Ao invés disso, o homem tenta desde o início desnaturar a sua imagem de criatura feita ‘à semelhança’ de Deus, tende a estruturar a vida a partir de sua própria medida, que em formas mais ou menos refinadas e complexas não é outra coisa senão a reatividade do instante, quer se apresente como estado de espírito, como instinto, quer se apresente como opinião. [...] A mentira geral a nível de consciência é a tentação até mesmo naquele pequeno povo que Deus escolheu, mas ela ali se manifesta de maneira mais dramática, como luta entre *si próprio* e a medida misteriosa: é como se o homem tivesse de caminhar totalmente entregue a algo que não corresponde a nenhuma medida humana, e encontrasse alegria após ter-se abandonado; [que paz quando nos abandonamos!] mas, normalmente, [não é assim:] há dureza, resistência e rebeldia.”⁶¹

Diante desta feroz obstinação do homem, Deus é “forçado” a mostrar suas entranhas cheias de amor e de misericórdia. Exatamente como vocês, pais, como uma mãe diante da teimosia do filho: ou o joga contra a parede ou deve expor todas as suas entranhas de mãe. Não obstante o povo persista em sua resistência, Deus não consegue abandoná-lo: “Quando Israel era criança eu o amava, do Egito chamei o meu filho. Quanto mais, porém, eu os chamava, mais de mim eles se afastavam. Sacrificavam vítimas aos Baals, queimavam sacrifícios a seus ídolos. Sim, fui eu quem ensinou Efraim a andar, segurando-o pela mão. Só que eles *não percebiam* que era eu quem deles cuidava. Eu os lacei com laços de amizade, eu os amarrei com cordas de amor; fazia com eles como quem pega uma criança ao colo e a traz até junto ao rosto. Para dar-lhes de co-

⁶¹ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., p. 39-40.

mer eu me abaixava até eles. [...] Meu povo é propenso à rebeldia, chama por Baal, mas ele não é capaz de reerguê-los. Como poderia eu abandonar-te, Efraim? Como poderia entregar-te, Israel? [...] O coração se comove no meu peito, as entranhas se agitam dentro em mim!”⁶²

Mas o trecho em que se expressa mais dramaticamente essa luta entre a preferência de Deus e a resistência do homem talvez seja o capítulo 16 de Ezequiel, que tanto impressiona ao Papa Francisco e a Dom Giussani.

“A palavra do Senhor veio a mim nestes termos: ‘Filho do homem, faze Jerusalém conhecer suas abominações. Dirás: Assim diz o Senhor Deus para Jerusalém: Por tua origem e nascimento és da terra de Canaã. Teu pai era um amorreu e tua mãe, uma ateia. E como foi o teu nascimento? Quando nasceste, não te cortaram o cordão umbilical, não foste banhada em água para te limpar, nem esfregada com salmoura, nem envolvida em faixas. Ninguém teve dó de ti, prestando-te um destes serviços por compaixão. Ao contrário, no dia em que nasceste deixaram-te exposta em campo aberto, pela repugnância que causavas. Então eu passei junto de ti e vi que te revolvias no próprio sangue. E eu te disse, enquanto jazias em teu sangue: Vive! Eu te fiz crescer exuberante qual planta silvestre. Tu cresceste e te desenvolveste, entrando na puberdade. Teus seios se formaram e os cabelos cresceram, mas estavas inteiramente nua. Passando junto de ti, percebi que tinhas chegado à idade do amor. Estendi o manto sobre ti para cobrir a nudez. Eu te fiz um juramento, estabelecendo uma aliança contigo – oráculo do Senhor Deus – e passaste a ser minha [com a conquista de Jerusalém pelas mãos de Davi]. Banhei-te na água, limpei-te do sangue e te ungi com óleo. Eu te revesti de roupas bordadas, calcei-te com sandálias de pele fina, cingi-te com faixa de linho e te cobri de seda.” Os versículos sucessivos são a descrição de como Deus veste Jerusalém como a uma esposa: “Adornei-te com joias, pus braceletes em tuas mãos e um colar no pescoço. Eu te pus um anel no nariz, brincos nas orelhas e uma magnífica coroa na cabeça [são todos detalhes que descrevem o zelo de Deus para com o Seu povo]. Estavas ornada de ouro e de prata, tuas vestimentas eram de linho finíssimo, de seda e de bordados. Eu te nutria com flor de farinha, mel e óleo. Ficaste extremamente bela e chegaste à realeza. Tua fama espalhou-se entre as nações por causa de tua beleza, pois eras perfeita, devido ao esplendor com que te cobri – oráculo do Senhor Deus”. Mas aqui algo muda na relação com Deus, a mulher amada joga-se a si mesma no lixo: “Mas puseste tua confiança na beleza e te prostituíste graças à tua fama. Tu te oferecias desavergonhadamente

⁶² Os 11,1-4.7-8. Grifo nosso.

a qualquer um que passasse e lhe pertencias [para dizer como Jerusalém – ou seja, a esposa – caiu na idolatria, o profeta usa a figura da prostituta]. Tomaste tuas vestes para fazeres lugares altos de várias cores e ali te prostituíres, como jamais se fez nem se fará. Tomaste as joias de ouro e de prata que te dei e fabricaste para ti imagens de homens, com as quais te prostituíste [aquilo que Deus deu à sua esposa, Jerusalém, como sinal de seu amor sem fim, ela o reduz a ídolo, pedindo ao ídolo o que o ídolo não pode dar]. Tomaste tuas vestes bordadas para cobri-los, colocando diante deles o meu óleo e o meu incenso. O pão que te dei, a flor de farinha, o óleo e o mel com que te alimentei, puseste-os diante deles como suave odor; e isso de fato aconteceu – oráculo do Senhor Deus”.⁶³

Escutemos como o Papa Francisco fala deste trecho: “Sempre me impressionou ler a história de Israel como é contada na Bíblia, no capítulo 16 do Livro de Ezequiel. [...] Posso ler a minha vida através do capítulo 16 do Livro do profeta Ezequiel. Leio aquelas páginas e digo: mas tudo isso parece escrito para mim”.⁶⁴

Para Dom Giussani, neste texto tão intensamente dramático, “a trajetória da tomada de posse de Deus sobre o homem e da resposta humana é representada de maneira crua e apaixonada. É Deus, que fala ao seu povo. [...] Torna-se claro aqui que a posição do homem é de rebeldia para poder afirmar a sua reatividade, a sua instintividade”.⁶⁵

Recusando a Aliança com Deus, como diz Jeremias, os filhos de Israel puseram-se a “ir atrás do vazio, tornando-se vazios também eles”. O profeta evidencia a falta de razoabilidade do povo usando uma imagem: “Abandonou-me a mim, fonte de água viva, e para si preferiu cavar cisternas, cisternas defeituosas que não retêm a água”.⁶⁶ Podemos dizer com as palavras de Dom Giussani: “Isto é o desaparecimento do bom senso e da inteligência”,⁶⁷ o qual todos já experimentamos na vida.

Mas dar-se conta da própria recusa e de seus efeitos destrutivos sobre a vida é a primeira demonstração de abertura a Deus: “Ter, então, a percepção desta resistência à verdade de nós mesmos como homens, ter, portanto, o sentido do pecado, é a coisa pedagogicamente mais importante da vida, porque escancara as nossas portas ao Deus verdadeiro. O pecado é comportarmo-nos como os senhores da nossa própria vida, e

⁶³ Ez 16,1-19.

⁶⁴ Francisco, *O nome de Deus é misericórdia*, op. cit., p. 37-39.

⁶⁵ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., p. 41-42.

⁶⁶ Jr 2,5.13.

⁶⁷ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., p. 43.

reconhecê-lo é aproximar-se do fato de que a medida, o critério, o senhorio da vida é o mistério de Deus.”⁶⁸ Comparemos a nossa reação perante o nosso mal com esta observação de Dom Giussani. Ter o sentido do pecado, perceber a resistência à verdade de nós mesmos, é o que nos abre à presença de Deus, e é pois a coisa pedagogicamente mais importante da vida. Não o é apenas no início, mas sempre. De fato, uma vez encontrada aquela Presença, nós continuamos a errar. É aqui que se coloca a alternativa de que fala Péguy, entre as misérias que “já não são cristãs”⁶⁹ e uma miséria cristã: podemos ficar diante dos nossos erros consumindo-nos na raiva ou no desapontamento, e isto nos paralisa, ou então ter o sentido do pecado, que implica sempre a relação com Outro que desapontamos, a referência àquela Presença que já não conseguimos apagar da nossa vida de pecadores.

“Deus, na história, revela a profunda divisão do homem entre aquilo que ele é [por natureza] – sede de infinito – e a sua existência que caminha em contradição, porque a sua norma não é o mistério, mas a sua própria vaidade. Mas “esta vaidade” – é impressionante o olhar de Dom Giussani sobre o humano! – “é uma pedagogia para que o homem compreenda o que Deus é para ele, para que vislumbre o rosto do seu significado. O que Deus é para o homem, da forma como o homem é chamado a compreender, identificando-se com o seu significado e o seu destino, é piedade, misericórdia”.⁷⁰ Se não voltamos constantemente para esta misericórdia, prevalece a nossa raiva.

Por isso Dom Giussani sustenta que nós não podemos “compreender bem esta palavra [misericórdia], quando ela entrar em jogo de maneira definitiva na história, se não tivermos percorrido a grande passagem da profecia de Israel”.⁷¹ Não é um acessório histórico para chegar a Jesus, mas é a grande passagem que Deus fez seu povo fazer e na qual temos de nos identificar. Porque “dificilmente pode compreender a experiência cristã quem não estiver disposto a reviver de alguma forma a história do povo de Israel, com todos os seus tons e com todos os seus dramas”.⁷² Não entenderemos Cristo se não tivermos percorrido a história de Israel.

⁶⁸ Ibidem, p. 44-45.

⁶⁹ Ch. Péguy, “Dialogo della storia con l’anima carnale (o Véronique)”. In: *Lui è qui. Pagine scelte*. Milão: BUR, 2009, p. 103.

⁷⁰ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., p. 46.

⁷¹ Ibidem, p. 46.

⁷² L. Giussani, *Che cos’è l’uomo perché te ne curi?*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 2015, p. 11.

A história de Israel, como a nossa, é feita de espaço, de tempo, de circunstâncias, de quedas, de recomeços, e nós temos de vê-la, tocá-la com a mão. Fixemos o olhar sobre o momento em que, no tempo do profeta Jeremias (por volta do fim do séc. VII a.C.), desponta em toda a sua evidência que Israel é incapaz de ser fiel; o povo não se converte, apesar de Deus chamá-lo constantemente à conversão e oferecer-lhe continuamente Seu perdão. E, se em algum momento se arrepende, logo depois recai e se corrompe, como se não houvesse nada que fazer: “É inútil! De maneira alguma! Pois gosto dos estrangeiros e atrás deles vou andar”.⁷³ A rebelião chega até a este nível.

Por sua teimosia, Israel prefere a aliança com os impérios e os reinos vizinhos à Aliança com Deus, e será esta a origem de um novo desastre. E, perante isso, que faz Deus? Quase rendendo-se à obstinação do povo, respeita sua liberdade. Disto decorre o desastre da destruição de Jerusalém pelas mãos de Nabucodonosor, da perda da terra, do templo e do rei, os três grandes dons recebidos de Iahweh; deste modo, Israel fará a experiência dramática do afastamento de seu Senhor.

Pareceria um fracasso total. Mas “Deus não falha”, diz Bento XVI. “Ou mais exatamente: no início Deus falha sempre, deixa existir a liberdade do homem, e esta diz continuamente ‘não’. Mas a fantasia de Deus, a força criadora do seu amor é maior do que o ‘não’ humano. Com cada ‘não’ humano acrescenta-se uma nova dimensão do Seu amor, e Ele encontra um caminho novo, maior, para realizar o seu ‘sim’ ao homem, à sua história e à criação.”⁷⁴

Mesmo neste momento Deus não quebra a sua Aliança. Ele a repro põe. “Deus nunca é derrotado”, afirmava o então Cardeal Ratzinger, “e as suas promessas não caem junto com as derrotas humanas, antes, elas se tornam maiores, assim como o amor cresce na medida em que o amado precisa”.⁷⁵ Este é um ponto crucial, que subverte a nossa lógica. Nós projetamos em Deus nossas derrotas e nossos parâmetros de sucesso e de fracasso. “Mas eu sou Deus, não homem”, repete-nos. Ele é “Outro”, não um prolongamento de nós. Deus é diferente, é um outro diferente de nós. Deus é Deus. Por isso recomeça sempre com novas ações e nunca deixa de tomar a iniciativa em relação a nós, pois não está ligado ao

⁷³ Jr 2,25.

⁷⁴ Bento XVI, *Homilia na Santa Missa com o Episcopado da Suíça*, 7 de novembro de 2006.

⁷⁵ J. Ratzinger, *Guardare Cristo. Esercizi di Fede, Speranza e Carità*. Milão: Jaca Book, 1989, p. 44.

que nós chamaríamos de “sucessos”. Deus não mede de acordo com essa métrica a eficácia de Sua iniciativa, porque a nascente da Sua ação é totalmente diferente: Suas entranhas, não nossas derrotas. Tanto é verdade que, por mais que o homem diga que não, por mais que sua resposta seja sempre inadequada, Ele nunca deixa de procurá-lo. Como diz o Papa Francisco, “nunca Se cansa de passar e repassar pelas praças dos homens até às cinco horas da tarde a fim de lhes propor o seu convite de amor”.⁷⁶

Quando o povo de Israel atinge o ponto mais escuro de seu caminho e parece ter perdido tudo, repropõe-se em todo o seu alcance a genialidade de Deus: o Senhor começa a falar de uma Nova Aliança. No meio do chamado “cativeiro babilônico”, por Jeremias, Ezequiel e Isaías, Deus começa a anunciar ao povo uma novidade. Os três grandes profetas gritam para todos a iminência de uma coisa nova. Isaías escreve: “Não deveis ficar lembrando as coisas de outrora, nem é preciso ter saudades das coisas do passado. Eis que estou fazendo coisas novas, estão surgindo agora e vós não percebeis?”.⁷⁷

Que novidade poderá desatar o nó da infidelidade de um povo de cabeça tão dura, tão incapaz de uma conversão definitiva?

Esta pergunta diz respeito a nós. Porque a infidelidade, a incoerência, a cabeça dura de Israel são sentidas por nós como nossas, nós também as encontramos em nós. E só se formos sérios e leais com essa pergunta, que queima em nós como uma ferida, é que estaremos em condições de captar a resposta em toda a sua novidade.

Escutemos agora o anúncio dos profetas, começando por Jeremias, que fala exatamente de uma “Nova Aliança”. Como é possível? Desde o dia em que Deus estabeleceu Sua Aliança com Moisés, nunca havia fixado um prazo de validade para ela. Por mais que o povo a tenha traído desde o início, como vimos, sempre voltava para aquela Aliança.

Mas então o que pretende dizer Jeremias com a expressão “Nova Aliança”? De que se trata? “Um dia chegará – oráculo do Senhor –, quando hei de fazer uma nova aliança com a casa de Israel e a casa de Judá. Não será como a aliança que fiz com seus pais quando pela mão os peguei para tirá-los do Egito.” E o que distingue essa “Nova Aliança”? “Esta é a aliança que farei com a casa de Israel [...]: colocarei a minha lei no seu coração, vou gravá-la em seu coração; serei o Deus deles, e eles, o meu povo. Ninguém mais precisará ensinar seu irmão, dizendo-lhe:

⁷⁶ Francisco, *Discurso no encontro com os Bispos dos Estados Unidos*, Washington D.C., EUA, 23 de setembro de 2015.

⁷⁷ Is 43,18-19.

‘Procura conhecer o Senhor!’ Do menor ao maior, todos me conhecerão – oráculo do Senhor. Já terei perdoado suas culpas, de seu pecado nunca mais me lembrarei.”⁷⁸

Ezequiel fala de “um coração novo e um espírito novo”. Para um judeu, isso era algo impensável: a antropologia semítica, com efeito, considera o coração como o lugar da vida consciente, da memória, das decisões, da razão. Por isso aquela expressão – “um coração novo” – indicava outra criatura, uma criação nova. Ezequiel quer ressaltar justamente isto: que Israel precisa de um coração novo para poder viver uma fidelidade ao seu Deus. Mas que forma assumirá essa novidade, que desdobramento histórico tomará esse “coração novo e espírito novo”?

Eis as suas palavras: “Eu vos tomarei dentre as nações, recolhendo-vos de todos os países, e vos conduzirei à vossa terra. Derramarei sobre vós água pura e sereis purificados. Eu vos purificarei de todas as impurezas e de todos os ídolos. Eu vos darei um coração novo e porei em vós um espírito novo. Removerei de vosso corpo o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Porei em vós o meu espírito e farei com que andeis segundo minhas leis e cuideis de observar os meus preceitos. Habitareis na terra que dei a vossos pais. Sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus”.⁷⁹ Trata-se, portanto, de uma nova criação, da geração de um “eu” diferente.

E, por fim, Isaías confirma a intenção de Deus: realizar uma nova criação. “Sim! Vou criar novo céu e nova terra! As coisas antigas nunca mais serão lembradas, jamais voltarão ao pensamento. Mas haverá alegria e festa permanentes, coisas que vou criar, pois farei de Jerusalém uma festa, do meu povo, uma alegria.”⁸⁰

Por que é tão crucial essa Nova Aliança, essa nova criação, ou que nos seja dado um coração novo e um espírito novo? Por que é necessário, como dizia Jeremias, que a lei entre no coração do homem? Porque, como diz Bento XVI, “o homem não poderá jamais ser redimido simplesmente a partir de fora”.⁸¹ Enquanto a preferência de Deus não penetrar na última profundidade de nós mesmos, tornando-se nossa, continuaremos preferindo os ídolos. Mas como é que se pode verificar semelhante novidade? Só um acontecimento capaz de tocar o eu em seu íntimo, conforme o estilo suave de Deus – que é o de dar liberdade, de conceder e suscitar

⁷⁸ Jr 31,31-34.

⁷⁹ Ez 36,24-28.

⁸⁰ Is 65,17-18.

⁸¹ Bento XVI, Carta encíclica *Spe Salvi*, §25.

amor –, só um acontecimento capaz de atrair o eu até o ponto de suscitar seu reconhecimento e sua adesão é que pode entrar no coração do homem sem violência. Deus tomou esta iniciativa, tornou-se um acontecimento na história, entrou na vida do homem como homem, doou-se a si mesmo por ele, para conquistá-lo, com o poder de Sua atração, na liberdade, para resgatá-lo partindo de dentro.

Mas esta nova iniciativa de Deus, que contém a promessa profética, não foi de forma alguma indolor. Pelo contrário, o sinal mandado por Deus desencadeou no meio do povo uma resistência ímpar, precisamente pelo poder da atração e pela novidade da ação.

2. O rosto da misericórdia e o escândalo que provoca

O anúncio do reino de Deus está no centro da pregação de Jesus, cujo elemento fundamental é a “boa nova” da misericórdia. Esse anúncio, que não é apenas um anúncio verbal, mas é um agir, é Jesus que entra em relação com gente que escapa dos cânones religiosos-morais da época, provoca um desconcerto que para nós é quase impossível de imaginar – por isso, muitas vezes, quando lemos isto descrito no Evangelho, reduzimos o seu alcance –: é tamanho desconcerto, que leva Jesus a declarar: “E feliz de quem não se escandaliza a meu respeito!”.⁸²

Mas que faz Jesus para provocar o escândalo? Para identificar os motivos disso é preciso considerar quem eram aqueles que O seguiam.

Os adversários de Jesus interpelavam Seus seguidores – ou ao menos alguns deles – com expressões como “publicanos e pecadores”. Nós deixamos passar esses termos como se nada fossem, sem entender bem. Procuremos considerar por um instante estas palavras: “publicanos [uma profissão] e pecadores”, “publicanos e prostitutas” ou simplesmente “pecadores”. São expressões criadas por Seus adversários para identificar os que seguiam Jesus, das quais Jesus mesmo se serve: “Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizeis: ‘É um comilão e beberrão, amigo de publicanos e de pecadores!’”.⁸³ Para entender a fundo o escândalo dos escribas e dos fariseus e o caráter “revolucionário” do modo de agir de Jesus, cumpre esclarecer o que significava “pecadores” no contexto histórico em que Ele atuava. Pecador não era só quem desobedecia aos mandamentos, mas também quem exercia atividades consideradas pecaminosas. Neste sentido, pecadores por excelência eram os publicanos.

⁸² Mt 11,6.

⁸³ Lc 7,34.

O desprezo por eles devia-se ao fato de arrecadarem um tipo particular de imposto (pelo transporte das mercadorias ou pela entrada delas na cidade) que não eram estabelecidas *a priori* e, portanto, não estavam sob o controle direto do fisco. A arrecadação deles era confiada a cidadãos abastados, os quais se serviam de colaboradores: os publicanos, que, aproveitando-se da ignorância do povo, enriqueciam aumentando as taxas com a trapaça, como conta Lucas em seu Evangelho.⁸⁴ De tal forma eram considerados trapaceiros, que até mesmo os seus familiares viravam objeto de desprezo.

Também do ponto de vista religioso eram vistos com grande hostilidade: os fariseus que se tornavam publicanos eram expulsos da comunidade. Por isso, a grande tradição judaica do *Talmude* declarava: “Para os cobradores de impostos e os publicanos é difícil a penitência”.⁸⁵ A penitência, de fato, comportava para quem fazia um ofício do gênero o abandono da atividade e a restituição de tudo o que havia roubado mais um quinto.⁸⁶ Praticamente impossível!

Desta forma, de acordo com os cânones da ortodoxia farisaica, para as pessoas que iam atrás de Jesus estava fechado o reino de Deus, por causa da imoralidade ou da ignorância religiosa deles (seus seguidores, com efeito, também eram chamados de “pequenos”, “simples”, “ignorantes”, pelos adversários de Jesus, que se consideravam “sábios e inteligentes”). Mas Jesus – Jesus! – subverte esse esquema. Vemos isto ilustrado de modo luminoso em sua resposta aos que se escandalizam por ele comer com os publicanos e os pecadores (um gesto clamoroso, que não pode ser confundido com sentar-se à mesa com o primeiro que passa, como vimos). De fato, diz Jesus: “Não é a justos que vim chamar [para o banquete do reino], mas a pecadores”.⁸⁷ E em outro lugar afirma: “Em

⁸⁴ Cf. Lc 3,12 ss.

⁸⁵ *Baba Qamma*, 94b.

⁸⁶ O Papa Francisco falou recentemente desta categoria particular de pecadores: “Mateus era um ‘publicano’, ou seja, um cobrador de impostos em nome do império romano, e por isso era considerado pecador público. Mas Jesus chama-o para o seguir e para se tornar seu discípulo. Mateus aceita e convida-o para jantar na sua casa juntamente com os discípulos. Então, começa um debate entre os fariseus e os discípulos de Jesus, porque estes compartilham a mesa com os publicanos e os pecadores. ‘Mas tu não podes ir à casa desta gente!’, diziam eles. Com efeito, Jesus não os afasta mas, pelo contrário, frequenta as suas casas e senta-se ao seu lado; [...] Jesus mostra aos pecadores que não tem em consideração o passado deles, nem a sua condição social, nem sequer as convenções exteriores mas, ao contrário, abre-lhes um novo futuro” (Francisco, *Audiência geral*, 13 de abril de 2016).

⁸⁷ Mc 2,17.

verdade vos digo [reforça a dose] que os publicanos e as prostitutas vos precedem no Reino de Deus”,⁸⁸ ao passo que os escribas e os fariseus, os sábios de que fala o Evangelho, ficarão excluídos dele.

O mesmo vale para os pobres, os “cansados” e os “oprimidos”.⁸⁹ É deles o reino dos céus, afirma Jesus, que olha com uma compaixão infinita para todos esses mendicantes, carregados por um duplo peso: são desprezados pelos homens e desesperados, porque considerados moralmente indignos da salvação perante Deus.

Nunca poderei, pelo resto da minha vida, esquecer-me do impacto que me causou escutar estas coisas, no seminário em Madri, do meu professor de exegese bíblica, padre Mariano Herranz.⁹⁰ Para mim foi um divisor de águas. Não acho que tenha havido outra coisa que marcou a minha vida mais fortemente do que esta, em sua simplicidade. Não é que antes disso eu nunca havia lido o Evangelho, mas escutar aquele professor fez-me entender finalmente: todo o meu jeito de olhar a mim mesmo e aos outros foi investido por aquela novidade. Entendo bem, portanto, por que o Papa Francisco acredita que não haja nada mais importante do que mergulhar no olhar de Jesus pelo homem, para olhar a si mesmo e aos outros de forma adequada.

Ora, o Evangelho está atravessado de ponta a ponta pela polêmica entre Jesus, entre o olhar que Jesus introduz na vida, e os fariseus, que faziam a salvação, ou seja, a participação no reino de Deus, depender de uma perfeição ética, feita da observação dos vários preceitos, tornando-a inatingível para os que eles desprezavam. Tal contraste percorre todo o Evangelho. Vejamos alguns exemplos.

Começemos com a parábola dos dois filhos, na qual Jesus repreende “os sumos sacerdotes e os anciãos do povo”.⁹¹ Ele não pretende simplesmente entretê-los: “Agora vos conto a parábola dos dois filhos”, como se não tivesse mais que fazer. Não, Jesus está polemizando duramente com eles – os sumos sacerdotes, os anciãos do povo, os fariseus –, por causa do comportamento deles. E para fazer entender de que se trata, conta a história dos dois filhos, o primeiro dos quais, ao convite do pai para ir trabalhar na vinha, responde que sim, mas depois não vai; enquanto o outro filho, que inicialmente se recusa a ir, por fim vai. Jesus

⁸⁸ Mt 21,31.

⁸⁹ Cf. Mt 11,28.

⁹⁰ Padre Mariano Herranz (1928-2008) foi professor de Línguas Bíblicas e Exegese do Novo Testamento no seminário de Madri e diretor editorial da coleção “*Studia Semitica Novi Testamenti*”.

⁹¹ Mt 21,23.

neste momento lhes pergunta: “Qual dos dois fez a vontade do pai?”. Não percebendo a armadilha contida na pergunta, os fariseus respondem ingenuamente: o filho que, no fim, foi. E Jesus, seguindo a linha da própria lógica deles, conclui de modo absolutamente inesperado: “Em verdade vos digo que os publicanos e as prostitutas vos precedem no Reino de Deus”.⁹² O sentido desse juízo peremptório é bem explicado pelo conhecido biblista alemão Joachim Jeremias: “Os publicanos, completamente incapazes de arrependimento, como vós pensais, estão mais perto de Deus do que vós, que vos considerais devotos. Eles, com efeito, responderam ‘não’ ao chamado de Deus, mas depois se arrependeram e fizeram penitência; por isso vão entrar no Reino de Deus, vós não”.⁹³ De que forma os publicanos disseram que sim, quando disseram que sim? Dizendo sim a Jesus. “Por isso entrarão no Reino de Deus, e vós não.” Portanto, a razão pela qual quem se julga sábio será excluído é a sua recusa a seguir Jesus, a crer em Jesus. É aqui que se joga tudo. Quem julga ter tudo certo, “coerente”, como os fariseus, ficará sempre de fora: “Pois João veio até vós, caminhando na justiça, e não acreditastes nele. Mas os publicanos e as prostitutas creram nele”.⁹⁴ Se a fé em Cristo é a condição para ingressar no reino, recusar Jesus é excluir-se dele. Por isso, os sumos sacerdotes e os fariseus não entrarão. Ao passo que os publicanos e os pecadores, que se converteram, ou seja, que acolheram Jesus e creram n’Ele, entrarão.

A mesma atitude de Jesus aparece no episódio da cura do criado do centurião.⁹⁵ Profundamente marcado pela fé do centurião, que é um pagão – ou seja, um excluído da salvação, segundo os cânones –, Jesus afirma: “Ora, eu vos digo: muitos virão do oriente e do ocidente e tomarão lugar à mesa no Reino dos Céus, junto com Abraão, Isaac e Jacó, enquanto os filhos do Reino serão lançados fora, nas trevas”.⁹⁶ Há aqui um contraste enorme entre os que tomarão parte da mesa do reino e os “filhos do reino”, que serão destituídos. A frase é pronunciada numa referência evidente ao centurião. Ele é um dos muitos provenientes do Oriente e do Ocidente que serão admitidos no banquete final não por ter atingido uma perfeição moral ou por pertencer a uma etnia, mas em razão da fé em Jesus. É exatamente esta fé o que Jesus exalta no cen-

⁹² Mt 21,31.

⁹³ J. Jeremias, *Le parabole di Gesù*. Brescia: Paideia, 1973, p. 154.

⁹⁴ Mt 21,32.

⁹⁵ Cf. Mt 8,5-13.

⁹⁶ Mt 8,11-12.

turião pagão: “Em verdade, vos digo: em ninguém em Israel encontrei tanta fé”.⁹⁷

Este e outros relatos evangélicos colocam diante de nossos olhos a novidade introduzida pela presença de Jesus na história. Aqueles que “se sentarão à mesa do reino” e que já começam a usufruir dos seus bens (“Vai! Conforme acreditaste te seja feito”, Jesus disse ao centurião; “E naquela mesma hora, o criado ficou curado”,⁹⁸ escreve Mateus evangelista) são os que O reconhecem, que creem n’Ele. Não se exige nenhuma outra condição.

Foi a quantidade de condições postas à misericórdia de Deus “pelos sábios e pelos inteligentes” da época – os escribas e os fariseus – o que estava na origem da polêmica provocada pelo anúncio do reino de Deus, ou seja, pela ação de Jesus, pelo advento da misericórdia. Foi tamanho o escândalo, que causou a pena de morte a Jesus, sua condenação à crucificação, porque Seu modo de agir implicava que se concebia como Deus, se considerava Deus.

No conflito com os escribas e os fariseus, Jesus viu-se forçado a defender seu comportamento perante todos. As parábolas que vemos no décimo quinto capítulo do Evangelho de Lucas constituem a resposta de Jesus às acusações deles. Elas não são de forma alguma, como muitas vezes as consideramos, relatos a-históricos. As parábolas sempre estão inseridas no contexto histórico preciso do contraste com os fariseus. Vemos isto representado na mais bela das parábolas, que citamos tantas vezes, mas que no âmbito destes Exercícios talvez possamos compreender mais profundamente.

3. O filho pródigo

Lucas refere que Jesus, para responder aos murmúrios dos escribas e dos fariseus, que dizem “Este homem acolhe os pecadores e come com eles”,⁹⁹ propõe as parábolas da ovelha perdida, da moeda perdida e do filho pródigo. Com esta última, Jesus explica que ele se comporta com os pecadores como o pai da história. Um filho representa os publicanos, e o outro os fariseus.

Jesus com isso pretende defender a boa nova da misericórdia. Para compreender a linguagem da parábola, precisamos ter em conta que,

⁹⁷ Mt 8,10.

⁹⁸ Mt 8,13.

⁹⁹ Lc 15,1 ss.

além dos judeus que não respeitavam os mandamentos de Deus, e além dos gentios “pecadores” (como acabamos de ver), havia um terceiro grupo de pessoas que, de acordo com a mentalidade judaica, se encontravam na pior situação possível em relação ao perdão: os judeus que na vida prática se haviam tornado pagãos. Entre estes, as fontes judaicas indicam os que exerciam profissões ou atividades que os expunham fortemente à suspeita de roubo. Entre elas estava também a figura do pastor. O tratado *Sinédrrio* da *Mishná* coloca na lista dos homens que não podiam fazer parte de um tribunal nem testemunhar “os que jogam dados, os usurários, os que criam pombas, os que comerciam os frutos do ano sabático (que, segundo a lei – Lv 25,1ss. –, não pertenciam a ninguém”.¹⁰⁰ Outro texto acrescenta “os pastores, os publicanos e os arrendatários”.¹⁰¹ E outro equipara estas categorias de homens aos escravos gentis.¹⁰² Até mesmo, segundo um trecho da *Mishná*, um publicano ou um pagão que entram numa casa tornam impuro tudo o que ali está.¹⁰³ Para estes, a penitência era difícilima, senão impossível.

Contrastando com essa postura do judaísmo ortodoxo, Jesus declara diante dos fariseus que publicanos e pagãos não são abandonados por Deus, que, pelo contrário, “é deles o reino de Deus” e que Ele veio justamente para convidá-los ao banquete do reino. Acolhendo-os à mesa consigo, Ele deixa claro que eles receberam o dom do perdão de Deus. Vejamos, então, como Jesus defende esta sua posição na parábola do filho pródigo.

Na primeira parte do relato, no centro estão o pai e o filho mais novo (isto é, o filho pródigo). Na segunda, o pai e o filho mais velho. Como sempre se dá nas parábolas compostas de duas partes, a “moral” está contida na segunda, aquela em que o pai defende perante o filho mais velho aquilo que fez com o filho fugido de casa. Ora, uma vez que o judaísmo também conhecia a ideia de um Deus que, como Pai, está sempre disposto a perdoar, para entendermos a dimensão da novidade contida na parábola é preciso prestar atenção a um dado que pode parecer banal, mas que é muito significativo: o filho pródigo, reduzido à miséria, é forçado a ganhar a vida como cuidador de porcos. Já vimos que o trabalho do pastor era considerado pecaminoso. Mas a situação neste caso tornava-se ainda mais grave pelo fato de tratar-se de pastorear porcos.

¹⁰⁰ *Mishnah Sanhedrin* 3,3.

¹⁰¹ *b. Sanhedrin* 25b.

¹⁰² Cf. *Mishnah, Rosh Ha-Shanah* 1,8.

¹⁰³ Cf. *Mishnah, Tahorot* 7,6.

Os judeus, com efeito, consideravam o porco o animal mais impuro entre todos. Imaginemos pois os interlocutores de Jesus quando o ouviram contar daquele filho que se tornara cuidador de porcos; compreenderam imediatamente o sentido daquelas palavras: aquele jovem judeu tinha-se tornado um pagão. Diante de semelhante apostasia, um filho era visto como morto aos olhos do pai. Um judeu consciente de sua posição no meio do povo teria fechado para sempre a porta de casa a um filho que se afundou tão profundamente.

Mas Jesus, contrariamente às expectativas de seus interlocutores – os escribas e os fariseus que o estão escutando –, fala reiterada e insistentemente de um pai que se comporta de forma totalmente diferente com o filho que se tornara pagão, que se perdera para sempre, de acordo com a lógica da época, e que volta para casa. Não nega que o filho tenha pecado, e da pior maneira: “Estava morto”, diz, “estava perdido”.¹⁰⁴ E no entanto, inexplicavelmente, perdoa-o e manifesta tal perdão de um modo no mínimo excêntrico (sem dúvida a estranheza de Jesus na descrição do perdão é intencional): o pai corre ao encontro do filho assim que o vê de longe; um gesto muito estranho para um idoso do oriente. O estranhamento aumenta se consideramos as ordens que dá quase freneticamente aos criados: a alguns pede que tragam uma túnica nova, a outros o anel e as sandálias, enquanto outros devem matar um novilho gordo e outros ainda devem preparar o banquete e a música. Nada disto convinha ao comportamento de um pai orgulhoso da própria fê judaica e tão seriamente desonrado por um filho; sobretudo estava nos antípodas do que pensavam os zelosos defensores da causa de Deus que escutavam a parábola contada por Jesus.

A segunda parte da parábola descreve, portanto, a dura queixa dos fariseus, que são personificados no filho mais velho. Este não se queixa da volta do irmão, mas do fato de o pai ter organizado uma grande festa para comemorar, ressaltando assim, de modo inequívoco, a plenitude do perdão. O filho mais velho reclama, recusa-se a participar da festa. E o faz em nome da justiça: “Eu trabalho para ti há tantos anos, jamais desobedecei a qualquer ordem tua. E nunca me deste um cabrito para eu festejar com meus amigos. Mas quando chegou esse teu filho, que esbanjou teus bens com as prostitutas, matas para ele o novilho gordo”.¹⁰⁵ Também neste caso, a reação do pai é imprevisível: admite que o filho mais velho tem certa razão; sem um mínimo de justiça, como sabemos, seriam impossíveis

¹⁰⁴ Lc 15,24.

¹⁰⁵ Lc 15,29-30.

as relações entre os homens, incluídas as da família. Mas o pai reivindica toda a razoabilidade do próprio comportamento por causa da condição totalmente particular em que estava o filho mais novo: sem o amor generoso do pai, de fato, aquele filho que estava morto não teria ressuscitado, teria ficado perdido para sempre.

Com esta parábola e com as outras sobre o perdão, Jesus nos diz que Deus é misericórdia para o homem pecador, ou seja, para você e para mim. Seu perdão é tão pleno e sem condições, que pode parecer injusto a quem se considera guardião dos direitos de Deus. Na verdade, quem perdoa renuncia, de certo modo, a um direito, porque o perdão é radicalmente graça, pura graça.

E diante desta pura graça há só duas possibilidades: uma gratidão sem fim ou o escândalo, ontem como hoje – não é diferente.

Cristo não estabelece precondições ao exercício do Seu perdão. No entanto, recorda-nos o Papa na *Amoris laetitia*, “às vezes custa-nos muito dar lugar [...] ao amor incondicional de Deus. Pomos tantas condições à misericórdia que a esvaziamos de sentido concreto e real significado, e esta é a pior maneira de aguar o Evangelho. É verdade, por exemplo, que a misericórdia não exclui a justiça e a verdade, mas, antes de tudo, temos de dizer que a misericórdia é a plenitude da justiça e a manifestação mais luminosa da verdade de Deus. Por isso, convém sempre considerar ‘inadequada qualquer concepção teológica que, em última instância, ponha em dúvida a própria onipotência de Deus e, especialmente, a sua misericórdia’”.¹⁰⁶

Consciente da ruptura radical introduzida na história pela boa nova do perdão que Ele veio anunciar aos homens, Jesus proclama bem-aventurado quem não se escandaliza por causa d’Ele.

À luz dessas observações, podemos reler o trecho de Dom Giussani sobre a misericórdia, que muitos de nós conhecem bem: “No famoso quadro de Rembrandt, o filho pródigo é o espelho do Pai. O rosto do Pai está cheio de dor pelo erro do filho, pela sua negação, cheio de uma dor que se converte toda em perdão. E até aqui o humano consegue chegar. Mas a coisa mais espetacular e misteriosa é que a face do Pai é o espelho do filho pródigo. No quadro de Rembrandt, o Pai está numa posição especular em relação ao filho: nele reverbera a dor do filho, e portanto o desespero salvo, a destruição frustrada, a felicidade que está para reacender-se, no instante em que está para reacender-se, onde triunfa a bondade. Triunfa a bondade no filho pródigo, pois chora pelo erro co-

¹⁰⁶ Francisco, Exortação apostólica pós-sinodal sobre o amor na família *Amoris laetitia*, §311.

metido. Mas triunfa a bondade no Pai: é este o conceito de misericórdia, que o homem não pode chegar a compreender, a dizer. O rosto do Pai é o espelho do filho. E o rosto do Pai é misericórdia, pois é piedade para com quem errou e está inclinado para quem retorna. Mas, se a misericórdia é tão parte do Mistério, é por meio do Filho, Verbo de Deus, espelho do Pai, que ela se revela ao mundo. Com efeito, é o Verbo do Pai que assume a natureza humana para revelar ao homem tudo o que o Mistério é para ele. Por isso, a Misericórdia tem um nome na história: Jesus Cristo”.¹⁰⁷

A consciência de que a misericórdia é mistério leva Dom Giussani a afirmar: “A palavra ‘misericórdia’ deveria ser eliminada do vocabulário, pois não existe no mundo dos homens, não há nada que corresponda a ela. A misericórdia está na origem do perdão, é o perdão afirmado em sua origem, que é infinita, é o perdão como mistério”. Insiste: “A misericórdia não é uma palavra humana. É idêntica a Mistério, é o Mistério do qual tudo provém, pelo qual tudo é sustentado, para o qual tudo conflui, visto que já se comunica à experiência do homem. A descrição do filho pródigo é a descrição da misericórdia que investe e penetra a vida daquele jovem. O conceito de perdão, com certa proporção entre erros e castigos, ainda é de algum modo concebível pela razão: não porém esse perdão sem limites que é a misericórdia. O sermos perdoados, aqui, nasce de algo absolutamente incompreensível ao homem, nasce do Mistério, ou seja, da Misericórdia. Aquilo que não se pode compreender é o que garante a excepcionalidade do que se pode entender. Porque a vida de Deus é amor, *caritas*, gratuidade absoluta, amor sem recompensa, humanamente ‘sem motivos’. Humanamente parece quase uma injustiça, ou uma irracionalidade – justo quando para nós não há razões. Porque a misericórdia é própria do Ser, do Mistério infinito”.¹⁰⁸

Aqui reside a origem da esperança para cada um de nós, bem conscientes da nossa necessidade sem fim de salvação: “A realidade da misericórdia é a ocasião suprema que Cristo e a Igreja têm para fazer chegar ao homem a Sua Palavra, não um mero eco dela no homem. Como se comporta conosco o Mistério infinito? Compreendendo e perdoando tudo! [...] Mas esse Seu ‘ser bom com todos’ acende os nossos pensamentos: melhor seria se nos tornasse crianças, nos faria entender aos cinquenta anos o sabor de sermos crianças, de sermos como crianças diante de um pai ou de uma mãe”.¹⁰⁹

¹⁰⁷ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*. Milão: Rizzoli, 1998, p. 183.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 184-185.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 185-186.

4. “Eu te amei com amor eterno, tive piedade do teu nada”

Tentemos identificar-nos com Dom Giussani em face do mistério da misericórdia, que nunca deixa de impressioná-lo e o faz perguntar: “Por que Deus dedica ele mesmo a mim? Por que se doa a mim criando-me, dando-me o ser, isto é, ele mesmo (me dá ele mesmo, isto é, o ser)? Além do mais, por que se torna homem e se doa a mim para tornar-me de novo inocente [...] e morre por mim (não precisava absolutamente disso: bastava estalar os dedos e o Pai teria agido obrigatoriamente)? Por que morre por mim? Por que esse dom de si até o extremo concebível, além do extremo concebível?”.¹¹⁰

Para fazer-nos entrar no coração da resposta, Giussani convida-nos a ler, aliás, a “decorar” a frase do profeta Jeremias que escolhemos como título dos nossos Exercícios, “no capítulo 31, do versículo 3 em diante. Diz Deus, através da voz do profeta que em Cristo se realiza (pensem nas pessoas que estavam com aquele homem, junto àquele jovem homem que fazia essas coisas): ‘Eu te amei com um amor eterno, por isso te atraí para mim [isto é, te tornei partícipe da minha natureza], tendo piedade do teu nada’, eu sempre traduzi assim essa frase. ‘Tendo piedade do teu nada’ significa o quê? De que se trata? De um sentimento, de um sentimento! De um valor que é sentimento. Porque a afeição é um sentimento; estar ‘afeiçoado por’ é um sentimento, mas é um valor. Na medida em que existe razão, é valor; se não existe uma razão, nenhuma afeição é valor pois falta metade do eu, é um eu cortado na altura do umbigo: fica o resto, a parte de baixo”.¹¹¹

Por isso “a caridade de Deus para com o homem é uma comoção, um dom de si que vibra, agita-se, move-se, realiza-se como emoção, na realidade de uma comoção: comove-se. Deus que se comove! ‘Que é o homem para que Tu te recordes dele?’, diz o Salmo”.¹¹²

Continua Dom Giussani: “Eis portanto o ponto: Deus se comoveu com o nosso nada. Não só: Deus se comoveu com a nossa traição, com a nossa rude pobreza, esquecida e traiçoeira pobreza, com a nossa mesquinhez. Deus se comoveu com a nossa mesquinhez, que é ainda mais do que se comover com o nosso nada. ‘Tive piedade do teu nada, tive piedade do teu ódio contra mim. Comovi-me porque tu me odeias’, como um pai e uma mãe que choram de comoção por causa do ódio do filho. Não

¹¹⁰ L. Giussani, *É possível viver assim*, op. cit., p. 274.

¹¹¹ *Ibidem*.

¹¹² *Ibidem*, p. 276.

choram porque ficam tocados, choram de comoção, quer dizer, com um pranto totalmente determinado pelo desejo do bem do filho, do destino do filho: que o filho mude, pelo seu destino; que se salve. É uma compaixão, uma piedade, uma paixão. Teve piedade de mim que era tão esquecido e mesquinho. Se a nossa vida é normal, com aquilo que tivemos é difícil conseguir encontrar durante o dia particulares pecados, mas o pecado é a mesquinhez da distração e do esquecimento; o pecado é a mesquinhez de não traduzir em novidade, não deixar resplandecer de aurora nova aquilo que fazemos: nós deixamos opaco da forma como acontece; sem tocar ninguém, mas sem doar o que fazemos ao esplendor do Ser”.¹¹³

Esta é, então, a fonte da nossa certeza: “Teve piedade de mim e do meu nada e me escolheu; escolheu-me porque teve piedade de mim; escolheu-me porque se comoveu com a minha mesquinhez! Aquilo que qualifica a dedicação do Mistério para conosco – o Mistério supremo e o Mistério deste homem que é Cristo, Deus feito homem –, a dedicação com a qual o Mistério cria o mundo e perdoa a mesquinhez do homem – e o perdoa abraçando-o; mesquinho, nojento, abraça-o – é uma emoção, é como uma emoção; é uma comoção, tem dentro uma comoção. É justamente esta a observação que exalta a maternidade de Deus”. Ao passo que “em todas as outras concepções, essa unidade de Deus com o mundo ou com o homem é dita de modo árido e mecânico. É como no doutor Schweitzer: você deve se dedicar, ‘deve’; como os terceiro-mundistas do pós-concílio e do pós-guerra: ir, sacrificar-se pela humanidade; você deve ir, não é comoção”.¹¹⁴

É preciso, contudo, prestar atenção a um particular, para evitarmos um equívoco: “Esta comoção e esta emoção veiculam, carregam consigo um juízo e um palpitar do coração. É um *juízo*, portanto é um valor – digamos – racional não enquanto possa ser reconduzido a um horizonte do qual a nossa razão seja puramente capaz, mas racional no sentido de que dá a razão, carrega em si a sua razão. E se torna *palpitar do coração* por causa dessa razão. A emoção, ou a comoção, se não tem dentro de si esse juízo e esse palpitar do coração, não é caridade. Qual é a razão? ‘Eu te amei com um amor eterno, por isso tornei-te parte de mim, tendo piedade do teu nada’: o palpitar do coração é a piedade do seu nada, mas a razão é que você participasse do ser. Perante o nada, como perante um animal, pode-se usar o termo *compaixão*; mas perante o homem – desse modo concluímos aquilo que eu disse antes, retomando – não se pode

¹¹³ Ibidem, p. 277.

¹¹⁴ Ibidem, p. 277-278.

chamar senão comoção, porque o homem é chamado à felicidade, o homem é grande e é chamado à felicidade, o homem é grande como Deus e é chamado à felicidade de Deus. Que seja esmagado pela mesquinhez, destruído pela distração, esvaziado e feito de novo nada por uma preguiça sem medida, exatamente isso gera compaixão”.¹¹⁵

Digam-me se há algo mais urgente do que um olhar como este sobre nós. Através dele, Deus quer suscitar o nosso “sim”. Por isso Simone Weil dizia: “Deus espera com paciência que eu queira enfim concordar em amá-lo. Deus espera como um mendigo que fica de pé, imóvel e silencioso, na frente de alguém que talvez lhe dê um pedaço de pão. O tempo é essa espera. O tempo é a espera de Deus que mendiga o nosso amor”.¹¹⁶ Nós podemos responder a isto com aquilo que cantamos no começo: “Eu sei quem és para mim, haja o que houver espero por ti”.¹¹⁷

¹¹⁵ Ibidem, p. 278-279.

¹¹⁶ S. Weil, *Quaderni. Volume IV*. Milão: Adelphi, 1993, p. 177.

¹¹⁷ *Haja o que houver*, letra e música de P. A. Magalhães: “Haja o que houver eu estou aqui, / haja o que houver espero por ti; / volta no vento, ó meu amor, / volta depressa, por favor. // Há quanto tempo já esqueci / porque fiquei longe de ti; / cada momento é pior, / volta no vento por favor. // *Eu sei quem és para mim / haja o que houver espero por ti. // Há quanto tempo já esqueci... // Eu sei quem és para mim...*”.

SANTA MISSA

Leituras da Santa Missa: At 16,1-10; Sl 100(99); Jo 15,18-21

**HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA CARDEAL GUALTIERO BASSETTI
ARCEBISPO METROPOLITA DE PERÚGIA - CITTÀ DELLA PIEVE**

SAUDAÇÃO NO INÍCIO DA CELEBRAÇÃO

Caríssimos irmãos,

se eu tivesse escutado antes desta manhã a meditação do nosso irmão e pai Carrón, talvez tivesse mudado a homilia de hoje, mas vocês podem se adaptar para escutar o que o Espírito também sugeriu a mim. Como quer que seja, participei realmente com profunda atenção e comovi-me intimamente diante da categoria da misericórdia de Deus, que realmente nos toma por aquilo que nós somos. E, assim, nos apresentemos ao Senhor esta manhã e queiramos com alegria – porque a misericórdia é experiência de alegria profunda – abrir-lhe o nosso coração.

HOMILIA

Caríssimo Julián Carrón, Pe. Ambrogio, sacerdotes, e vocês todos, irmãos e irmãs, é a vocês mesmos que quero dirigir minha mais cordial e afetuosa saudação. É com alegria que celebro esta Eucaristia no curso dos Exercícios Espirituais que estão transcorrendo aqui em Rímìni, um verdadeiro tempo de graça para a vossa Fraternidade, um tempo dedicado a Deus, mas também a vocês mesmos, durante o qual foram confrontados, como também pude escutar esta manhã, com a Sua palavra, que sempre inspira propósitos de santidade. Desejo que penetre sempre mais nos vossos corações a consciência do amor de Deus por cada um, um amor sem fim, que desconhece limites de espaço e de tempo, como nos lembrou o salmo: “Sim, é bom o Senhor e nosso Deus, sua bondade perdura para sempre, seu amor é fiel eternamente!”. Estas palavras devem tornar-se vivas para a nossa vida.

Caríssimos, há duas palavras nas leituras de hoje que resumem de modo eficaz o sentido desta celebração: testemunho e perseguição. Duas palavras igualmente importantes – que se alimentam mutuamente sem solução de continuidade, sem poder dizer com exatidão qual das duas tem prioridade – e que remetem a fatos concretos com os quais todo cristão – e digo-lhes isto por experiência, aos 74 anos – cedo ou tarde é chamado a confrontar-se em sua fé.

É um fato concreto o testemunho mostrado por São Paulo nos *Atos dos Apóstolos*, quando continua a anunciar com amor e tenacidade, apesar das dificuldades, as perseguições, a Boa Nova em Derbe, em Listra, e depois na Mísia e em Trôade; e por fim, por aquele sonho miraculoso, sente-se levado para a Macedônia: da Ásia passara para a Europa. E é igualmente um fato concreto a perseguição que Jesus anuncia aos discípulos: o mundo odiou-O por primeiro e vai continuar a odiar todos aqueles que falarem em Seu nome. Ao mesmo tempo, hoje é um fato concreto o Ano Santo da Misericórdia, que o Papa nos convida a viver de modo autêntico justamente para tornar “mais forte e eficaz o testemunho dos crentes”, ou seja, o nosso testemunho.

Impressionou-me aquela maravilhosa exemplificação do momento culminante da misericórdia de Deus, da qual Pe. Carrón partiu: a vocação de Moisés. Talvez Moisés estivesse atravessando uma crise existencial, como tantas vezes acontece também em nossa vida. Mas Deus existe, Deus vê, Deus sente, Deus está perto; Deus se dá conta do drama do povo de Israel. E aí está a misericórdia de Deus – que é concreta, como foi ressaltado agora há pouco –, eis que chega a resposta de Deus: “Eu ouvi o grito do meu povo, vi como é maltratado, e então decidi libertar com mão forte e poderosa o meu povo de sua escravidão. Por tuas mãos realizarei esta libertação” (cf. Ex 3,7-12). A misericórdia de Deus exprime-se sempre num chamado, numa vocação pontual e precisa.

Voltando ao tema que eu estava destacando, o das perseguições – porque a palavra de Deus é atual, o que Jesus disse: “Sereis perseguidos”, é dito esta manhã para nós –, há fatos concretos, notícias que chegam de muitas partes do mundo, onde muitos irmãos nossos na fé, só pelo fato de testemunharem silenciosamente seu amor por Cristo, são perseguidos, humilhados, expulsos das próprias residências, presos e até mesmo mortos. Durante o Sínodo sobre a família, e ontem novamente, pude encontrar duas figuras eminentes da Síria: o patriarca Gregório III, dos Melquitas, e o bispo caldeu de Aleppo. No rosto desses dois irmãos no episcopado li todo o drama do povo deles e dos cristãos. Mas também penso nos cristãos da Planície de Nínive – a Igreja caldeia é uma das mais antigas do mundo, que em suas origens remonta a Abraão – completamente esfacelada. E também penso nos irmãos nigerianos mortos por alguns terroristas suicidas enquanto participavam do culto na igreja deles. Ou nos irmãos e nas irmãs do Paquistão. Portanto, vocês veem que esta palavra de Jesus está em ação neste exato momento.

Mas nada disto acontece por acaso. E não precisamos maravilhar-nos com o que sucede, e sobretudo jamais devemos perder a esperança,

porque tudo isto já havia sido predito por Jesus. O qual foi odiado pelo mundo e, no entanto, “venceu o mundo”, e em virtude dessa vitória o salvou. Nós também, hoje, somos exortados a entrar nessa dimensão e a seguir esse caminho que o Nazareno nos traçou. Nós não somos do mundo, mas vivemos no mundo, ensina-nos João.

E hoje Jesus vem dizer-nos outra coisa importantíssima, caros irmãos. Vejo entre vocês muitos jovens, e meu coração alegre-se. Vem dizer-nos que é Ele quem nos escolheu! Vocês não seriam 22 mil aqui se, de um modo ou de outro, não tivessem respondido a um chamado. É Ele quem os escolheu. Não somos nós, com a nossa sabedoria ou inteligência, que O escolhemos. É Ele que veio ao mundo e nos chamou para si, para sermos sal da terra e fermento para a atual geração de homens.

“Num mundo onde tudo, *tudo*, dizia e diz o contrário” do cristianismo, Dom Giussani afirmava que é fundamental “mostrar a pertinência da fé às exigências da vida”, testemunhar que “a fé corresponde às exigências fundamentais e originais do coração de cada homem” (*Educar é um risco*). E aqui, no profundo, citava Péguy.

Como são verdadeiras essas palavras de Dom Giussani! Ainda hoje aquele chamado a anunciar Cristo como “fato presente”, como acontecimento que se repete incessantemente na história da humanidade e não só como evento acontecido no passado, apresenta-se a nós como experiência iniludível do nosso ser cristão. O anúncio de Cristo dá-se *hoje*, em qualquer período histórico, em qualquer contexto cultural e em qualquer latitude. E é um anúncio que jorra da fonte inexaurível da fé, que está além da nossa concepção do tempo e do espaço. “As coisas que lhes direi são uma experiência que é o resultado de um longo passado: dois mil anos” (*Educar é um risco*). Este “dois mil anos” é um hoje, e essas coisas valem para o hoje e valerão forçosamente também para o futuro.

As palavras com que Jesus adverte os discípulos não devem ser lidas, portanto, como um triste presságio de desventura, mas devem ser apreendidas como um grande ensinamento, por meio do qual todo fiel pode adquirir uma consciência plena do que significa autenticamente ser discípulo do Senhor. O que espera o cristão de todas as épocas e de todos os lugares não é, pois, o consenso das multidões ou o aplauso do mundo, mas é muitas vezes o exato oposto. “Se me perseguiram a mim”, disse-nos Jesus, “hão de perseguir-vos também a vós”. Estas palavras, porém, nunca nos desencorajam, porque o Senhor nos doa sempre a Sua graça mesmo nos momentos obscuros, e a perseguição nunca é um fato estéril, porque mediante ela se manifesta sempre o poder do Espírito Santo que doa a força do testemunho. O filho de Deus prepara esses pobres homens

da Galileia para uma grande missão. Se é verdade, com efeito, que todos os que foram discípulos de Jesus serão odiados pelo “mundo”, é igualmente verdade que é só por essa perseguição que poderá manifestar-se o poder do Espírito Santo, que os saberá guiar em seu testemunho. São marcantes os *Atos dos Apóstolos*, bem no início da pregação, quando Lucas ressalta “*ibant gaudentes apostoli*”. Mas por que é que se alegravam, se tinham batido neles, se os tinham flagelado, se os puseram na prisão?! Com que se alegravam? De terem podido sofrer algo pelo nome de Jesus. Que seja esta também a razão da nossa alegria, se tivermos de sofrer alguma coisa. Nós estamos na alegria porque sofreremos por Jesus.

Jesus, desta forma, não se limita a predizer o ódio do mundo, mas aponta suas razões mais profundas. O mundo odeia os discípulos por um motivo muito simples: porque eles não pertencem ao mundo, mas a Cristo. O ódio do mundo, então, não é tanto um fator de escândalo, mas é, muito pelo contrário, um sinal inevitável de pertencerem a Cristo. A perseguição é decisivamente o sinal de serem os fiéis luz no Senhor. E enquanto houver homens e mulheres perseguidos, o mundo verá a luz do Senhor. Nós pertencemos a Cristo, e Cristo redimiu este mundo com Seu sacrifício e com Seu amor eterno por todos os homens. A perseguição é parte constitutiva da história da salvação: é a via da cruz que se encarna na existência quotidiana de cada um. Aceitada com amor, esta é fonte de salvação para todos.

O Jubileu da Misericórdia proclamado por Francisco vem para lembrar-nos também disto, e é uma ocasião única para curar “as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade” e para “ver as misérias do mundo”, como nos disse o Papa. O homem moderno, de fato, parece ter caído numa espécie de pântano da alma, do qual já não consegue levantar-se e do qual não pode sair sozinho. Os atentados terroristas, por um lado, e o drama dos refugiados, por outro, são dois lados da mesma moeda: representam esse pântano de ódio e indiferença no qual o homem moderno se afundou.

E é justamente aqui, nesta virada muito delicada da história, que se insere a ação salvífica da misericórdia. A misericórdia de Deus, com efeito, não é uma palavra açucarada para cristãos carolas nem tampouco um termo que evoca devocionismos antigos. A misericórdia é, contrariamente, o testemunho viril da presença de Deus na vida dos homens. Um testemunho que se apresenta como uma propensão à acolhida e ao perdão e nos mostra, indubitavelmente, qual é a via do amor cristão. A misericórdia, definitivamente, é o canal da graça que de Deus chega aos homens. E é um fato extraordinário, mas atual para o homem de hoje.

Caríssimos irmãos e irmãs, em 1998, na Praça de São Pedro, Dom Giussani afirmou, e lembro-me como se fosse hoje: “O verdadeiro protagonista da história é o mendicante”. Lembrem-se destas palavras! E quem é esse mendicante? Perguntou-se Dom Giussani. E respondeu: “Cristo mendicante do coração do homem e o coração do homem mendicante de Cristo”. Faço votos de que todos vocês vivam essa existência plena, que se expressa, para usar as palavras do fundador da vossa Fraternidade, “como ideal último, na *mendicância*”. Seremos mendicantes de Cristo, eis o ideal máximo! Eis a maior provocação para este mundo, deixem-me dizê-lo, superficial e hedonista. E justamente por ser o mundo superficial e hedonista é que nós, como nos disse Dom Giussani, queremos ser verdadeiros mendicantes de Cristo. Abram seus corações, escancarem seus ouvidos e tirem de seus olhos as lentes do mundo, pois só assim é possível distinguir o rosto de Cristo, como diz o Papa Francisco, o único rosto que oferece um sentido à perseguição e nos dá a força para sermos testemunhas autênticas do amor misericordioso de Deus pela humanidade.

Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo.

ANTES DA BÊNÇÃO

Julián Carrón. Caríssimo Cardeal Bassetti, desejo agradecer-lhe em nome de todos os meus amigos, de todos nós, por ter aceitado presidir esta celebração eucarística durante os nossos Exercícios, precisamente neste ano do Jubileu da Misericórdia. Obrigado pela atenção com que sempre seguiu a nossa história, desde quando era reitor do Seminário de Florença, onde tantos amigos puderam gozar de sua amizade e de sua companhia, e por como nos acompanha agora, em sua proximidade com o Papa Francisco. Quero também agradecer-lhe porque sua presença aqui é para nós um sinal daquela misericórdia que o Senhor sempre tem para conosco, inclinando-se sobre a nossa necessidade. Obrigado, caríssimo!

Cardeal Bassetti. Caríssimo Pe. Julián, esta manhã acompanhei com olhos de grande ternura esta maravilhosa família que o Senhor quis confiar particularmente aos seus cuidados, através da Igreja; e também reconhecendo vários sacerdotes, começando pelo Seminário de Florença, depois em Massa Marittima, em Arezzo, e por fim em Perugia. Então fui um padre itinerante, mais do que um bispo itinerante, sempre com a mochila nas costas por aquilo que o Papa me pedia, tendo então também um conhecimento de muitos deles. Por esses motivos, meu coração se enche

de grande ternura. E também sinto um pouco de paternidade em relação a todos vocês, o que absolutamente não deixa o Pe. Julián com ciúmes, considerando o que o senhor disse, não é mesmo?

Carrón. De forma alguma!

Cardeal Bassetti. Até porque, numa outra vez, vou contar algumas confidências de Dom Giussani, mas agora não é o momento.

Concluo, por todos os motivos que destacamos e também pelo que ouvi da belíssima meditação, que realmente foi para mim um momento de contemplação. Vocês sabem, a vida do bispo transcorre sempre em meio a muitas dificuldades, de todos os tipos, e ficar uma hora aqui, sentado, vendo bem o rosto de Pe. Carrón, pois ele estava mesmo na minha frente, e escutando suas palavras, foi como um alívio para a minha vida: obrigado também por isso. Juntando todos esses motivos, lembro-me das palavras de Jesus a seus discípulos depois que os tinha chamado e constituído, quando lhes disse: “Ide, deis frutos e que o vosso fruto permaneça”. Que de verdade, caros filhos, vocês possam trazer à Igreja e ao mundo todos os frutos que o Senhor espera de cada um e de cada uma de vocês!

Com estes sentimentos, eu lhes concedo a minha bênção.

* * *

Regina Coeli

Sábado, 30 de abril, tarde

Na entrada e na saída:

Wolfgang Amadeus Mozart, Concerto para piano e orquestra n. 23 em lá maior, KV 488

Marija Yudina, piano

Aleksandr Gauk - Orquestra Simfônica da Rádio de Estado da URSS

Gravação de 1948

Vista Vera, Moscou, 2005

■ SEGUNDA MEDIRACÃO

Julián Carrón

“Sim, Senhor, Tu sabes que és o objeto da minha simpatia suprema”

Em Jesus, revelou-se o que quer dizer que Deus é misericórdia, como vimos esta manhã. É uma novidade tão inédita, que parece injusta; vai tão além de qualquer imaginação, que é perturbadora. Cristo é o ápice da misericórdia, daquele estilo divino de que fala Bento XVI e que o Papa Francisco nos lembrou no grande discurso em Florença, referindo-se ao afresco do *Ecce homo* na catedral da cidade: “Olhando para a sua face, o que vemos? Antes de tudo, o rosto de um Deus ‘esvaziado’, de um Deus que assumiu a condição de servo, humilhado e obediente até à morte (cf. Fl 2,7)”.¹¹⁸ Nesse esvaziamento de todo poder, revela-se aquilo de que falava Bento XVI, isto é, que o estilo divino é “não se impor pela força exterior, mas dar liberdade, conceder e suscitar amor”.¹¹⁹

Poderiam pensar que tudo acaba aqui. No entanto, como dissemos ontem seguindo Bento XVI, ainda falta verificar se essa revelação da misericórdia, conforme ao estilo divino, esvaziado de qualquer poder, exerceu – e exerce – atração sobre o eu. Caso contrário, não haveria justificação de Deus perante o coração do homem, porque a finalidade perseguida por Deus ao longo da história é gerar um homem que o ame livremente. “Por esta liberdade [...] sacrifiquei tudo, diz Deus, / Pelo prazer

¹¹⁸ Francisco, *Discurso no encontro com os participantes do V Congresso da Igreja Italiana*, Florença, 10 de novembro de 2015.

¹¹⁹ J. Ratzinger/Bento XVI, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a ressurreição*, op. cit., p. 306.

que tenho em ser amado por homens livres, / Livrentemente.”¹²⁰ Esta era a promessa da “Nova Aliança” anunciada pelos profetas.

Eis então a pergunta: deu certo a tentativa de Deus? Deus conseguiu, em Jesus, originar esse amor, essa liberdade, essa adesão? Foi possível suscitar um eu livre, capaz de reconhecê-Lo? Em outros termos: Deus se justificou perante a razão e o coração do homem? Se pudermos responder afirmativamente, se a Sua tentativa deu certo, então há esperança de que esse resultado possa ocorrer em nós também: não estaremos condenados a ficar à mercê de nós mesmos, da precariedade das nossas vontades e da nossa impotência.

1. O “sim” de Pedro

“A maior coisa que Deus nos deu a conhecer na nossa história nestes últimos vinte anos foi o sim de São Pedro”,¹²¹ dizia Dom Giussani em 1995. De fato, as páginas que falam do “sim” de Pedro estão entre as mais originais e espetaculares que ele nos deixou. Mas estão, ao mesmo tempo, entre as páginas menos entendidas, de tanto que são perturbadoras, de tanto que sobressaem a todo o resto. É preciso que nos deixemos envolver por seu testemunho, por seu tom, para podermos experimentar seu sentido nas nossas entranhas, para poder entendê-las, porque só uma experiência é que faz entender, não reflexões separadas.

Dom Giussani surpreende-nos já desde a primeira frase: “O vigésimo primeiro capítulo do Evangelho de João é a documentação fascinante do surgimento histórico da ética nova. A história particular que se documenta é o ponto chave da concepção cristã do homem, da sua moralidade, em sua relação com Deus, com a vida, com o mundo”.¹²²

Tentemos identificar toda a dimensão revolucionária deste *incipit* de Dom Giussani: o ponto chave da concepção cristã do homem, ou seja, de uma concepção mais compreensiva e correspondente do homem, da sua moralidade, da relação com Deus, é um fato na história. Quer dizer, o ponto chave de um olhar finalmente adequado a nós mesmos e aos outros não é uma aula de antropologia cristã, mas uma história particular, sem a qual eu não entenderia nem sequer a antropologia. Aquilo que nós, seguindo a mentalidade de todos, consideramos quase irrelevante por não ser replicável com nossos esforços – uma história particular não pode

¹²⁰ Ch. Péguy, “Il mistero dei santi innocenti”. In: Idem, *I Misteri*, op. cit., p. 343.

¹²¹ Anotações de um encontro da Diaconia de CL Espanha com Dom Giussani, Milão, 15 de maio de 1995. Conservado na Secretaria Geral de CL, Milão.

¹²² L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 82.

traduzir-se num “modelo” e, por isso, não pode tornar-se repetível conforme o método científico –; o que nos parece frágil demais para poder lutar contra as ideologias que reduzem o homem e que, portanto, somos tentados a descartar, para Dom Giussani é o ponto chave de tudo. Como Jesus diz de si mesmo: “A pedra que os pedreiros rejeitaram tornou-se agora a pedra angular”.¹²³

Se quisermos entender estas coisas até o fundo, obrigatoriamente temos de voltar para como esta inteligência nova e esta moralidade nova entraram no mundo. É sempre impressionante, neste sentido, o valor de método que Dom Giussani atribui aos relatos evangélicos, pelos quais se deixa ensinar constantemente e dos quais nunca deixa de aprender. Nós, na segunda vez que lemos, achamos que já sabemos! Se não quisermos repetir o nosso erro, tentemos seguir Dom Giussani em sua identificação com o relato do Evangelho; não tratemos o que vamos escutar como um “já sabido”, mas deixemo-nos impressionar por cada particular, como se o escutássemos pela primeira vez.

“Os discípulos estavam voltando, ao amanhecer, de uma noite ruim no lago, na qual não haviam pescado nada. Perto da margem, veem na praia uma figura ocupada com acender o fogo. Pouco depois veriam que no fogo havia peixes trazidos para eles, dada a fome naquela madrugada. Num dado instante João diz a Pedro: ‘Mas aquele é o Senhor!’ . Então se abrem os olhos de todos e Pedro se lança na água, tal como está, e é o primeiro a chegar na margem. Os outros o seguem. Dispõem-se em círculo, em silêncio: ninguém fala, porque todos sabem que é o Senhor. Estirados para comer, trocam entre si algumas palavras, mas estão todos intimidados pela presença excepcional de Jesus, Jesus ressuscitado, que já aparecera a eles em outras circunstâncias. Simão, cujos muitos erros o haviam tornado o mais humilde de todos, também ele estirado no chão tendo à frente a comida preparada pelo Mestre, olha para quem está a seu lado e com maravilha e tremor vê que é Jesus. Então desvia o olhar d’Ele e fica assim, sem jeito. Mas Jesus lhe fala. Pedro pensa em seu coração: ‘Meu Deus, meu Deus, como mereço uma bronca! Agora vai me dizer: ‘Por que me traíste?’’. A traição fora o último erro grave feito.” Mas, como cada um de nós sabe, quando cometemos um erro grave é como se também voltassem todos os erros do passado. Foi assim também com Pedro, porque toda a sua vida “fora atribulada, por seu caráter impetuoso, por sua imponência instintiva, por seu seguir em frente sem cálculos. Ele via tudo de si à luz de seus defeitos. Aquela traição fizera emergir nele com

¹²³ Mc 12,10.

clareza o resto dos seus erros, o quanto ele não valia nada, o quanto era fraco, fraco de dar dó. ‘Simão...’ – vai saber que arrepio enquanto aquela palavra ecoava em seu ouvido, tocando-lhe o coração –, ‘Simão...’ – e aqui deve ter ensaiado voltar seu rosto para Jesus –, ‘tu me amas?’. Quem poderia esperar aquela pergunta? Quem poderia esperar aquela palavra? Pedro era um homem de quarenta ou cinquenta anos, com família e filhos, e mesmo assim tão criança perante o mistério daquele companheiro encontrado por acaso! Imaginemos como deve ter-se sentido transpassar por aquele olhar que o conhecia em cada detalhe. ‘Serás chamado Cefas’: seu caráter duro era identificado com aquela palavra, ‘pedra’, e o último pensamento era, para ele, imaginar o que o mistério de Deus e o mistério daquele Homem – Filho de Deus – fariam com aquela pedra, daquela pedra. Desde o primeiro encontro, Ele preencheu todo o seu ânimo, todo o seu coração”. Que potência teve aquele primeiro encontro de Pedro com Jesus: decidiu a sua vida! “Com aquela presença dentro do coração, com a memória contínua d’Ele, [Pedro] olhava a mulher e os filhos, os colegas de trabalho, os amigos e os desconhecidos, os indivíduos e as multidões, e pensava e adormecia. Aquele homem tornara-se para ele como uma grande, imensa revelação ainda não esclarecida.”¹²⁴

Dom Giussani continua a reviver a cena: “‘Simão, tu me amas?’ ‘Sim, Senhor, eu Te amo’”. Mas como é possível, “como podia falar assim depois de tudo o que havia feito”, com todos os erros que lhe vinham à mente? “Aquele ‘sim’ era a afirmação do reconhecimento de uma excelência suprema, de uma excelência inegável, de uma simpatia que dominava todas as outras. Tudo estava contido naquele olhar deles, coerência e incoerência era como se passassem finalmente para um segundo plano, atrás da fidelidade que sentia carne da sua carne, atrás da forma de vida que aquele encontro havia plasmado”.¹²⁵ Simpatia não é uma palavra que nós esperaríamos encontrar quando se fala de moral, ainda mais se essa palavra joga para um segundo plano o problema, que tanto nos aflige, da coerência ou da incoerência. Mas quem o experimentou pode entender: uma presença como a de Jesus, uma simpatia como a suscitada por Jesus prevalece sobre todos os delitos que alguém pode ter cometido.

“De fato”, continua Dom Giussani, “não houve nenhuma bronca”. Jesus simplesmente lhe dirigiu de novo a pergunta: “‘Simão, tu me amas?’”. Não incerto, mas temeroso e tremendo, respondeu de novo: ‘Sim, eu Te amo’. Mas na terceira vez, na terceira vez que Jesus lhe dirigiu a per-

¹²⁴ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 82-83.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 83.

gunta, teve de pedir a confirmação do próprio Jesus: ‘Sim, Senhor, Tu o sabes, eu Te amo. Para Ti é toda a minha preferência de homem, toda a preferência do meu espírito, toda a preferência do meu coração. Tu és a preferência extrema da vida, a excelência suprema das coisas. Eu não sei, não sei como, não sei como dizer e não sei como é, mas apesar de tudo o que fiz, apesar do que ainda posso fazer [neste momento, agora], eu Te amo’”¹²⁶.

Como vemos, em Simão domina essa simpatia, essa preferência, com as quais o primeiro a ficar espantado é o próprio Pedro: “Não sei como”, não sabe explicar como é possível, mas não pode evitar que a surpreenda dentro de si, como algo mais determinante do que todos os erros cometidos.

A genialidade de Giussani pode ser reconhecida na simplicidade com que se deixa ensinar pelo relato, não reduzindo o “sim” de Pedro a um impacto sentimental, a um momento emocionante, lírico e comovente, mas apreendendo toda a sua dimensão generativa, geradora, fundadora de uma novidade de vida: “Esse ‘sim’ é a nascente da moralidade, o primeiro sopro de moralidade no deserto árido do instinto e da reação pura. A moralidade deita suas raízes no ‘sim’ de Simão, e esse ‘sim’ só pode enraizar-se na terra do homem por uma Presença dominante, compreendida, aceita, abraçada, servida com todo o impulso do próprio coração, que só assim pode voltar a ser criança. Sem presença não há gesto moral, não há moralidade”¹²⁷.

Bastaria uma frase como esta para desbançar livros inteiros de moral e muitas das estratégias que nos parecem mais inteligentes. O que pode deitar raiz em nós, o que pode firmar-se no íntimo de nós mesmos não é uma lei ou um preceito, um discurso ou uma aula, mas – diz Dom Giussani – só uma Presença, “uma Presença dominante, compreendida, aceita”¹²⁸. E isto é libertador. Sem essa Presença, o “sim” – portanto a moralidade – não pode enraizar-se na terra do nosso coração. E seria inútil nos lamentarmos. Não é possível, mesmo com todo o nosso esforço; o “sim” não pode enraizar-se, a não ser por aquela Presença dominante. “Sem Presença não há gesto moral”. Tinha dito isto Jesus mesmo: “Sem mim, nada podeis fazer”¹²⁹. Foi necessário que a misericórdia de Deus se tornasse carne, presença, presença carnal, histórica, para conseguir atrair todo o homem, para fazer enraizar-se o “sim” no coração do homem.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 83-84.

¹²⁷ *Ibidem*, p. 84.

¹²⁸ *Ibidem*.

¹²⁹ Jo 15,5.

Que tem de particular essa Presença, para suscitar o “sim” e, desta forma, a moral nova?

“Este homem, Jesus, tem uma característica humana muito simples: é um homem do qual emana uma *simpatia* humana” que nunca poderá nascer de uma lei, de uma aula, de uma lista de coisas para fazer. É uma simpatia humana provocada por aquela carne. E “a moralidade, ou seja, a vitória sobre o niilismo”, sobre a dissolução, sobre nos tornarmos canhões soltos no convés, “não é não falhar, não cometer erros, mas, mesmo cometendo erros, falhando, no fim: ‘Simão, tu me amas?’, ‘Sim, Senhor, eu Te amo’”. Posso errar mil vezes, mas “eu adiro; eu adiro à simpatia humana que emana de Ti, Jesus de Nazaré, eu adiro. E dentro desta simpatia que emana de Ti eu aprendo, aprendo a viver, aprendo a ser homem. É extremamente simples a moralidade: é aderir a uma simpatia, uma simpatia humana. Humana como a simpatia que a mãe experimenta por seu filho e o filho experimenta por sua mãe”. O problema não é que a criança não apronte – seria impossível –: para que aprenda a viver, basta que a simpatia da mãe atraia e faça vir à tona toda a sua simpatia. A simpatia de uma mãe é visceral, como a simpatia daquele Homem por Pedro. “Jesus tem esta simpatia humana por você, por mim, e eu, mesmo cometendo erros, digo: ‘Sim, Senhor, eu adiro a esta simpatia’. Esta última afirmação é a possibilidade última de vencer o niilismo que nós ‘pegamos’ por contágio da sociedade em que vivemos. Para mim é importante”, prossegue Dom Giussani, “que vocês fiquem sobre aquilo que eu disse no final, ou seja, que a moralidade – responder ‘sim’ a Cristo, que lhe pergunta: ‘Tu me amas?’ – tem um início extremamente simples, que é a simplicidade de aderir a uma simpatia. E aderir a uma simpatia tem um início extremamente simples, que é *olhar*: um olhar para Cristo”.¹³⁰

Como que marcado pela novidade daquilo que estava dizendo sobre a opinião dominante, quase percebendo o nosso incômodo diante dessas palavras, Giussani faz vir à tona a pergunta que tanto inquieta a cada um de nós: “Mas por que o ‘sim’ de Simão é a nascente da moralidade? Não vêm antes os critérios de coerência e incoerência? Pedro tinha aprontado todas”. Não se trata de pintar a realidade com outras cores. Sim, “Pedro tinha aprontado todas, e ainda assim vivia uma simpatia suprema por Cristo”. Para nós, estas duas coisas são quase incompatíveis, não conseguimos deixá-las juntas. Contudo – que libertação escutar isto! –, Pedro surpreendia-se ao sentir que tendia para Cristo, “entendia que tudo em si

¹³⁰ L. Giussani, A virtude da amizade ou: da amizade de Cristo, *Litterae communionis*, n. 51, mai./jun. 1996, p. 24-25.

tendia para Cristo, que tudo se concentrava naqueles olhos, naquela face, naquele coração. Os pecados passados não podiam constituir objeção e muito menos toda a imaginável incoerência futura: Cristo era a fonte, o lugar da sua esperança. Ainda que objetassem o que ele fizera ou o que poderia fazer, Cristo continuava, por entre a névoa daquelas objeções, a fonte de luz da sua esperança. E ele O estimava acima de qualquer outra coisa, desde o primeiro momento em que se sentira fixado por Ele, olhado por Ele: amava-O por isso”.¹³¹ Como aconteceu com Maria Madalena. Entendem por que O procurava dia e noite? Não porque tinha de fazê-lo, mas porque não podia não procurá-Lo dia e noite.

“Sim, Senhor, Tu sabes que és o objeto da minha simpatia suprema, da minha estima suprema’: assim nasce a moralidade [a partir da relação com Cristo]. E mesmo assim a expressão é muito genérica: ‘Sim, eu Te amo’: mas é tão genérica quanto geradora de uma diversidade de vida almejada.”¹³² Vocês já precisaram ler essas coisas para conseguir olhar para si mesmos? Não acho – confesso – que já tenha lido nada mais vezes do que estas páginas: para olhar para mim, para poder-me abraçar, para poder-me olhar como Ele me olha, para poder surpreender aquela simpatia que arrasta tudo. Nunca agradeceremos o bastante a Dom Giussani o fato de podermos olhar-nos assim, qualquer coisa tenhamos feito, voltando constantemente a estas páginas, para redescobrir o que nos permite olhar para nós mesmos deste modo.

Com uma atenção única para conosco, para não deixar nada de fora, para evitar que o “sim” de Pedro se torne para nós uma armadilha, uma medida sufocante, Dom Giussani faz a pergunta que o moralismo que temos em nós nos levaria a fazer: “O sim de São Pedro se traduziu automaticamente numa coerência?”. Resposta: “Mas nem um pouquinho! Recuso-me a pensar isso! Há aquele sim, e ele tem uma consistência última misteriosa, em seu nexo com aquela presença, com a atração e a humanidade daquela presença”;¹³³ aquele “sim” tem uma tal consistência, que chega a desconcertar a quem exige um relatório, de si e dos outros, é muito mais consistente do que qualquer balanço.

E então? Se o “sim” não garante a impossibilidade de errar, como ficar diante dos nossos previsíveis erros? Dom Giussani citava com frequência, acerca disto, uma frase da Primeira Carta de São João: “Todo aquele

¹³¹ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 84.

¹³² *Ibidem*.

¹³³ Anotações de um encontro da Diaconia de CL Espanha com Dom Giussani, Milão, 15 de maio de 1995. Conservado na Secretaria Geral de CL, Milão.

que espera nele purifica-se a si mesmo, como também ele é puro”.¹³⁴ Que significa? Que “a nossa esperança está em Cristo, naquela Presença que, por mais distraídos e desmemoriados que sejamos, já não conseguimos tirar – não até o último pedaço, ao menos – da terra do nosso coração, por toda a tradição dentro da qual ele chegou a nós”. Cristo é uma presença que já não conseguimos erradicar da nossa terra, da terra do nosso coração. “É n’Ele que tenho esperança, antes de ter contado meus erros e minhas virtudes. Não cabem, aqui, as contas numéricas. Na relação com Ele, o número não tem lugar, o peso medido e mensurável não tem lugar, e toda a possibilidade de mal que se pode realizar em mim no futuro, esta tampouco tem lugar, não consegue usurpar o título primário que possui perante os olhos de Cristo o ‘sim’ de Simão repetido por mim. Então brota um jorro do fundo de mim, como um respiro que sobe do peito e inebria toda a pessoa e a faz agir, a faz desejar agir de forma mais justa: brota, prorrompe do fundo do coração, a flor do desejo da justiça, do amor verdadeiro, autêntico, da capacidade de gratuidade. Como o início de toda ação nossa não é uma análise do que os olhos veem, mas um abraço daquilo que o coração espera, assim a perfeição” – atenção, a perfeição – “não é despachar leis, mas aderir a uma Presença.”¹³⁵

Decerto o desejo de errar de novo não nasce do perdão. Só quem nunca foi perdoado é que pode pensar assim: “Já que fui perdoado, faço de novo”. Pode até fazê-lo, mas não o deseja realmente. Na verdade, o que a pessoa surpreende em si mesma é o desejo de agir de forma mais correta. “Só um homem que vive essa esperança em Cristo é que continua toda a vida na ascese, no esforço pelo bem. E, mesmo quando ele é evidentemente contraditório, deseja o bem. Isto sempre vence, no sentido de que é a última palavra sobre si, sobre o próprio dia, sobre o que se faz, sobre o que se fez, sobre o que se vai fazer. O homem que vive essa esperança em Cristo continua na ascese. A moralidade é tender continuamente ao ‘perfeito’ que nasce de um acontecimento no qual uma relação com o divino, com o Mistério, está *implicada*.”¹³⁶

A moralidade cristã, então, não pode constituir de algum modo um aval dos nossos erros. Mas muito menos é ficarmos sufocados com o número dos nossos erros, como diz Dom Giussani: “Na relação com Ele, o número não tem lugar”, não conta. A moralidade cristã é um “tender para” que nasce do maravilhamento pelo amor de Cristo.

¹³⁴ 1Jo 3,3.

¹³⁵ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 85.

¹³⁶ *Ibidem*.

Mas qual é, pergunta-se ainda Dom Giussani, a verdadeira razão do “sim” de Simão a Cristo? “Por que o ‘sim’ dito a Jesus vale mais do que enumerar todos os próprios erros e todas as possibilidades de erros futuros que a própria fraqueza implica? Por que esse ‘sim’ é mais decisivo do que toda a responsabilidade moral traduzida em seus particulares, traduzida em prática concreta? A resposta a estas perguntas revela a essência última do Enviado do Pai. Cristo é o ‘enviado’ do Pai, é Aquele que revela o Pai aos homens e ao mundo. ‘Esta é a vida verdadeira: que conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que enviaste’. A coisa mais importante é que ‘Te conheçam’, que Te amem, porque esse Tu é o sentido da vida. ‘Sim, eu Te amo’, disse Pedro. E a razão desse ‘sim’ consistia no fato de ele ter entrevisto naqueles olhos que o tinham fixado aquela primeira vez, e que depois o tinham fixado muitas outras vezes durante os dias e os anos seguintes, quem era Deus, quem era Iahweh, o verdadeiro Iahweh: *misericórdia*.” É isto o que Pedro viu, experimentou: “Em Jesus, revela-se-lhe a relação de Deus com sua criatura como amor e, então, como misericórdia. A misericórdia é a posição do Mistério para com qualquer fraqueza, erro e esquecimento do homem: Deus, perante qualquer delito do homem, ama-o. Simão sentiu isto, daqui nasce o seu ‘Sim, eu Te amo’”.¹³⁷

Sempre me marcou o episódio daquele homem que foi confessar-se com Giussani, na época em que era um jovem padre, numa paróquia de Milão: “Entra um homem no confessionário; fica em pé, não fala. Então eu olho para ele. Ele, provocado por esse meu gesto, diz: ‘Eu matei’. Não sei como, eu lhe disse: ‘Quantas vezes?’. Ele intuiu que poderia ter dito ‘mil vezes’ e eu teria assumido a mesma atitude que se tivesse respondido ‘uma vez’. Caiu no choro e curvou-se para me abraçar, chorando: havia intuído o perdão”.¹³⁸ Que consciência devia ter, desde jovem, da novidade que entrou com Cristo na história, para reagir daquele jeito na frente de um assassino! Não havia nada que justificar. Não precisamos justificar nada, mas – como Dom Giussani – podemos olhar tudo, reconhecer tudo, porque há um olhar, uma capacidade de perdão, uma misericórdia que ultrapassa qualquer medida. Quem nega o que fez pode iludir-se achando que resolveu o problema (até mesmo um homicídio!). Mas o problema permanece, ainda que um homem o esconda de si mesmo. Ainda bem que tu existes, Cristo, e que te revelaste como misericórdia, porque senão deveríamos carregar o peso terrível das nossas culpas.

¹³⁷ Ibidem, p. 85-87.

¹³⁸ L. Giussani, *L'autocoscienza del cosmo*. Milão: BUR, 2000, p. 63.

“O sentido do mundo e da história é a misericórdia de Cristo, filho do Pai, mandado pelo Pai para morrer por nós. No drama de Milos, a certa altura o Abade diz a Miguel Mañara, que ia sempre falar com ele para se lamentar dos pecados passados, e diz como que sem paciência: ‘Pare de reclamar como uma mulherzinha. Tudo isso nunca existiu’. Como assim, ‘nunca existiu’? Miguel tinha assassinado, estuprado, tinha sido injusto... ‘Tudo isso nunca existiu. Só Ele é.’ Ele, Jesus, dirige-se a nós, faz-se ‘encontro’ por nós, perguntando-nos só uma coisa: não ‘o que você fez?’, mas ‘você me ama?’. Amá-lo acima de qualquer coisa, então, não quer dizer que eu não tenha pecado ou que eu não venha a pecar amanhã. Que estranho! É preciso ter um poder infinito para ser essa misericórdia, um poder infinito do qual nós – neste mundo terreno, no tempo e no espaço que nos são dados para viver, nos anos, muitos ou poucos que sejam – obtemos, extraímos letícia. Porque um homem, com a consciência de toda a sua pouquidão, fica feliz diante do anúncio desta misericórdia: Jesus é misericórdia. [...] ‘Vós vos inclinastes sobre as nossas feridas e nos curastes – diz um prefácio da Liturgia Ambrosiana – doando-nos um remédio mais forte que as nossas chagas, uma misericórdia maior que a nossa culpa. Também assim o pecado, em virtude do nosso amor invencível, serviu para elevar-nos à vida divina.’”¹³⁹

É o que nos disse o Papa Francisco no dia 7 de março de 2015. A moral cristã nasce daqui: “É graças a este abraço de misericórdia que dá vontade de responder e de mudar, e que pode brotar uma vida diferente. A moral cristã não é o esforço titânico, voluntarístico, de quem decide ser coerente e consegue, uma espécie de desafio solitário perante o mundo. Não. Isto não é a moral cristã, é outra coisa. A moral cristã é resposta, é a resposta comovida na frente de uma misericórdia surpreendente, imprevisível, ‘injusta’ segundo os critérios humanos, de Alguém que me conhece, conhece as minhas traições e me quer bem igualmente, me estima, me abraça, me chama de novo, espera em mim, espera de mim”.¹⁴⁰

No mesmo sentido, Dom Giussani destaca que o início da moralidade humana – *de uma moralidade plenamente humana* – é um ato de amor, não uma lei ou um sentido do dever. “O ‘sim’ de Simão a Jesus não pode ser considerado como a nota de um sentimento [ao que às vezes nós o reduzimos], mas é o início de um caminho moral que ou se abre com aquele ‘sim’ ou não se abre. O início de uma moral humana não é a análise dos

¹³⁹ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 87.

¹⁴⁰ Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, Praça São Pedro, 7 de março de 2015.

fenômenos que amontoam a existência do eu, nem a análise dos comportamentos humanos em vista de um bem comum.” Não precisaria pular nenhuma linha. “Isto poderia ser o início de uma moral leiga abstrata, mas não de uma moral humana.”¹⁴¹ Se não reconhecermos isso, em nome do cristianismo nós faremos passar por moral cristã o que na verdade é só uma moral leiga abstrata. Todavia o início de uma “moral humana” é um ato de amor. “A vida do homem consiste no principal afeto que a sustenta e no qual encontra sua maior satisfação”,¹⁴² que é a forma com que Cristo se justifica perante nós. A maior satisfação é, de fato, uma correspondência às exigências do coração. Só porque encontro em Cristo a maior satisfação, é que se origina em mim – em mim! em cada um de nós! – um afeto por Ele que pode sustentar a vida inteira. “O início de uma moralidade humana é um ato de amor. É por isso que se exige uma presença, a presença de alguém que impressione a nossa pessoa, que reúna todas as nossas forças e as solicite atraindo-as a um bem desconhecido e ainda assim desejado e esperado: aquele bem que é Mistério.”¹⁴³ Sem essa Presença, não conseguiremos ficar unidos em nós mesmos. “Cristo atraí-me todo a si, tão belo é!”¹⁴⁴ Cristo atraí tudo de mim, atraí-me todo inteiro.

“O diálogo entre Jesus e Pedro termina de modo estranho. Este, que está prestes a seguir Jesus, fica preocupado com o mais jovem, João, que era para ele como um filho: ‘Quando Pedro viu aquele discípulo, perguntou a Jesus: ‘E este, Senhor?’ Jesus respondeu: ‘Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Tu, segue-me’. Aquele ‘sim’ dirige-se a uma Presença que diz: ‘Segue-me [tudo ali], abandona a tua vida’ [nas minhas mãos]. ‘*Jesu, tibi vivo, Jesu tibi morior, Jesu sive vivo sive morior, tuus sum.*’ Quer vivas, quer morras, tu és meu. Pertences a mim. Eu te fiz. Eu sou o teu destino. Eu sou o significado de ti e do mundo.”¹⁴⁵ Nenhuma outra coisa nos satisfaz como Ele.

É impressionante a consciência que Dom Giussani tem daquilo que move o homem no íntimo. Diferentemente do nosso presumido “realismo”, só uma presença é capaz de conquistar todo o nosso íntimo, ao ponto de colocá-lo em movimento e fazê-lo desejar mudar. Se isto não ocorre, todo o resto é conversa furada, é balbuciar tentativas ineficazes. Um instante dessa ação, um instante da simpatia que Cristo suscita vale

¹⁴¹ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 88-89.

¹⁴² São Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, IIa, IIae, q. 179, a.1.

¹⁴³ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 89.

¹⁴⁴ Jacopone da Todì, “Como l’anima se lamenta con Dio de la carità superardente in lei infusa”, Lauda XC. In: Idem, *Le Laude*. Florença: Libreria Editrice Fiorentina, 1989, p. 313.

¹⁴⁵ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 89.

mais do que todos os propósitos que possamos ter; um instante de preferência visceral por Cristo vale mais do que qualquer outra coisa. Com efeito, sem uma presença dominante que possa ser abraçada por nós, o “sim” não pode enraizar-se em nós. Apenas a atração potente da Sua presença é capaz de despertar uma simpatia que prevalece sobre a nossa incoerência ou incoerência, até mesmo sobre as contas numéricas. Apenas uma Presença cheia de misericórdia pode despertar o amor, que é o início da moralidade.

Então, continua Dom Giussani – prestemos atenção ao que nasce de uma história particular – “o protagonista da moral é a pessoa inteira, o eu inteiro”. Não uma parte de nós, não um eu que diz “Faço isso porque devo, mas o que eu queria fazer, na verdade, é outra coisa”. Não, o protagonista da moral é o eu inteiro. “E a pessoa tem como lei uma palavra que todos achamos que conhecemos e da qual, depois de muito tempo, se há um mínimo de fidelidade ao que é original em nós, se começa a entrever o significado: amor. A pessoa tem como lei o amor. [Porque] ‘Deus, o Ser, é amor’, escreve São João. O amor é um juízo comovido por uma Presença ligada ao meu destino. É um juízo, como quando se diz: ‘Esse é o Monte Branco’, ‘Este é um grande amigo meu’. O amor é um juízo comovido por uma Presença ligada ao meu destino, que eu descubro, entrevejo, pressinto ligada com o meu destino”, com a minha realização. “Quando João e André o viram pela primeira vez e ouviram ‘Vinde para a minha casa. Vinde e vede’, e ficaram todas aquelas horas ouvindo-o falar, não entendiam, mas pressentiam que aquela pessoa estava ligada ao destino deles. Tinham ouvido a todos aqueles que falavam em público, tinham ouvido seus pareceres e os de todos os partidos; mas só aquele Homem estava ligado ao destino deles”,¹⁴⁶ correspondia à espera deles. Que libertação! O amor é um juízo que nasce dessa correspondência. Mesmo se eu erro, sei bem o que me corresponde: Cristo. Mesmo se às vezes prefiro outra coisa, sei bem onde está a minha realização. Eu te amo por isso, ó Cristo. Posso afastar-me de Ti, mas não posso ir para longe de Ti sem me perder.

Por isso, “a moralidade cristã é a revolução na terra, porque não é uma lista de leis, mas é um amor pelo ser: uma pessoa pode errar mil vezes e sempre será perdoada, sempre será retomada e retomará seu passo no caminho, se seu coração [ele usa a condicional, atenção!] recomeçar com o ‘sim’”. A moral cristã não é mecânica, não é automática, não significa que tudo seja igual, porque exige uma condição: que o coração

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 89-90.

recomece com o “sim”. “O importante daquele ‘Sim, Senhor, eu te amo’ é o inclinar-se de toda a própria pessoa, determinada pela consciência de que Cristo é Deus e pelo amor por esse Homem que veio por mim: toda a consciência é determinada por isso, e eu posso errar mil vezes ao dia, ao ponto de ter vergonha de levantar a cabeça, mas ninguém me tira essa certeza. Apenas peço ao Senhor, peço ao Espírito que me mude, que me faça imitador de Cristo, que minha presença se torne mais como a de Cristo. [...] Podem repreender-me por cem mil erros, podem mandar-me a julgamento, o juiz pode mandar-me prender sem nem sequer me investigar, com uma injustiça escancarada, sem considerar se fiz ou não fiz, mas não me podem tirar esse apego que continuamente faz estremecer meu desejo de bem, ou seja, de adesão a Ele. Porque o bem não é o ‘bem’, mas é a adesão a Ele. [Ele é o bem] [...] Seguir esse rosto, sua Presença, levar sua Presença a toda parte, falar d’Ele para todos, a fim de que essa presença domine o mundo – o fim do mundo vai ser no momento em que essa Presença se tornar evidente para todos.”¹⁴⁷

Pela centralidade do ponto, e sabendo que nós também temos cabeça dura, Dom Giussani repete: “Esta é a moral nova: é um amor, não regras para seguir. E o mal é ofender o objeto do amor ou esquecê-lo. Depois, analisando com humildade todos os rumos e viradas da vida de um homem, pode-se muito bem dizer: ‘Isso seria mau, isso seria bom’, elencar, pondo-os em ordem, todos os erros em que o homem pode incorrer: pode-se fazer, enfim, um livro de moral. Mas a moral está em mim, que amo Aquele que me fez e que está aqui. Se não fosse por isso, eu poderia usar a moral exclusivamente para afirmar uma vantagem minha; seria, em todo caso, desesperador. Seria bom ler Pasolini ou Pavese para entender; não, basta lembrar-se de Judas”.¹⁴⁸

A moral está em mim, que amo Aquele que me fez e que está aqui; está em mim, no meu eu inteiro. É impressionante a radicalidade, e ao mesmo tempo simplicidade, com a qual Dom Giussani chega a mostrar de que modo Cristo cumpre a promessa de uma Nova Aliança anunciada pelos profetas, de que falamos esta manhã. Vamos reler Jeremias: “colocarei a minha lei no seu coração, vou gravá-la em seu coração [até aquele ponto haviam sido infieis, como se a lei não tivesse realmente residido no coração deles]; serei o Deus deles, e eles, o meu povo”.¹⁴⁹ Ou então Ezequiel: “Eu vos darei um coração novo e porei em vós um espírito novo.

¹⁴⁷ Ibidem, p. 90-91.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 91.

¹⁴⁹ Jr 31,33.

Removerei de vosso corpo o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Porei em vós o meu espírito e farei com que andeis segundo minhas leis e cuideis de observar os meus preceitos. Habitareis na terra que dei a vossos pais. Sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus”.¹⁵⁰

Neste momento poderia aparecer uma objeção: Dom Giussani ama Jesus, enquanto eu, infelizmente, não o amo ou não o amo como ele o ama, como lhe diziam alguns alunos: “*Dá para ver que Giussani ama Jesus e eu, pelo contrário, não o amo tanto assim*”. Dom Giussani responde rechaçando qualquer álbi: “Por que vocês opõem? O que vocês opõem? Por que opõem aquilo que vocês não teriam àquilo que eu teria? Por quê, o que eu tenho? Eu tenho este *sim* e basta, e para vocês não custaria nem mesmo uma vírgula mais do que custa para mim. A objeção de vocês erra o alvo, ou melhor, revela a busca por uma desculpa, por um pretexto. Os defeitos e erros de vocês, conclamados e reconhecidos publicamente, [...] são um pretexto para não dizer ‘sim’ a Jesus. Dizer ‘sim’ a Jesus. [...] Não há nada mais simples: ‘Eu não sei como é, não sei como seja: sei que tenho de dizer ‘sim’. Não posso deixar de dizê-lo’. Eu poderia dizer ‘não’, poderia ter dito aos sete anos: aos sete anos uma pessoa pode ser orgulhosa a ponto de negar (aos sete anos se pode negar); aos quinze, pior; aos vinte, mais ou menos; depois chega: a pessoa é simplesmente, abertamente, conscientemente impostora, ou então diz ‘sim’”.¹⁵¹

Nós criamos muitas imagens enganadoras desse “sim”. Mas para dizê-lo não são necessárias uma coragem ou uma capacidade particulares: é suficiente ir atrás daquela simpatia que nasce d’Ele. O “sim” nasce da experiência inconfundível de correspondência, desponta do reconhecimento de uma presença ligada ao próprio destino. O “sim” só implica a sinceridade de admitir a correspondência experimentada, de ceder à evidência de um olhar único sobre a própria vida. É deste modo que Deus se justifica perante o nosso coração.

Tentemos agora – terminado este percurso – fazer a comparação entre o método de Deus testemunhado pelo “sim” de Pedro e o método que estamos usando, mais ou menos conscientemente, com nós mesmos e com os outros. De onde esperamos a nossa mudança e a dos outros? Que método usamos? Com que métodos nos surpreendemos agindo? Com o de Deus? Se não é assim, se não prevalece esse método, sucumbimos ao dualismo; de modo que o “sim” de Pedro – mesmo considerado com admiração – se reduz a piedade, a devoção, a sentimentalismo religioso,

¹⁵⁰ Ez 36,26-28.

¹⁵¹ L. Giussani, *L’attrattiva Gesù*. Milão: BUR, 1999, p. 203-205.

até mesmo a intimismo, e para viver, para encarar a situação, as relações, a vida social e cultural, usamos “outra coisa”.

Giussani havia-nos advertido destas coisas há já algum tempo, no distante ano de 1977. “Que a salvação seja Jesus Cristo e que a libertação da vida e do homem, aqui e no além, esteja ligada continuamente ao encontro com Ele, para muitos de nós tornou-se um realce ‘espiritual’.” E não deu outra. “O concreto seria outra coisa.”¹⁵²

Evidencia-se o dualismo na mudança de método: prescindimos da história particular originada por Cristo como método para transmitir a concepção cristã do homem, para despertar sua adesão, sua moralidade, e apontamos para outra coisa. Ou melhor, por um lado, reduz-se a dimensão do encontro com Cristo e, por outro, consequentemente, confiamos-nos, com afã ou presunção, ao que nós sabemos fazer, conforme os esquemas de todos.

É como se a fonte de uma cultura nova fosse o nosso esforço inteligente de análise e de desenvolvimento e não pudesse, de algum modo, ser uma “história particular”, o affectus por um fato, pelo acontecimento de Cristo presente. E, quando é assim, inevitavelmente os critérios e as perspectivas de juízo são emprestados daquilo que o “supermercado” do mundo nos oferece, ainda que não nos demos conta. Tendo reduzido o encontro a uma inspiração espiritual ou a uma emoção, tiramos de outro lugar os fatores do nosso olhar para a realidade. E assim se insinua em nós o dualismo.

Ao passo que “consciência nova e moralidade nova”, insiste Dom Giussani, “têm a mesma origem. Para Simão, filho de João, e para Paulo, a origem da consciência nova é idêntica à origem da moralidade deles: um Acontecimento presente”.¹⁵³

A origem de uma cultura verdadeira e de uma moral nova é um acontecimento, um ponto específico, uma Presença cheia de atração e o apego a ela. Para começarmos a perceber isto, seria suficiente olhar com um mínimo de lealdade para o que aconteceu a cada um de nós. Não é por um esforço empregado por nós que passamos a reconhecer dimensões e profundidades do humano que antes não víamos ou recusávamos, que nos surpreendemos capazes de gestos que antes nem sequer imaginávamos: foi por um encontro, que se renovou no tempo e ao qual aderimos.

É o encontro com Cristo, mediante uma determinada realidade humana, que abriu os nossos olhos, que escancarou a nossa razão, ultrapassando medidas e preconceitos, e que mudou nossa forma de tratar tudo.

¹⁵² L. Giussani, “Viterbo 1977”. In: Idem, *Educar é um risco*, op. cit., p. 96.

¹⁵³ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 78.

E o que aconteceu conosco é a única saída também para os outros. Hoje vemos com clareza: não adianta uma insistência sobre a antropologia cristã para mudar a forma de olhar o homem; não adianta a mera repetição do conteúdo da moral cristã para mudar a forma de se relacionar com a realidade. Tivemos de esperar que o Mistério se fizesse carne, que acontecesse um encontro na nossa vida, pois sem a Sua presença, sem a presença de Cristo aqui e agora, a antropologia cristã e a moralidade cristã não se enraízam em nós. É aqui que decidimos se seguimos o que Cristo nos mostrou ou não. Muitas vezes, prescindindo de como Cristo faz as coisas, achamos que podemos chegar aos outros de outra forma. E, todavia, é preciso que aconteça o mesmo fato que ocorreu conosco, que ocorreu a Pedro, e é preciso que o homem o reconheça e o acolha, como nos aconteceu no início do caminho e como não pode ser diferente em nenhum outro ponto do percurso. Disto nasce a imitação de Deus.

2. Imitar a Deus

A experiência do perdão, da misericórdia, que muda os traços da nossa vida, faz-nos querer fazer o bem. “Como quando os meus pobres pais”, conta Dom Giussani, “depois de um erro, em vez de me dar bronca ou me castigar, me perdoavam: dá vontade – não só à criança, mas também às crianças grandes – de fazer o bem”. Dá vontade! “É necessário que o perdão que já temos em nós se manifeste. Ele se manifesta de dentro de nós, daquele profundo em que nós nascemos d’Ele, nascemos como liberdade; é necessário que se manifeste em meu amor a ti. Este será o último dia, quando uma evidência abissal irá persuadir a todos: a imensa dor se tornará eterno amor.”¹⁵⁴

Um amigo detento testemunha-nos que isto é possível: “Meu amigos, voltando para a prisão uma manhã, vocês não têm ideia de como foram uma ajuda para mim; entro na prisão e, como sempre, me fazem a revista, uma revista que pouco tem que ver com o ser humano, com a dignidade; tiram minha roupa. O que me permitiu ficar diante dessa provação foi também o rosto de vocês, o bem de vocês, e eu pensei: ‘Mas, se é verdade o que você compartilhou com o grupinho de amigos, então também esta provação, ou melhor, esta circunstância é para você. Não deve existir nenhuma circunstância que me possa roubar a coisa mais importante que trago em mim, ou seja, o olhar feliz’. Então naquele instante vocês foram a minha

¹⁵⁴ L. Giussani, *Guardare Cristo*, Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, notas das meditações [de Luigi Giussani]. Rimini, 1993, suplemento de *Litterae communionis-CL*, n. 4, 1990, p. 28.

salvação, abracei toda aquela realidade, mesmo se me dava tristeza, não só por mim, mas sobretudo por quem me fazia aquilo. Mas entendi que não é culpa deles. Que culpa tem alguém se não fez um encontro, se não teve quem o amasse gratuitamente e consequentemente o ensinasse a amar, como faz sem um guia assim?! Que culpa tem alguém se não tem uma testemunha para seguir que o faça entender o que é o homem e, principalmente, por que vale a pena viver? Eu olhei para eles com uma grande ternura, não porque me agradasse ser despedido ou ser tratado assim, isso não. Olhei para eles com ternura porque, se uma pessoa sempre foi tratada assim na vida, em consequência trata do mesmo jeito a quem encontra. Primeiro a pessoa tem a dignidade tocada e em consequência age com quem encontra!”.

Isto, observa Dom Giussani, é o que acontece: “Mediante o maravilhamento da Sua misericórdia, Ele nos traz o desejo de ser como Ele”. O Papa convidou-nos a viver um ano da Misericórdia para que cresça em nós o desejo de ser como Cristo. “Até em quem não estava interessado nem pela Igreja, nem pela moral [continua Dom Giussani] nasce um desejo de ser como Ele! Começa-se a perdoar realmente aos inimigos, aos que fazem o mal, e entende-se então a Jó, que, diante dos adversários que destruíram tudo o que tinha, pode dizer: ‘O Senhor deu, o Senhor tirou: seja bendito o nome do Senhor’. Quando nos levantamos de manhã, sentindo o perdão que nos renova a vida, também a nós dá vontade de dizer: ‘Senhor, ajuda-me a ser como Tu’. De fato, Jesus havia exortado aos discípulos: ‘Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso’ [é o tema que o Papa escolheu para este Ano Santo da Misericórdia: ‘Misericordiosos como o Pai’]. E esse é um último contrassenso, mas só até certo ponto, porque é o desejo que define o ânimo do homem novo. Não somos realmente humanos se não desejamos ser misericordiosos como o Pai que está nos céus. A questão é se realmente desejamos”. Não “se não erro”: se desejo. “Então o milagre da misericórdia é o desejo de mudar. E isto implica aceitar-se, porque senão não seria desejo de mudança, mas pretensão e presunção, e não se tornaria pedido a Outro, não seria confiar-se a Outro. Tal desejo define o presente, o instante do homem pecador. O milagre é aceitar-se e confiar-se a Outro presente, para sermos mudados, ficando diante d’Ele, mendigando”.¹⁵⁵

Por isso, conclui Dom Giussani, “o pedido é toda a expressão do homem [...]. Então a pessoa já não tem medo de nada, não tem nem sequer medo de si mesma. E sente-se como uma criança que o Pai se inclina para

¹⁵⁵ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 187-188.

segurar: realmente o homem se torna uma criança carregada nos braços de seu pai. Uma pessoa, em sua pobreza, maravilhada diante da perfeição misteriosa de Deus Pai, Filho e Espírito, pede para ser como Ele. E não é uma ousadia temerária, é uma súplica real, simples, como a de uma criança que estivesse plenamente consciente”.¹⁵⁶

3. A nossa tarefa: “ser-para”

Como é que um homem que viveu uma experiência como aquela encarnada e descrita por Dom Giussani concebe seu estar no mundo, sua tarefa na história?

Em 1993, no meio da crise política e social provocada pelo fenômeno de Tangentopoli [período em que houve uma espécie de Operação Lava-Jato na Itália, no início dos anos 1990. *N.d.T.*], quando tudo na Itália parecia desabar, durante uma conversa perguntam a Dom Giussani: “*Qual é a tarefa dos cristãos hoje? Reconstruir o mundo em nome de Cristo?*”. Ele responde: “A tarefa deles é comunicar, participar a toda a natureza humana que nos cerca a misericórdia com que Cristo nos trata”.¹⁵⁷

É surpreendente a coincidência total com a postura do Papa Francisco: “A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda a sua ação pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia”. E também: “A credibilidade da Igreja”, ou seja, a possibilidade de justificar-se perante o mundo e perante nós mesmos “passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo. A Igreja ‘vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia’. Talvez, por demasiado tempo, nos tenhamos esquecido de apontar e viver o caminho da misericórdia. Por um lado, a tentação de pretender sempre e só a justiça fez esquecer que esta é apenas o primeiro passo, necessário e indispensável, mas a Igreja precisa ir mais além a fim de alcançar uma meta mais alta e significativa. Por outro lado, é triste ver como a experiência do perdão na nossa cultura vai rareando cada vez mais. Em certos momentos, até a própria palavra parece desaparecer. Todavia, sem o testemunho do perdão, resta apenas uma vida infecunda e estéril, como se se vivesse num deserto desolador. Chegou de novo, para a Igreja, o tempo de assumir o anúncio jubiloso do perdão. É o tempo de regresso ao essencial, para cuidar das fraquezas e dificuldades dos nossos irmãos. O perdão é

¹⁵⁶ Ibidem, p. 188.

¹⁵⁷ L. Giussani, *O eu, o poder, as obras*. São Paulo: Cidade Nova, 2001, p. 225.

uma força que ressuscita para nova vida e infunde a coragem para olhar o futuro com esperança”.¹⁵⁸ Como vemos, a bula de proclamação do Ano Santo é uma mina de indicações para a realização da nossa tarefa no mundo conforme à natureza do cristianismo.

Bento XVI, na entrevista que eu citava ontem, interroga-se sobre as razões profundas dessa tarefa que o Papa Francisco aponta como tão urgente hoje: “Enquanto os padres da Igreja e os teólogos da Idade Média ainda podiam ser da opinião de que, na substância, todo o gênero humano tinha se tornado católico e que o paganismo existia quase apenas marginalmente, a descoberta do novo mundo no começo da era moderna mudou de maneira radical as perspectivas. Na segunda metade do século passado, afirmou-se completamente a consciência de que Deus não pode deixar que se percam todos os não batizados e que mesmo uma felicidade puramente natural para eles não representa uma resposta real para a questão da existência humana. Se é verdade que os grandes missionários do século XVI ainda estavam convencidos de que quem não era batizado estava perdido para sempre, e isso explica o seu empenho missionário, na Igreja Católica depois do Concílio Vaticano II tal convicção foi definitivamente abandonada. Disso derivou uma dupla e profunda crise. Por um lado, isso parecia remover toda motivação de um futuro empenho missionário. Se é possível salvar-se sem a missão, por que temos de nos empenhar? Por que se deveria tentar convencer as pessoas a aceitarem a fé cristã quando elas podem se salvar mesmo sem ela?” Se é possível salvar-se mesmo sem a fé, já não é óbvio por que ainda deveríamos empenhar-nos com a missão: “Mas para os cristãos também emergiu uma questão: tornou-se incerta e problemática a obrigatoriedade da fé e da sua forma de vida. Se há quem pode se salvar mesmo de outras maneiras, não é mais evidente, no fim das contas, por que razão o próprio cristão está ligado às exigências da fé cristã e à sua moral. Mas se fé e salvação não são mais interdependentes, mesmo a fé se torna imotivada.”¹⁵⁹

Só a audácia de Bento XVI pode colocar perguntas desse calibre. Começamos pela última questão: por que vale a pena ser cristão hoje, se é possível salvar-se mesmo de outras formas? Que justificação da nossa fé nos damos a nós mesmos? Este é o maior desafio que podemos receber.

¹⁵⁸ Francisco, *Misericordiae vultus: Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*, 11 de abril de 2015, §10.

¹⁵⁹ “Entrevista com S. S. o Papa Emérito Bento XVI sobre a questão da justificação pela fé”, op. cit., p. 133-134.

Temos de verificar que razões temos para continuarmos cristãos agora, neste momento histórico. É o que nos dizia Dom Giussani: se a fé cristã não for uma experiência presente, confirmada por ela, se eu não puder ver na minha experiência a confirmação da conveniência humana de ser cristão, a minha fé nunca poderá resistir num mundo em que tudo diz o contrário.¹⁶⁰ Será que aconteceu, então, na nossa vida um encontro em que Cristo se mostrou como resposta para as urgências profundas da nossa humanidade? Será que podemos dizer, em razão disto, que sem Cristo nos falta a coisa mais decisiva para viver, a coisa mais querida? Será que temos, enfim, uma razão adequada para aderir a Cristo? É como se tivéssemos de nos descobrir livres perante Ele: livres para amá-Lo livremente, como dizia Péguy: “Por esta liberdade [...] sacrifiquei tudo, diz Deus, / Pelo prazer que tenho em ser amado por homens livres”.¹⁶¹

Aqui podemos colocar a outra questão: qual é a nossa missão, qual é a nossa tarefa no mundo? A circunstância histórica que estamos vivendo leva-nos a aprofundar a natureza do nosso ser cristãos no mundo. Bento XVI relembra-nos que “a *preexistência* de Cristo”, isto é, Seu “ser para”, é a “expressão da figura fundamental da existência cristã e da Igreja como tal [...]. Cristo, como único, era e é *para todos*, e os cristãos, que na grandiosa imagem de Paulo constituem o Seu corpo neste mundo, participam de tal *ser-para*. Não somos cristãos”, continua Bento XVI, “por assim dizer, para nós mesmo, mas sim, com Cristo, para os outros. Isso não significa uma espécie de bilhete especial para entrar na bem-aventurança eterna, mas sim a vocação para construir o conjunto, o todo. Aquilo de que a pessoa humana precisa em ordem à salvação é a íntima abertura em relação a Deus, a íntima expectativa e adesão a Ele, e isso significa, vice-versa, que nós, junto com o Senhor que encontramos, vamos rumo aos outros e tentamos tornar visível a eles o advento de Deus em Cristo”.¹⁶²

Com isto fica claro o desígnio de Deus e o motivo por que nos escolheu, dando-nos Sua graça: Ele suscitou tudo o que referimos hoje, percorrendo a história de Israel até a vinda de Cristo, para vivermos já no presente a plenitude a que aspira o nosso ser e para tornarmos conhecida, através dela, Sua presença no mundo. Talvez, agora, fique mais claro por que Dom Giussani considera o “sim” de Pedro decisivo para a constituição de um protagonista novo na cena do mundo. Toda a ten-

¹⁶⁰ Cf. L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 48-49.

¹⁶¹ Ver aqui, p. 7.

¹⁶² “Entrevista com S. S. o Papa Emérito Bento XVI sobre a questão da justificação pela fé”, op. cit., p. 135-136.

tativa de Deus, de Cristo, é gerar Pedro, um homem que com seu “sim” possa testemunhá-Lo no mundo, um eu que possa “ser para” todos os outros. Sem isto, não haveria o rosto humano da misericórdia na história. A iniciativa de Deus tem por finalidade gerar um eu que possa torná-Lo presente, naquela época como hoje. Por conseguinte, a tarefa da Igreja não pode ser outra que o que vimos Deus fazer ao longo da história.

“Esta [nossa] grande amizade, na qual se realiza a verdade plantada no mundo pelo mistério da morte e da ressurreição do Senhor, está toda dirigida para o mundo. O destino, a intenção profunda da comunidade cristã é o mundo, ‘para os homens’ [diz Dom Giussani]: uma dedicação profunda e apaixonada pelos homens e por seu destino, uma tendência a tornar presente dentro da trama da convivência costumeira, onde os homens sofrem, têm esperança, tentam, negam, esperam o sentido último das coisas, o Fato de Jesus Cristo, única salvação dos homens. O ‘para os homens’ é o motivo historicamente exaustivo da vida da comunidade cristã. A abertura incondicional à missão é garantia de verdade e de autenticidade da vida mesma da comunidade cristã: ‘Eu me consagro por eles, a fim de que também eles sejam consagrados na verdade’.”¹⁶³

Dom Giussani apresenta os dois fatores fundamentais desse “*ser para o mundo*” dos cristãos: “O primeiro é o amor ao Fato de Jesus Cristo como única motivação verdadeira de qualquer tentativa e de qualquer presença: ‘Ora, trazemos esse tesouro em vasos de barro, para que todos reconheçam que este poder extraordinário vem de Deus e não de nós’”. E o segundo é “o amor pelo irmão mandado pelo Pai. A comunidade tem uma grande lei em sua relação com os homens que encontra: doar-se aos irmãos para libertá-los de toda miséria e torná-los capazes de esperar somente na salvação que vem de Deus. A historicidade da realidade cristã, que vive sua missão no mundo, realiza-se por meio da sucessão contínua das ocasiões. [...] Mas não é possível ser, no caminho do homem do nosso tempo, eco dessa presença e lugar desse encontro e dessa libertação profunda do limite e do mal, a não ser *compartilhando* incansavelmente a situação de necessidade em que o homem se encontra; porque o cerne autêntico de toda necessidade é a invocação, o mais das vezes inconsciente, ao Deus que se fez homem como nós para nos arrancar ao poder do nosso mal”.¹⁶⁴

Dom Giussani conclui: “A razão profunda de cada gesto nosso de presença social e de comunicação ao mundo é o conhecimento do poder

¹⁶³ H. U. von Balthasar; L. Giussani, *L'impegno del cristiano nel mondo*. Milão: Jaca Book, 1978, p. 167-168.

¹⁶⁴ *Ibidem*, p. 168-170.

de Jesus Cristo: mas esta motivação única e originalíssima não se faz evidente a não ser no testemunho de uma paixão pelo homem, prenhe de aceitação da situação concreta em que ele está e, então, pronta para qualquer risco e qualquer dificuldade”.¹⁶⁵

Esta manhã repercorremos o grande e longo percurso que Deus teve de desenhar no tempo – desde a escolha de Abraão até o advento de Cristo, passando pelas contínuas quedas do Seu povo – para originar o “sim” de Pedro. Esse “ser para”, que nasce do “sim” de Pedro, está bem ilustrado de modo eficaz e persuasivo na *Carta a Diogneto*. Imaginemos a Igreja dos primeiros séculos, que dirige seus passos no vasto Império Romano: “Os cristãos, de fato, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por sua língua ou costumes. [...] Vivendo em casas gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunham um modo de vida admirável e, sem dúvida, paradoxal. [...] Em poucas palavras, assim como a alma está no corpo, assim estão os cristãos no mundo. A alma está espalhada por todas as partes do corpo, e os cristãos estão em todas as partes do mundo”.¹⁶⁶

Os primeiros cristãos, como vimos no *Por que a Igreja*, tinham a consciência viva de serem, no contexto do Império Romano, não por mérito próprio e sem nenhuma pretensão hegemônica, o sinal que tornava presente a novidade de Cristo no mundo!

Com uma percepção perspicaz do desafio epocal frente ao qual a fé está, o então Cardeal Ratzinger disse em 1991 – o muro de Berlin havia sido derrubado apenas dois anos antes –: “O que, então, deve fazer a Igreja ou as Igrejas em tal contexto? Eu responderia: elas deveriam, em primeiro lugar, ser de uma vez por todas realmente elas mesmas”. Para resolver essa tarefa, conclui, “a Igreja deve estar disponível a padecer, deve preparar a estrada para o divino não com instrumentos de poder, mas na obediência ao Espírito, não com a eficácia das suas estruturas institucionais, mas [atenção!] mediante o testemunho, o amor, seu próprio viver e sofrer, e assim ajudar a sociedade a encontrar sua fisionomia moral autêntica”.¹⁶⁷ Impressionante! Não é, talvez, a mesma tarefa que nos indicou o Papa Francisco no Congresso de Florença?

¹⁶⁵ Ibidem, p. 170.

¹⁶⁶ *Carta a Diogneto*, V, VI, traduzida por Luiz Fernando Karps Pasquotto. <<http://www.corpuschristi.org.br/newsite/wp-content/uploads/2013/02/Carta-a-Diogneto.pdf>>. Acesso em: 25 de maio de 2016. O texto grego encontra-se em *PG 2*, coll. 1167-1186.

¹⁶⁷ J. Ratzinger, *Svolta per l'Europa. Chiesa e modernità nell'Europa dei rivolgenti*. Cisnello Balsamo (Mi): Edizioni Paoline, 1992, p. 142, 144.

Dom Giussani foi nosso pai e continua a acompanhar-nos na experiência sempre mais consciente de uma alegria que não podemos guardar para nós, que queremos dividir com todos os nossos irmãos homens: “Testemunhar a fé é a tarefa da nossa vida. Pois o cristão tem uma tarefa específica na vida, que não é o exercício de uma determinada profissão, mas sim a fé: testemunhar a fé e fazê-lo dentro de seu próprio estado de vida. Existe a família, existe a profissão, mas ‘a’ tarefa é testemunhar a fé. Para isso é que fomos escolhidos. [...] Deste modo é que expressamos a nossa personalidade, não de padres, nem de freiras, não de operários ou de profissionais, ou de pais de família, mas de cristãos, qualquer que seja a atividade com a qual nos ocupamos: afirmando que a salvação já está presente e mostrando-a, testemunhando-a a todos.”¹⁶⁸

Eis então a postura com que o cristão entra em relação com qualquer um e com qualquer coisa: “Somente se possuídos inteiramente por um amor [que realiza a vida, que nos faz experimentar uma plenitude], somente reconhecendo-nos pertencentes ao amor de Cristo ‘transbordante de paz’, é que somos como crianças que entram no escuro de uma floresta, sem medo. É o acontecimento de Cristo o que cria a cultura nova e dá origem à verdadeira crítica. A valorização do pouco ou do muito de bem que há em todas as coisas leva a criar uma nova civilização, a amar uma nova construção: assim nasce uma cultura nova, como nexos entre todos os retalhos de bem que existem, voltada a fazê-los valer e a concretizá-los. Ressalta-se o positivo, mesmo em seu limite, e abandona-se todo o resto à misericórdia do Pai”¹⁶⁹.

Existe algo mais libertador e pacificador do que esta humilde certeza, fonte de um olhar positivo para tudo e para todos?

¹⁶⁸ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., p. 155.

¹⁶⁹ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 158-159.

Domingo, 1 de maio, manhã

Na entrada e na saída:

Nikolaj Rimskij-Korsakov, A grande Páscoa Russa, op. 36

Ernest Ansermet - L'Orchestre de la Suisse Romande,

"Spirto Gentil" n. 29, Decca

Pe Pino. Quando nos levantamos de manhã, quando nos preparamos – como agora todos juntos ou em nossas casas sozinhos, com a mulher, o marido, os filhos, talvez um pouco apressados – para rezar o *Angelus*, ou seja, para acolher o anúncio do Anjo, o anúncio dessa realidade histórica que, daqui a poucas horas, voltará a ser “família” em milhares de casas, coloquemo-nos, para evitar toda superficialidade e todo formalismo, diante do que ontem nos lembrou Julián, diante daquelas perguntas tão simples de Dom Giussani perante as objeções que podem nascer e que podem persistir em nós: “Por que vocês opõem? O que vocês opõem? Por que opõem aquilo que vocês não teriam àquilo que eu teria? Por quê, o que eu tenho? Eu tenho este *sim* e basta, e para vocês não custaria nem mesmo uma vírgula mais do que custa para mim”.

Angelus

Laudes

■ ASSEMBLEIA

Davide Proserpi. Chegando a este momento conclusivo dos Exercícios, faremos, como todo ano, uma assembleia a partir das numerosas perguntas que chegaram – obviamente tivemos de escolher algumas –, para começar o trabalho que vai continuar nas próximas semanas, nos próximos meses, durante o verão, para retomar os conteúdos daquilo que nos foi proposto. Nestes dias, todos fizemos experiência do que nos foi proposto, que é muito mais do que simples palavras. Por isso, permito-me, para introduzir, fazer algumas brevíssimas e sintéticas considerações, algumas também pessoais, justamente porque vivemos realmente uma experiência.

A primeira observação é esta: a esmagadora maioria das perguntas concentrou-se no conteúdo da segunda meditação. E isto já é um fato a meu ver significativo, porque normalmente a primeira meditação é a

que temos mais tempo para retomar, sobre a qual há mais possibilidade de trabalhar. No entanto, o que eu disse já demonstra que o que aconteceu nos marcou, nos marcou profundamente. Então, antes de entrar na resposta para essas perguntas, queria tentar dizer, ao menos do meu ponto de vista, por que nos marcou tanto. A primeira coisa que surge é um grande e dominante sentimento de gratidão. Não somente por termos escutado reflexões úteis e profundas, pertinentes ao que nos parece mais interessante ou que sentimos como mais urgente também em relação ao momento da Igreja. Ouso dizer que o motivo principal é que fomos acompanhados numa viagem incrível para entrar no coração de Deus, naquilo que cada um de nós sente, talvez sem confessar, como a esperança da vida: que haja para nós um Destino que tem um rosto todo determinado por um olhar de misericórdia para o nosso nada. É a paz doada aos filhos. E já isto corresponde a uma experiência que fazemos; afinal, se estamos aqui, mais ou menos conscientemente, é porque o Destino nos alcançou precisamente com esse olhar. Por isso nos convenceu, ou seja, nos uniu a si definitivamente. E isto aconteceu grátis. Não porque o merecêssemos – eu, ao menos, não merecia.

Muitas perguntas, evidentemente, concentraram-se no tema da misericórdia, em particular na relação misericórdia-justiça, que vamos abordar daqui a pouco também no específico. Mas isto também tem uma decorrência significativa, porque nos mostra como temos – perdoem-me a franqueza – dificuldade em seguir, como ainda continuamos ancorados em nossas imagens, pois temos uma ideia de justiça, no fundo, igual à de todos: uma balança. Ao contrário, nestes dias fomos convidados a partir da nossa experiência e não de uma ideia. Se olharmos para a nossa experiência, paradoxalmente, teremos de dizer que o método de Deus é uma “injustiça”, por aquilo que nos foi dito. O que há de mais injusto para a medida humana do que a preferência do Pai? E, de fato, é este o motivo do ódio do mundo. Nós somos objeto dessa preferência. E fomos escolhidos, como nos foi dito, para sermos como Ele no mundo. O que é mais verdadeiro? Preferir quem nos prefere assim ou continuar ligados à nossa ideia de justiça? Então é bonito recuperar o prazer em seguir, em seguir esta história, pois isto nos ajuda mais do que qualquer outra coisa a entender qual é a nossa tarefa no mundo. Então vamos começar com as perguntas.

“Por que se tornou tão inacreditável que um acontecimento particular possa ser a salvação do homem?”

Julián Carrón. Justamente pelo que você estava dizendo agora: porque nos esquecemos de que o ponto de partida de toda compreensão

é sempre a experiência, e de que esta é a forma mais simples – a única, na verdade – para entender. O Mistério fez as coisas tão bem, que, para nos introduzir na compreensão de tudo – como eu costumo lembrar –, não nos dá uma aula: faz acontecer algo. Como Dom Giussani sempre nos repetiu – que seguia com os olhos escancarados a forma com que o Mistério faz as coisas – “a realidade torna-se evidente na experiência”.¹⁷⁰ Para fazer-nos entender o que é o amor, em vez de nos dar uma aula teórica, Deus nos faz nascer num lugar onde podemos experimentá-lo: a família. Entramos na realidade do amor através da experiência de sermos amados. E depois faz que nos apaixonemos ou que nos tornemos amigos. Embora esta seja a via que percorremos desde quando nascemos, temos dificuldade – e é esta a razão de uma das batalhas mais duras que Dom Giussani teve de travar conosco – em fazer *realmente* experiência. Facilmente nós reduzimos a experiência a algo de sentimental, a um efêmero – ainda que real – provar. Ao passo que, como Dom Giussani nos disse desde o início, não há experiência sem consciência do que nos acontece e, por isso, sem percebermos que crescemos.

Todos, de um jeito ou de outro, estamos imersos em relações e circunstâncias, envolvidos numa multiplicidade de situações, e nesse sentido fazemos experiência do viver; mas, para que seja plenamente experiência, isto não basta, é preciso haver inteligência daquilo que nos acontece, de modo que passe a constituir o nosso olhar sobre o real, incida sobre a nossa mentalidade, a mude. É o sentido da frase de Guitton que sempre citamos: “‘Razoável’ designa aquele que submete a própria razão à experiência”.¹⁷¹ Mas isto, amigos, sinto muito por vocês, é um trabalho, não posso poupá-los dele, cada um deve fazer o seu próprio, senão o que se vive não deixa rastros na pessoa e não a faz crescer. É graças a esse trabalho que podemos entender o que Dom Giussani disse – e que me impressionou muitíssimo – começando a explicar o “sim” de Pedro: uma história particular é o ponto chave da concepção cristã do homem e da sua moralidade. Mas, se olharmos para a nossa experiência – é este o ponto –, não foi justamente isto o que talvez tenha acontecido? Uma história particular, um encontro determinado mudou-nos a vida.

Se tivéssemos de dizer o que mais determinou a nossa vida, a nossa salvação, todos nós que estamos aqui teríamos de dizer que foi um acontecimento particular, um encontro. Na medida em que não tomamos consciência disto, porém, torna-se “inacreditável” também para nós que um

¹⁷⁰ L. Giussani, *Dal temperamento un metodo*. Milão: BUR, 2002, p. 143.

¹⁷¹ J. Guitton, *Arte nuova di pensare*. Cinisello Balsamo (MI): Edizioni Paoline, 1991, p. 71.

acontecimento particular possa ser a salvação do homem. É porque não nos demos conta de que foi justamente aquele acontecimento particular o que nos salvou, ou seja, não nos demos conta da dimensão cognoscitiva do encontro feito. Quem toma consciência disto começa a entender. É a partir da experiência que eu faço no presente que posso compreender por que Deus se comportou como relembramos nestes dias. Quer dizer, nós podemos dar-nos conta de todo o alcance do desígnio de Deus justamente por aquele acontecimento particular, pontual e decisivo que nos ocorreu.

Temos à disposição todos os livros das bibliotecas, todas as grandes descobertas feitas pelos homens – acrescentem tudo o que quiserem –, mas o que mudou a nossa vida foi uma história particular. E por que Deus escolheu esse método? Por que não fez diferente? É isto o que nos espanta. Por que não nos poupou o caminho da vida, criando-nos – por assim dizer – diretamente na vida eterna? Porque teria sido uma salvação não livre. Alguém entre vocês gostaria de uma salvação não livre? Vemos, então, como começam a despontar as questões que nos fazem entender por que Deus se comportou de certo modo com o homem: Deus quer para nós uma salvação livre, como nos disse Péguy – o texto que lemos será sempre um alerta para isso: “Por esta liberdade [...] sacrifiquei tudo, diz Deus, / Pelo prazer que tenho em ser amado por homens livres, / Livrentemente”¹⁷².

Algum de vocês desejaria, talvez, não ser amado livremente? Assim como Deus não tem menos gosto do que nós, Ele também gosta de ser amado por homens livres, livremente. Mas para podermos ser amados pelos homens livremente há apenas uma forma: uma preferência, que significa amar um a um, desafiar a liberdade de cada um por meio de uma história particular. Como vimos, isto espantava a todos, começando pelos discípulos: “Senhor, como se explica que tu te manifestarás a nós e não ao mundo?”, perguntam a Jesus. E Bento XVI acrescentava: “Por que é que não Te opuseste com força aos teus inimigos [...]? Por que não lhes demonstraste, com vigor irrecusável, que Tu és o Vivente [...]”. É o que no fundo acabamos pensando todos nós: “Por que não Te impuseste?”. Deus tinha todas as possibilidades para fazê-lo. Nós poderíamos pensar em não impor nada por não termos a possibilidade, mas se tivéssemos... Porém ele podia! E não o fez, não se impôs a nós. Talvez não nos amasse? Não queria o bem do mundo? Não queria o bem dos homens? Ao contrário, é por um amor infinito ao homem, à sua liberdade, que Deus age como age. “É próprio do mistério de Deus agir desse modo

¹⁷² Ver aqui, p. 7.

suave [...], pouco a pouco, [...] lentamente”, dissemos com Bento XVI; é do estilo divino “não se impor pela força exterior, mas dar liberdade, conceder e suscitar amor”,¹⁷³ ou seja, gerar uma criatura que Lhe queira bem livremente.

Ajudeмо-nos a fim de crescer em nós o desejo de amar a Cristo livremente, pelo gosto de querer-Lhe bem agora: “Eu errei até poucos minutos atrás, mas agora – agora! – digo-Te, com toda a capacidade de afeição que tenho: ‘Tu, Cristo’, livremente”. Isto vale mais do que todas as coisas que poderíamos fazer de modo formal, pois dizer ‘Tu, Cristo’ é a expressão de uma liberdade. Mas um eu livre, que ama livremente, só é despertado por um acontecimento particular. Por isso Deus partiu sempre daqui em Sua relação com o homem. A nós parece pouco, frágil demais. Mas não está nisto a sua força, perguntava-se Bento XVI?¹⁷⁴ Não é justamente com esse jeito de ser que Deus demonstra ter certeza de Seu desígnio em relação a nós e nos amar incondicionalmente? Ele nos espera, espera-nos sempre, para podermos chegar a Ele livremente.

Prosperi. “Você pode esclarecer o que significa que sem Presença não há gesto moral?”

Carrón. É o que dizíamos antes. Vamos dar alguns exemplos tomados da vida quotidiana. Pensem nos filhos de vocês e na relação da criança com a mãe. Sem aquela presença, a criança fica sempre à mercê de seus caprichos. O que é que pouco a pouco faz manifestar-se o seu eu e o faz aderir ao ser – que é aquilo em que consiste a moralidade –? A presença da mãe. O primeiro gesto em que se atesta a moralidade da criança é o apego a sua mãe. É mediante a relação com a mãe, portanto, que se desenvolve na criança o apego ao real, o amor ao ser, a moralidade. O amor visceral da mãe faz despontar na criança sua capacidade originária de afirmação do ser. Bastaria, então, observar como se manifesta a moralidade nos filhos de vocês, para entender que nenhuma pregação, nenhum apelo moral pode substituir o amor visceral da mãe, ou seja, a presença. É uma presença que gera a moralidade. E que nos faz sair da nossa casinha, do nosso isolamento, do nosso individualismo, da nossa percepção de sermos donos da realidade. Quando se apaixona, um homem é provocado a aderir de novo ao

¹⁷³ Ver aqui, p. 6-7.

¹⁷⁴ “E – pensando bem – não é o aparentemente mais pequenino o realmente grande?” (J. Ratzinger/Bento XVI, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a ressurreição*, op. cit., p. 246).

ser. Encontra na sua frente uma presença tão atraente, que não pode evitar uma adesão que depois se estende em todas as direções. Quando Deus quis ajudar o homem, não utilizou outro método, a não ser o que cada um de nos – da criança ao apaixonado – experimentou como adequado, o único método compreensível pelo homem. O que Deus fez? Tornou-se carne para suscitar o nosso amor por Ele e assim gerar a nossa moralidade. Por isto a história de Pedro é tão significativa.

Não há outra coisa que nos possa explicar mais o que é a moralidade do que olhar para Pedro. Pedro é o símbolo de cada um de nós, de tão impetuoso que era, de tanto que errava, de tanto que reagia. Mas tudo isso não foi um obstáculo para ele, porque foi atravessado por uma Presença à qual se apegava sempre mais. Sem aquela Presença, Pedro teria sido um canhão solto no convés sujeito aos próprios caprichos, como cada um de nós. Dom Giussani, conhecendo bem a nossa natureza, conhecendo como fomos feitos, captou toda a dimensão dessa história particular de Pedro e a pôs diante dos nossos olhos. Não há possibilidade de uma moralidade verdadeira, não há possibilidade de um apego completo ao ser, senão por uma Presença que evoca, pela preferência, toda a nossa capacidade afetiva. Porque o problema moral diz respeito à capacidade afetiva, ou seja, a essa capacidade de aderir à presença que é suscitada pela presença mesma – como no exemplo da criança –. Por isso Dom Giussani afirma que, sem a Presença de Cristo, o “sim” de Pedro não pode se enraizar. É crucial entender isto: não são os nossos propósitos, as nossas repreensões a nós mesmos, a nossa raiva, o que nos faz progredir num caminho moral, mas voltar para aquela Presença. Senão, embora a experiência nos diga uma coisa, nós cedemos à mentalidade comum, achamos que chegamos mais depressa a sermos morais seguindo o mundo e seus esquemas, como se a experiência que vivemos na relação com Jesus não nos houvesse introduzido numa forma nova.

Convém-nos, então, voltar àquela página de Dom Giussani dedicada ao “sim” de Pedro, até que se torne nossa, ou seja, até a vida eterna! Nunca vamos terminar de entrar nela, a não ser quando estivermos totalmente apegados a Ele. Precisamos recomeçar constantemente daí, porque a tentação está sempre à espreita: “Tudo bem, isso eu sei, mas nesta circunstância eu...”. O que há de mais simples do que aquilo que dissemos sobre a criança com a mãe, que se torna completa e definitivamente verdadeiro com Jesus? Ele é uma presença tão atraente, visceralmente atraente, que não pode deixar de despertar toda a nossa afeição. É simples! Mas é preciso que nós também sejamos simples! Muitas vezes é como se nós achássemos que tudo isto, ainda que bonito, não é suficiente,

não funciona nas coisas da vida, e assim voltamos a pensar como todos, confiamos nas soluções ilusórias de todos.

Prosperi. A próxima pergunta insere-se justamente nesta última coisa que você disse agora. “Dizer: ‘Sim, Senhor, eu te amo’ é simples quando quem lhe faz a pergunta tem os traços inconfundíveis de Jesus. Mas, quando a pergunta é colocada por uma circunstância ou por uma pessoa que nos dá trabalho, já não é imediato. Que quer dizer, então, que basta o nosso sim? Quem me faz hoje a pergunta: ‘Tu me amas?’”

Carrón. Jesus! Quem lhe faz a pergunta “Tu me amas?” é sempre Jesus. Todo o resto não importa. A pergunta é sempre feita por Jesus: “Tu me amas, agora?”. Pensemos no que o nosso amigo detento contava. É a afeição a Jesus despertada nele o que, quando tiram toda a sua roupa, quando o tratam de um modo que não é humano, o faz viver aquela circunstância com uma positividade última: tudo é determinado pela forma com que Jesus o olha, e olha com ternura as pessoas que tem à frente porque diz sim a Cristo. “Tu me amas?” “Sim.” Se não é verdade até mesmo quando outro me trata mal, quer dizer que não é verdade. Não é que, uma vez que nos aconteceu assim, todos tenham de nos tratar assim. Não desejamos que os outros nos tratem mal, mas temos de reconhecer que quem é alcançado pelo abraço de Cristo e O aceita pode ter um olhar cheio de ternura também para aqueles que lhe fazem mal. E, segundo um desígnio que não sabemos, que não conhecemos, pode ocorrer que os outros fiquem marcados por essa forma de estar com eles de uma pessoa determinada pela presença de Jesus. Talvez nós não acreditemos, mas é assim.

O que é que mais nos ajuda a ir a fundo no amor por Cristo e, por isso, no amor pelo outro? Um lugar, participar de um lugar que nos eduque a isso. A companhia cristã, o Movimento, existe para isso. Em tal sentido, é significativo o modo com que Dom Giussani fala do grupo de Fraternidade. “Por que é que nos juntamos para fazer uma Fraternidade? Eu sempre disse que o primeiro critério para nos juntar é a facilitação em viver a experiência da fé que o Movimento nos dá.” Não foi dito que essa facilitação se realiza melhor onde se dê uma proximidade ou onde haja “fatores de atração humana tais, que se sobressaem ao chamado ao ideal (a afetividade ou o interesse, por exemplo)”. Antes, isto poderia constituir “operativamente” uma desvantagem. “Eis então”, continua Dom Giussani, “a vantagem de uma proximidade criada não porque haja atração, não porque haja um interesse: uma aproximação de pessoas que se aceita justamente como uma escola, uma escola para amar o outro, para aprender a amar o outro, para

aprender a viver uma companhia que nos faça caminhar rumo ao destino, de modo que, aprendendo ali [com aquelas pessoas], esse lugar também se torne onde está a atração natural predominante (como a família!) ou a antipatia, a chatice permanente (como a família!) [ou o trabalho], e se aprenda a olhar para o outro de uma maneira diferente, atravessando a simpatia e atravessando a antipatia”.¹⁷⁵

Se nós não tivéssemos um lugar onde somos convidados constantemente a nos tratar assim, a reconhecer que estamos juntos não simplesmente pela carne e pelo sangue, por uma questão de simpatia ou antipatia naturais, mas por Ele que nos tornou uma só coisa, não poderíamos ir aos outros lugares e viver a relação com todos de maneira diferente. O resultado, nunca automático, da imanência a esse âmbito é que, “depois”, como Dom Giussani ressalta, “o primeiro lugar onde a pessoa realmente vive essa caridade é a sua família, é a sua mulher ou o seu marido”; mas como consequência, “depois”. Para que isto aconteça, com efeito, “é preciso um certo caminho. A regra é justamente a companhia de pessoas que se juntam com esse único objetivo: nesse sentido, poderiam ser pessoas nunca vistas, aliás, se esse objetivo fica claro, a estranheza inicial torna-se facilitador do trabalho. Pelo contrário, o conhecimento já tido, a simpatia que já existe, a amizade difundida facilitam o juntar-se, mesmo sinceramente, para esse objetivo, mas do ponto de vista operativo tem também as desvantagens que citei antes para a família. Por isso”, conclui Dom Giussani, “a escolha da Fraternidade é o análogo perfeito de alguém que entra no convento. Por que alguém entra no convento? Não pelo hábito ou por ser mais tranquilo, por gostar do estudo, por gostar da vida de piedade, por gostar de rezar, por gostar de ouvir cantar, por ter a velhice garantida. Não, não é por isso. Uma pessoa entra no convento, entra no mosteiro, porque quer estar numa companhia, escolhe uma companhia que o ajude a ir a fundo no amor por Cristo, no viver o pertencer a Cristo e no testemunhar ao mundo. Vai por isto, senão erra. Pode errar. Pode ir errando e pode purificar-se ficando”.¹⁷⁶

Se estamos aqui por este motivo, também pode acontecer conosco como com o nosso amigo detento, que começou a amar as pessoas mesmo quando não havia simpatia. Este lugar, a nossa Fraternidade, é introdutivo para uma maneira de viver tudo diversamente, até mesmo a família, até mesmo a amizade, até mesmo a relação com os desconhecidos.

¹⁷⁵ L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*. Cinisello Balsamo (MI): San Paolo, 2002, p. 167-168.

¹⁷⁶ *Ibidem*, p. 168-169.

Prosperi. Agora há três perguntas sobre a relação entre a misericórdia e a justiça.

“Qual é a relação entre misericórdia e juízo? Perdoar quer dizer aprovar tudo?”

“Como se concilia a misericórdia com a exigência de justiça?”

“Que nexos há entre a nossa exigência de justiça e a misericórdia? Pode a misericórdia ser fundamento da convivência civil?”

Carrón. A verdade não é relativista. A misericórdia não obscurece o juízo e não é alternativa a ele. Então não pode passar a ideia de que tudo seja igual. Reconhecemos logo: há algo que corresponde e há algo que não corresponde, é objetivo. Claro, poderíamos nos contentar, poderíamos aprovar o que quiséssemos, mas nunca vai corresponder realmente. A verdade é a verdade. Todos sabemos quando fazemos algo que nos corresponde e quando fazemos algo que não nos corresponde. A questão, porém, uma vez dado o juízo, reconhecendo como as coisas estão, é o que nos coloca em movimento, o que nos permite recomeçar, retomar, mudar. Faço dois exemplos.

Quando eu era diretor numa escola de Madri, havia um aluno que fazia o que queria. Também era meu amigo, fazia, como eu, parte do Movimento. Depois de mil tentativas, como já tinha ultrapassado havia tempo todos os limites possíveis e imagináveis, era preciso tomar uma decisão. Os outros professores estavam atentos para ver como eu me comportaria: “Você vai ver – diziam entre si –, como esse garoto é do Movimento, não vai fazer nada”, como se eu tivesse de condescender *a priori*, em nome da associação em comum, a todas as confusões que aquele jovem aprontava. Dito e feito: eu o expulsei da escola.

Como diretor, eu só pude tomar aquela decisão em relação a um amigo do Movimento porque o vínculo que se havia criado entre nós era infinitamente mais forte do que qualquer medida disciplinar. O que impressionou a todos? Qual foi a surpresa? Que, tendo se matriculado numa escola perto da minha, durante o intervalo ele vinha nos encontrar para ficar conosco. Depois de ter sido expulso! Agir conforme a misericórdia não é transigir com qualquer comportamento, mas ao mesmo tempo não é tratar as pessoas como se o erro fosse o fator determinante de uma relação. Nós podemos ter a liberdade de dizer as coisas, porque há algo de mais profundo, um vínculo mais profundo do que todos os nossos erros. Isto não significa que, pelo fato de sermos amigos e vivermos uma profunda afeição pelo outro, tudo seja igual. Não, isto quereria dizer não sermos amigos, não quereremos o destino do amigo. Às vezes uma pessoa

pode dizer a outra certas coisas com as quais não concorda. Mas isto não impede aquele tipo de relação que oferece ao outro a oportunidade de fazer o seu caminho para atingir o objetivo. Aquele meu aluno, ao qual ninguém daria nem um centavo, terminou a faculdade pela estima que percebeu sobre si, independentemente de todos os erros cometidos. Nesse sentido, às vezes é preciso tomar decisões duras – como a minha na época – que demonstrem o quanto nos importamos com o destino do outro.

Mas eu gostaria de propor um exemplo desse vínculo profundo que pode ser estabelecido entre as pessoas no nível da convivência civil; Julián de la Morena me falou dele. No Brasil existem algumas penitenciárias particulares, sem guardas e sem armas, geridas conforme o método da associação APAC por meio do envolvimento dos seus responsáveis e dos detentos. O acesso a elas é consentido a todos os condenados, com qualquer tipo de pena, mesmo de 25, 30 anos ou mais. Verificou-se que, se a metodologia for bem aplicada, ela pode permitir a recuperação de qualquer condenado, independentemente do crime cometido. O juiz responsável pela circunscrição judiciária de Itaúna (onde fica uma dessas prisões) conta: “Eu me lembro de um detento que chegou à APAC de Itaúna; tinha uma pena de quarenta anos por delitos em diversas circunscrições judiciárias. Chegou a Itaúna por um crime cometido nesse território. Era jovem e muito forte, e tinha conseguido fugir de todas as prisões em que fora preso. Estava cumprindo a pena havia já dois anos e ainda não tinha fugido dessa prisão. Um jornalista do tribunal de justiça veio à APAC para gravar um vídeo institucional e lhe perguntou: ‘José – é o seu nome –, você fugiu de todas as prisões e as prisões tinham agentes penitenciários, mas desta APAC [onde não há guardas armados] você não foge, por quê?’. José forneceu uma das respostas mais emblemáticas que eu já escutei: ‘Porque do amor ninguém foge’”.¹⁷⁷

Prosperi. Jean Valjean!¹⁷⁸

“Nas relações entre nós adultos e os filhos, normalmente temos uma estima ‘mensurada’ da liberdade, principalmente quando estamos convencidos de que alguém está errando. Daquilo que você dizia hoje, é evidente a diversidade que Deus usa conosco e com a nossa liberdade. Então que quer dizer educar sem subtrair-se à própria responsabilidade? Que pode nos ajudar a ver a liberdade do outro como Deus vê a minha?”

¹⁷⁷ Da entrevista com Paulo Antônio de Carvalho, realizada na preparação da mostra do Meeting de Rímni de 2016 sobre a experiência brasileira da APAC (*Associação de Proteção e Assistência aos Condenados*), que atua em diversas prisões do Brasil.

¹⁷⁸ É o protagonista d’*Os miseráveis*, de Victor Hugo.

Carrón. Esta é uma pergunta que todos nos fazemos. Eu tive de fazê-la quando ensinava em Madri: qual era a minha responsabilidade em relação aos meninos? Eu precisava construir barragens ou deixá-los livres? É uma questão que não é fácil de resolver, porque na maioria das vezes uma coisa não exclui a outra; deixar livres os meninos não significa não fazer nada da nossa parte. Confesso que para mim foi um alívio dar-me conta de que esse problema já havia sido resolvido por Deus. Lidando com um problema muito parecido com o do ensino, o que Deus fez? Como é que nos deixou a liberdade e, ao mesmo tempo, nos incitou a reconhecê-Lo? Tornou-se uma presença. Para responder a esse problema, fez-se carne. Para alguns talvez seja insuficiente, mas é o que Deus fez, e vai desafiar a todos nós pelo resto da nossa vida. Pelo método de Deus, por Seu estilo suave, começou tudo.

Por isso, educar significa pôr diante do outro uma presença. Não há educação sem presença, uma presença que seja capaz de fascinar o outro, de mover o outro no íntimo, o que está muito longe tanto da aprovação de tudo o que faz quanto do desinteresse. Se achamos que é possível educar sem presença, sem estar ali inteiramente, com um método que não nos envolva, erramos o caminho! Só quando nós nos envolvemos em primeira pessoa com o outro é que podemos nos tornar uma presença que fascina, ou seja, que suscita o livre envolvimento do outro. Acontece com os filhos, com os alunos, com todos, e aconteceu antes de tudo com nós mesmos. Bastaria, para responder a estas perguntas, não perder-se nas teorias e perguntar-se: o que nos ajuda? E verificar se o modo com que vocês se comportam com os filhos é o que ajuda a vocês, que são adultos. Começaremos a entender, talvez, por que Deus usa o método que usa. Como nos disse Dom Giussani: a hipótese, o ideal, é encarnado na testemunha (no educador). Porque a educação é uma comunicação de si isto é, da forma com que eu vivo a relação com o real.¹⁷⁹

Nestes dias, uma mãe estava contando que estava pensando em com quem deixar os filhos para poder ir às férias da comunidade; a criança, de dez anos, tendo escutado esse raciocínio lhe diz: “Não, não, não, eu quero ir às férias!”. O que ele viu, para que nascesse nele a vontade de não perder aquelas férias? Uma atração vencedora. Não há outra forma para suscitar aquela vontade. Dissemos que não há moralidade, não há apego, a não ser como resposta a uma presença. Todo o resto não é capaz de mover a liberdade do homem. A atração é crucial para provocar o apego. Junto a isto, é preciso convidar constantemente os filhos a dar-se conta de que

¹⁷⁹ Cf. L. Giussani, “Viterbo 1977”. In: Idem, *Educar é um risco*, op. cit., p. 122.

têm dentro de si o detector (com o qual o Mistério os pôs no mundo; o Mistério, não nós!) para reconhecer o que corresponde e o que não corresponde: o coração, a experiência elementar. Nós adultos sempre teremos de desafiá-los para o uso do coração como detector. Até certo ponto, de fato, vocês ainda podem segui-los mais de perto, mas se vocês não os acostumarem desde pequenos a usar a capacidade de reconhecer a verdade que têm originalmente, e se não os provocarem a perceber que eles têm em si mesmos essa capacidade, uma vez que eles tiverem crescido, se não tiverem sido educados a julgar, facilmente ficarão à mercê do primeiro que passa na rua. Se não os educarmos para o juízo, vamos sofrer as consequências, porque crescerão e terão de fazer eles mesmo a verificação.

Prosperi. “Você disse que em Simão domina o maravilhamento dessa simpatia e preferência, que é mais determinante que todos os seus erros. Pode nos explicar melhor o que é essa simpatia?”

“Você falou da afeição a Cristo. Como nasce essa afeição? Como podemos nos afeiçoar a Cristo hoje? Como podemos amar uma pessoa que não vemos? Precisamos nos afeiçoar a um sinal? Aprendemos a amar a Cristo amando pessoas e sinais?”

Carrón. Uma das coisas mais bonitas que ontem eu li de Dom Giussani tem que ver justamente com essa pergunta. “Este homem, Jesus, tem uma característica humana muito simples: é um homem do qual emana uma *simpatia* humana. E então a moralidade, ou seja, a vitória sobre o niilismo, não é não falhar, não cometer erros, mas, mesmo cometendo erros, falhando, no fim: ‘Simão, tu me amas?’, ‘Sim, Senhor, eu Te amo’, eu adiro; eu adiro à simpatia humana que emana de Ti, Jesus de Nazaré, eu adiro.”¹⁸⁰ Cristo é uma presença afetivamente atraente, capaz de arrastar consigo toda a nossa simpatia. O que nos atraiu no encontro? Cada um, para responder a estas perguntas, deve voltar ao que lhe aconteceu. O que atraiu você? No início e durante o caminho, até agora, o que atraiu e ainda atrai você? Foi e sempre vai ser uma graça, algo que vem antes da sua iniciativa. Dom Giussani recordou-nos isso: o fenômeno inicial, original, pelo qual ficamos e ainda somos atraídos é “algo que vem antes”, é deparar com uma presença diferente que não criamos nós e que corresponde à espera constitutiva do coração.¹⁸¹ A iniciativa de Deus vem

¹⁸⁰ Ver aqui, p. 55.

¹⁸¹ Cf. L. Giussani, Algo que vem antes, *Passos-Litterae communionis*, n. 100, dez. 2008, p. 1-6.

sempre antes de qualquer iniciativa nossa. Como nasce em nós a afeição a Cristo? Nasce pela simpatia que Cristo gera em nós.

Com qualquer caráter que uma pessoa tenha, a experiência de Pedro é símbolo de como nasce a afeição por Cristo, ilumina a sua origem. A afeição de Pedro por Jesus nasce porque Pedro se encontra diante de uma Presença que carrega todo o seu ser. Erra, recomeça; erra, erra de novo, mas não pode não recomeçar; embora cometendo mil erros, nunca vai embora. A afeição nasce seguindo aquela simpatia. E daqui nasce a moralidade. A moralidade é extremamente simples: é o aderir a uma simpatia, uma simpatia humana, humana como a simpatia que a mãe experimenta pelo filho e o filho experimenta pela mãe. Trata-se de aderir a essa simpatia, de ir atrás dessa simpatia. É extremamente simples. E ainda assim objetamos: “Mas sempre falamos disso!”, como se depois tivéssemos de passar para algo diferente que seja mais consistente. Ou então: “Tudo bem, mas não estamos na frente de Jesus como estava Pedro”. Isto, porém, implicado na segunda parte da segunda pergunta, é um problema diferente; é o problema da fé: nós não reconhecemos a Cristo, presente através de tudo o que Ele faz perante os nossos olhos. Então eu entendo muito bem a objeção. Mas nós estamos na frente de Cristo exatamente como estava Pedro, não somos de segunda categoria em comparação com ele! O problema é que muitas vezes não O reconhecemos.

Pedro viu uma grande abundância de milagres que o deixou cheio de maravilha; mas nós não vimos menos. O que são os fatos estrepitosos que contamos entre nós assim que nos sentamos à mesa ou quando estamos juntos, senão a forma com que Cristo se manifesta presente em nosso meio? Se nós nos déssemos conta disto, entenderíamos que a repreensão de Jesus às cidades próximas ao lago que tinham visto muitos milagres não é nada em comparação com a repreensão que nós poderíamos receber: as pessoas daquelas cidades, com efeito, não tinham visto nada em comparação com o que nós vemos continuamente.¹⁸² Jesus não está nas nuvens, está acontecendo diante dos nossos olhos! As Escolas de Comunidade destes últimos meses ilustraram isto com uma riqueza superabundante: o que foi mostrado, nos fatos e nos testemunhos de que participamos, é Jesus em ação – de modos muito diferentes –, não um sóia. Nada do que vemos e contamos se explica, a não ser pela presença de Cristo, que dessa maneira faz com que nos apeguemos sempre mais a

¹⁸² “Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Se em Tiro e Sidônia se tivessem realizado os milagres feitos no meio de vós, há muito tempo teriam demonstrado arrependimento, vestindo-se de saco e cobrindo-se de cinza” (Mt 11,21).

Ele. Mas é preciso reconhecê-Lo. Muitas vezes, infelizmente, nós não O reconhecemos.

Foi por isso que escrevi o artigo de Natal,¹⁸³ contando sobre o paquistanês que se dá conta da dimensão dos nossos gestos mais do que nós. Quando, diante do gesto humano que lhe é dirigido, o paquistanês chora, nós comentamos: “Não é um pouco exagerado?”. O problema é que com frequência reduzimos o que vemos e depois afirmamos que não estamos diante da presença de Cristo. Eu entendo! E assim a nossa ação se torna um voluntarismo. Mas isto não depende do fato de não haver a Presença, mas sim do fato de não ser reconhecida. Desta forma a moralidade não surge em nós, porque, sem Presença, não há gesto moral. Se não nos afeiçoamos a Cristo, não é porque ele não esteja presente, mas porque não O reconhecemos. Vamos tentar nos ajudar uns aos outros a reconhecê-Lo: veremos que está muito mais presente do que pensamos. De fato, Cristo está presente no real, dentro dos sinais por meio dos quais nos alcança e nos atrai. Ajudem-nos a olhar com lealdade para os fatos excepcionais que nos acontecem e dos quais frequentemente falamos, para que se torne mais fácil reconhecê-Lo em ação e mais contínuo o pedido para reconhecê-Lo, pois a fé cresce reconhecendo-O, não cresce refletindo, sozinhos com os próprios pensamentos, mas reconhecendo-O no real.

Prosperi. Esta pergunta diz respeito à relação moralidade-obra. “Você disse que na verdadeira moralidade os números não contam, não há medida. Ora, a moralidade tem que ver com a ação. Mas, se eu devo decidir se levo adiante uma escola, se acolho um imigrante numa estrutura, se contrato uma pessoa, eu tenho de olhar para os números. Não se criam dois planos, um ‘substancial’, no qual não há medida, e um ‘prático’, no qual escolho com base nos números? Um plano pessoal e um plano das escolhas civis, do trabalho, da sociedade, etc.? Qual é o nexos entre o meu ‘sim’ no reconhecimento da misericórdia sobre mim e as obras espirituais e corporais que a Igreja e o Papa nos indicam, para não serem um fazer moralista?”

Carrón. Vocês querem um exemplo de confusão? É este! Uma vez fui ao Brasil e os responsáveis de uma determinada obra me contavam da dificuldade que tinham em levar adiante as coisas, porque não tinham os recursos

¹⁸³ Cf. J. Carrón, “O Natal dos crentes, gestos de humanidade que movem o coração”, *Corriere della Sera*, 23 dez. 2015, p. 35. Publicado em português em: <http://passos.trace.it/default.asp?id=411&id_n=4818>. Acesso em: 03 de junho de 2016.

necessários para prover as pessoas que acolhiam. Tinham decidido acolher a todos porque, tendo eles sido acolhidos em primeiro lugar, deviam fazer o mesmo com os outros, sem limitações. E enquanto isso a obra ia abaixo. Mas o fato de todos termos sido acolhidos não quer dizer que temos os meios, os instrumentos, os recursos para levar adiante certas coisas no esforço de acolher a todos. Nós somos os primeiros a ter de obedecer à realidade. O Papa foi a Lesbos e não levou consigo todos os refugiados que encontrou. O próprio Jesus, que tinha o poder de curar a todos, não o fez. O fato de não ter curado todos os doentes do seu tempo significa, talvez, que não amava a todos? Cristo ama a todos, mas conforme um desígnio que não é o Seu, e Ele em primeiro lugar se submeteu ao desígnio do Pai. Poderia ter ido a Roma, poderia ter ido a outros lugares, e no entanto não o fez, obedeceu, e por meio dessa obediência pouco a pouco a Sua presença dilatou-se por toda parte no mundo.

Por isso, os números não contam, nem sequer os dos nossos pecados, porque sempre somos abraçados, e isto nos recoloca constantemente em movimento para fazer o que podemos fazer, conforme um desígnio que não é o nosso. Chama-se “obediência”. A misericórdia não é um fazer moralístico. Ela é o fruto em nós do abraço misericordioso de Cristo. O prisioneiro, depois de ter-se sentido olhado com misericórdia pelos amigos, teve o mesmo olhar de misericórdia para quem o tratava de um modo injusto. Como nos dizia Dom Giussani: sob a pressão da comoção com que Deus nos trata, nós também podemos começar a imitar a Deus de um jeito não moralístico.

Prosperi. “Parecia que tínhamos entendido ou pelo menos intuído o que você nos disse nas duas meditações, até que você chegou à frase final sobre a missão, relativa à leitura feita por Bento XVI sobre a consciência alcançada pela Igreja acerca da possibilidade de que os não cristãos também possam ser salvos. A pergunta que você colocou: ‘Então por que propor a experiência cristã?’ nos interpelou. Pedimos que você aprofunde mais esse aspecto.”

“Viver a letícia do encontro com Cristo é suficiente para sermos missionários, ou há outro passo que é necessário dar?”

“Que quer dizer que a tarefa dos cristãos é *ser para*?”

Carrón. A primeira coisa que impressiona na entrevista de Bento XVI é a consciência que expressa com sua clareza de sempre: depois do Vaticano II, a convicção de que quem não era batizado não podia ser salvo e era condenado para sempre foi abandonada definitivamente. Isto é, um

fato histórico (a Reforma de Lutero, a época das descobertas) ajudou a Igreja a aprofundar a natureza do cristianismo. Nós também, hoje, na nova situação em que estamos, somos chamados a aprofundar a natureza do cristianismo e a nossa tarefa no mundo. Não podemos explicar tudo isto agora tintim por tintim, voltaremos a essas coisas, mas os pontos que indicamos dizem respeito a fatores decisivos que devem ser considerados a fim de entendermos o que estamos fazendo no mundo. A primeira coisa que uma pessoa deve fazer para responder é perguntar a si mesmo: que desejo eu tenho? Por que sinto a urgência de comunicar aos outros o que eu vivo? Tenho algo para comunicar aos outros como um bem para eles? Minha experiência de fé, minha experiência livre da relação com Cristo torna minha vida mais humana? Se tenho um amigo, um filho ou um colega que passa por dificuldades e, pela graça que recebi, percebo que posso oferecer-lhe a contribuição da minha experiência, sinto a urgência de oferecê-la mesmo se o outro pode igualmente entrar na vida eterna? Pela correspondência que percebi, pelo bem que Cristo me ofereceu e que torna minha vida totalmente nova, diferente, eu não tenho outro desejo além do de dividir com o outro o que foi dado a mim.

Quando fui a Vilnius, algumas semanas atrás, um amigo ortodoxo dizia: “Sabem o que mais me impressionou no encontro com o Movimento? Não os grandes gestos ou as relações com personalidades particulares, mas o fato de que mudava o cotidiano”. A maior atração para ele era representada pelo fato de que o Movimento, o encontro com o Movimento mudava esse cotidiano “que quebra as pernas”¹⁸⁴ do qual fala Pavese. Esse encontro, esse acontecimento que é o Movimento, nós queremos oferecê-lo a todos, qualquer que seja a posição deles depois – se vão ou não aderir, se vão ou não reconhecer Cristo como a origem da mudança humana que veem e que experimentam aderindo. Isto é o *ser para* de que falava Dom Giussani, que tem dois fatores: “O amor ao Fato de Jesus Cristo como única motivação verdadeira de qualquer tentativa e de qualquer presença” e “o amor pelo irmão [nas circunstâncias em que vive], [...] por meio da sucessão contínua das ocasiões”. Desta forma, como posso “*ser para*”? “*Compartilhando* incansavelmente a situação de necessidade em que o homem se encontra; porque o cerne autêntico de toda necessidade é a invocação, o mais das vezes inconsciente, ao Deus que se fez homem como nós para nos arrancar ao poder do nosso mal”.¹⁸⁵

¹⁸⁴ C. Pavese, *Diálogos com Leucó*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001, p. 206.

¹⁸⁵ Ver aqui, p. 70.

Prosperi. “Apostar na ‘liberdade pura’ é uma posição que dá arrepios. Ouvi a meditação de hoje como uma verdadeira ‘revolução copernicana’, que não oferece nenhum paraquedas, senão o que é dado pelo diálogo permanente entre a Presença dominante d’Ele e o coração. Percebi isto como um ‘novo início’ real no Movimento, na esteira do magistério pastoral do Papa Francisco. Mas isto redefine profundamente a forma de presença da Igreja no mundo (refreada por séculos à procura de ‘um lugar ao sol’ ou de uma pátria, como diria Dom Giussani), também com relevâncias ecumênicas enormes. O que nos assegura ou – no mínimo – de onde tiramos a certeza razoável de que este é o caminho que o Senhor nos pede hoje que percorramos?”

Carrón. Identificamos a certeza sempre na correspondência que experimentamos naquilo que vivemos. Como Dom Giussani diz, a fé – nunca me cansarei de repetir – é uma experiência presente, confirmada por ela, ou seja, uma experiência na qual eu percebo a conveniência humana da própria fé, sua pertinência às exigências da vida. Por isso eu não preciso de nada além de fazer a experiência da correspondência, da qual nasce a certeza, como foi para Pedro. Há frases como aquela citada ou como esta de São Tomás, frequentemente citada por Dom Giussani, que nos apontam o caminho: “A vida do homem consiste no principal afeto que a sustenta e no qual encontra sua maior satisfação”.¹⁸⁶ A certeza razoável do caminho reside no fato de eu experimentar uma tal satisfação na relação com Cristo, que torna essa mesma relação, o afeto por Cristo, a consistência do viver. Mas o homem – como dissemos nos últimos tempos – descobre isto só através da sua liberdade. Por consequência, a única possibilidade de chegar ao outro é a sua liberdade. Eu posso apenas testemunhar a conveniência da relação com Cristo, de modo que o outro possa abrir-se para reconhecê-Lo livremente. Se depois essa experiência é confirmada, como diz a pergunta, pelo Papa Francisco, ou seja, pela referência última da Igreja, esta é uma ótima segurança do caminho.

Também vemos confirmada na experiência a relevância ecumênica de que se fala. Em Vilnius era impressionante ver como se dava; havia lituanos, ucranianos, russos e cazaques, havia ortodoxos, católicos, cristãos de outras denominações. O que dava razão do fato de estarem juntos? Só a atração do carisma encontrado. No nosso pequeno âmbito, nós já temos a confirmação da revolução que isso implica, sem nenhum tipo de violência, vendo como o cristianismo, quando é apresentado, vivido e

¹⁸⁶ Ver aqui, p. 60.

testemunhado de certa maneira, ou seja, conforme a sua natureza, gera uma atração capaz de sanar divisões que duram há séculos. Esta é a confirmação que o Mistério nos dá. E é ao Mistério que desejamos obedecer. Enquanto eu contava isso ao Papa durante a audiência que me concedeu nas semanas passadas, eu via o maravilhamento em seu rosto.

Diante do que eu vi em Vilnius, não pude dar outra explicação além da que Dom Giussani sempre nos repetiu: que era um exemplo da grande revolução introduzida pelo cristianismo. Digo isto citando São Paulo: “Não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois todos vós sois um só, em Cristo Jesus”.¹⁸⁷ Já o vimos em muitos momentos da nossa história, o que é uma confirmação de que, se somos fiéis ao carisma que nos foi dado, podemos dar uma contribuição também neste momento particular da vida da Igreja, marcado por tantas perguntas. Pela graça do carisma, Dom Giussani, tendo intuído antes de outros o que estava em jogo, tendo identificado qual era a justificação de que o homem de hoje precisa e tendo, pois, proposto o cristianismo à sua razão e à sua liberdade, para que pudesse perceber sua correspondência às próprias exigências humanas, antecipou as questões mais urgentes e introduziu-nos numa forma de viver o cristianismo adequada aos desafios do presente.

Por isso, é muito bonito o momento que estamos vivendo, que nos fará ser ainda mais gratos, como dizia Davide no começo, pela graça que recebemos.

Peçamos a simplicidade de nos identificarmos sempre mais com a proposta de Dom Giussani, a fim de podermos ver como a vida de cada um de nós floresce, pelo bem de todos.

¹⁸⁷ GI 3,28.

AVISOS

Meeting pela amizade entre os povos 2016

Fiquei comovido ao saber e ver como os nossos amigos dos Estados Unidos viveram o gesto do New York Encounter no último mês de janeiro. As pessoas chegaram dos vários estados e do Canadá gastando do próprio bolso, pagando a viagem aérea e a hospedagem com não poucos sacrifícios. Estavam em Nova York quer como voluntários, quer como visitantes, todos com o desejo de se encontrar, com vontade de participar e de se implicar com o que acontecia, pois estavam conscientes de que se tratava de um lugar onde podia acontecer algo de bom para eles.

É isto o que desejamos viver, nós também, no próximo Meeting de Rímíni (aliás, em comparação, para nós é mais fácil chegar e, assim, é menos trabalhoso participar). Fazemos votos de que seja um lugar onde também possa acontecer algo de bom para todos nós, para os amigos que vamos encontrar e para quem convidarmos, para poderem ver e tocar com as mãos uma tentativa de expressar uma experiência. Por isso, e só por isso, ousou convidá-los a ir ao Meeting ao menos um dia.

SANTA MISSA

Leituras da Santa Missa: At 15,1-2.22-29; Sl 66(67); Ap 21,10-14.22-23; Jo 14,23-29

HOMILIA DE PE. FRANCESCO BRASCHI

O trecho do Evangelho que acabamos de escutar convida-nos a retomar o caminho no tempo presente, aquele tempo que nos é dado agora e nos projeta para a festa próxima da Ascensão do Senhor.

No início dos anos 1970, a respeito disto, Dom Giussani dizia: “A nossa fé não pode ser vivida a não ser por meio da *ausência* de manifestações da força de Cristo segundo o modo da nossa espera [...]. A nossa vocação cristã não *se torna* autêntica senão nessa ausência [...]. Onde Cristo já não é como ação pessoalmente visível, então sua ação coincide, identifica-se com as motivações e o operar da nossa pessoa” (*Dalla liturgia vissuta: una testimonianza*).

No Evangelho que acabamos de ler, esta coincidência e identificação da ação de Cristo com as nossas motivações e com o nosso operar são descritas pelo próprio Cristo com a imagem do “vir e fazer morada” d’Ele e do Pai nos discípulos, com os quais se instaura uma relação de amor recíproco, de caridade recíproca.

Mas esse “fazer morada”, essa presença constante de Cristo e do Pai em nós, tem uma condição bem precisa: *observar* a Sua palavra. O verbo usado por João poderia ser mais bem traduzido com “*guardar*” a palavra de Cristo [na tradução brasileira, usa-se o próprio verbo “guardar”, ao contrário da tradução italiana. *N.d.T.*]: a tônica não recai, com efeito, antes de tudo no aspecto ético da execução de um mandamento, mas principalmente na conservação da verdade dessa palavra, na preservação contra a distorção e a corrupção, contra a degradação.

E a verdade das palavras de Cristo está sobretudo no fato de serem as palavras do Pai: ou seja, expressam aquela relação de total dependência que torna Cristo plenamente livre e plenamente capaz de expressar o rosto pleno da misericórdia do Pai.

Além disto, o Senhor acrescenta que “o Defensor, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu vos tenho dito”: guardar as palavras de Cristo, então, significa não tanto encaixá-las numa definição e num significado que se querem já completamente definidos e exaustivos num conteúdo possuído de uma vez por todas. Em vez disso, guardar e observar a palavra de Cristo quer dizer submeter-se constantemente ao ensinamento do Paráclito, entrar numa relação e num processo no qual o significado das palavras

de Cristo nunca é algo que “já sabemos”, mas que continuamente nos é ensinado, lembrado e explicado pelo Espírito Santo.

E, não por acaso, o Espírito Santo é definido pelo Senhor como “Paráclito” [“Defensor”, na tradução brasileira. *N.d.T.*], ou seja, consolador, mas também advogado, defensor, sugerindo não tanto a ideia de um mestre que faz dialéticas e descrições, mas sim a de um companheiro fiel e amado que nunca abandona nas várias circunstâncias do caminho.

O sinal último deste processo começado é o dom da paz: uma paz que não é o resultado de esforços de meditação, à maneira humana, ou de ausência de motivos de preocupação, mas sim vitória doada – graças à companhia do Espírito de Cristo mandado pelo Pai – sobre a perturbação e sobre o temor que nascem das circunstâncias concretas da vida.

Definitivamente, tudo isto não é um pensamento abstrato, mas uma indicação preciosa sobre o método de Deus na vida da Igreja, como nos é documentado imediatamente pela primeira leitura dos *Atos dos Apóstolos*. Aqui encontramos – resumo brevemente – o relato de um evento capital para a afirmação da identidade do cristianismo, acontecido nos primeiríssimos anos depois da Ressurreição do Senhor. Em Antioquia, onde a fé em Cristo se afirma sempre mais entre os pagãos, alguns discípulos provenientes do judaísmo afirmam que para a salvação é necessário que os convertidos sejam circuncidados e observem todos os mandamentos da lei de Moisés.

Por trás dessa atitude há duas dinâmicas que é importante, para nós também, reconhecer, porque nos dizem respeito de perto: de um lado, essas pessoas, num modo de todo peremptório, estabeleciam as condições da salvação independentemente de Cristo, como se n’Ele não houvesse nenhuma novidade em relação ao Antigo Testamento; ademais, a maneira de ver deles era míope e irrazoável, por que nem sequer contemplava a hipótese de que Deus pudesse agir de um jeito novo e também reconhecível: cumprindo, isto é, a Nova Aliança prometida pelos Profetas.

A resposta de Paulo e Barnabé a essas pessoas foi simplesmente o relato do que haviam visto: que era justamente sobre os pagãos convertidos à fé que Deus havia mandado o Espírito Santo, realizando aquele mesmo Pentecostes que dera início à presença de Cristo por meio da Igreja em missão.

A decisão final dos apóstolos, então, não é simplesmente o fruto de uma mediação ou a tentativa de encontrar um compromisso honrável. É, isto sim, o reconhecimento pleno da condução do Espírito Santo e do *método* que nos ensina para ler a história: ou seja, que “toda a verdade” (Jo 16,13) do agir de Deus não é simplesmente um *conteúdo dogmático para repetir*, mas a *aceitação de uma atitude nova com a qual olhar para*

a realidade, feita da certeza da presença de Deus e da Sua liberdade de expressar de maneiras sempre diferentes a Sua fidelidade à Aliança, ou o Seu desejo de usar a misericórdia para suscitar a liberdade da nossa resposta de amor.

Renova-se também para nós o convite a deixar-nos instruir pelo Espírito Santo para compreendermos as palavras de Cristo e o amor d'Ele e do Pai. Isaac de Nínive, um santo da Igreja da Síria, escrevia no sétimo século, precisamente durante a primeira invasão muçulmana, quando tudo parecia desmoronar: “Assim como não pode ser detida uma fonte rica de água com um punhado de terra, não pode ser vencida a misericórdia do Criador pelo mal das criaturas”. E: “Uma é a causa da existência do mundo e da vinda de Cristo ao mundo: a revelação da grande caridade de Deus, que trouxe ambos à existência”.

Peçamos também por nós, na agradecida obediência à condução do Papa Francisco e de Pe. Julián, esta limpidez da fé e do juízo.

* * *

Regina Coeli

MENSAGENS RECEBIDAS

Caríssimos,
tomar consciência de que o abraço de Deus é o abraço do Pai *Eterno* dá ao nosso coração, à nossa mente, à nossa ação uma solidez de outra forma impossível.

Peçamos à Virgem Santíssima que sustente, em unidade e liberdade, o caminho de todos os que encontraram o carisma do Servo de Deus Mons. Luigi Giussani.

Com afeto, uma bênção especial

S.E.R. cardeal Angelo Scola

Arcebispo de Milão

Caríssimo Pe. Julián,
estou junto de vocês durante estes Exercícios Espirituais, unido a vocês na oração e na audição do carisma que retoma uma das expressões mais caras a Dom Giussani e a todos nós com a palavra do profeta Jeremias: “Eu te amei com amor eterno, tive piedade do teu nada” (Jr 31,3). Essa “misericórdia” é o verdadeiro ponto de partida que nos repete qual é a nossa origem e a nossa esperança e nos permite viver com simpatia todos os desafios que as circunstâncias nos põem. Quer sejam as belas e positivas, quer sejam as amargas e problemáticas.

Pelo magistério do Papa Francisco e pela tarefa que tenho na CEI, permito-me retomar o desafio da acolhida aos imigrantes e o do cuidado com a casa comum. O amor que nos salva do nada impele-nos à caridade da acolhida e a um olhar integral para a criação que o Papa chama “ecologia integral”. Coisas que no contexto em que vivemos, mesmo na nossa vida, certamente não são óbvias.

Pelo carisma do Movimento, feito de pessoas concretas, fomos acolhidos e amados e agora, por uma gratidão, ficamos ainda mais desejosos de aprender, de viver em comunhão e de testemunhar com liberdade.

Que a graça dos Exercícios e o encorajamento que o Papa Francisco lhe expressou há poucos dias aqueçam os corações das pessoas da nossa Fraternidade e nos tornem mais dóceis para aprender o carisma, para segui-lo e para comunicá-lo a todos. *Veni Sancte Spiritus, veni per Mariam.*

Com meu abraço e com a bênção do Senhor,

S.E.R. Dom Filippo Santoro

Arcebispo Metropolitana de Taranto

Caríssimo Pe. Julián,
chegue até você minha saudação, minha oração e meus votos por ocasião dos anuais Exercícios da Fraternidade de CL.

Lembro-me com particular afeto de todo o nosso povo e peço-lhe o auxílio da sua oração.

*S.E.R. Dom Massimo Camisasca
Bispo de Reggio Emilia - Guastalla*

Caríssimo Pe. Julián,
estou junto de vocês nestes dias dos Exercícios da Fraternidade em Rímíni, que terão como tema a palavra que Deus dirige a Israel e a cada um de nós, através do profeta Jeremias: “Eu te amei com amor eterno, tive piedade do teu nada” (Jr 31,3). No Ano Santo da Misericórdia, não há ajuda maior que podemos dar-nos e que podemos oferecer a nossos irmãos homens do que a renovada descoberta desta certeza e deste amor: somos um “nada” abraçado pela ternura do Mistério, que em Cristo desvela seu rosto bom.

Que o Espírito torne fecundo de graça o gesto dos Exercícios para toda a Fraternidade, para um serviço ainda mais apaixonado à Santa Igreja de Deus. Rezo por vocês e peço-lhes que rezem também por mim, nestes primeiros meses do meu serviço à Igreja de Pavia.

*S.E.R. Dom Corrado Sanguineti
Bispo de Pavia*

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade Papa Francisco

Santidade,

ao término dos Exercícios Espirituais que reuniram em Rímimi 22 mil aderentes à Fraternidade de Comunhão e Libertação e outras milhares em conexão de vídeo em 16 países no mundo, somos gratos por sua mensagem, que como carícia de Cristo nos faz experimentar o maravilhamento dos discípulos diante do Ressuscitado.

Repercorrendo a história da comoção de Deus para com o povo de Israel, ouvimos como que dirigido a nós o chamado dos profetas à conversão. E no sim de Pedro ao abraço sem medidas de Cristo reconhecemos o início da moralidade nova, como o senhor nos disse no dia 7 de março de 2015: “É graças a este abraço de misericórdia que surge em nós o desejo de responder e de mudar, e que pode nascer uma vida diferente”. Nunca encontramos nada tão libertador.

Conscientes de que o testemunho só nasce da gratidão pelo gesto de Cristo, voltamos para as nossas casas desejosos de realizar o mandado que nos foi confiado: “Todos os que seguem o carisma do saudoso Luigi Giussani deem testemunho da misericórdia professando-a e encarnando-a na vida [...] e sejam sinal [...] da ternura de Deus” pela humanidade ferida que desespera da salvação e, no entanto, a procura empenhadamente.

Celebrando a missa, o cardeal Bassetti lembrou-nos, com as palavras de Dom Giussani, que “o verdadeiro protagonista da história é o mendicante: Cristo mendicante do coração do homem e o coração do homem mendicante de Cristo”. Nós queremos imitar a Deus, desejando ser como Jesus para comunicar a todas as pessoas que encontrarmos a misericórdia com que Cristo nos trata.

Queremos viver essa tarefa suprema do testemunho seguindo o senhor, Santo Padre, o profeta que o Senhor nos mandou neste tempo de mudança epocal para a nossa conversão. Ressaltando, ainda que em seu limite, como vemos o senhor fazer, o positivo que descobrimos nos outros e abandonando o resto à misericórdia do Pai.

Assegurando-lhe a oração quotidiana de cada um de nós pelo seu ministério petrino, oferecemos todas as dificuldades e os sacrifícios para que a Igreja seja sempre mais no mundo o lugar fascinante da humanidade redimida.

sac. Julián Carrón

Sua Santidade Papa Emérito Bento XVI

Santo Padre,

os Exercícios da Fraternidade foram marcados pelo convite do Papa Francisco à conversão neste Ano Santo, para sermos testemunhas da misericórdia perante o homem de hoje que tanto precisa da graça e do perdão, como o senhor disse recentemente.

Conscientes de que o método de Deus em sua relação com os homens é discreto, não quer “impor pela força exterior, mas dar liberdade, conceder e suscitar amor”, pedimos-lhe uma oração por toda a nossa Fraternidade, para vivermos a mesma simplicidade de Dom Giussani diante de Cristo, para renovarmos nosso sim ao Senhor que continua a ter piedade do nosso nada.

Da nossa parte, continuamos a pedir para o senhor aquela inteligência da realidade que nasce da inteligência da fé, para ser, ainda por muito tempo, nosso amigo e pai na fé.

sac. Julián Carrón

S.E.R. cardeal Angelo Bagnasco

Presidente da Conferência Episcopal Italiana

Eminência caríssima,

22 mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rímimi para os Exercícios Espirituais neste Ano Santo da misericórdia, acolhendo o convite do Papa Francisco à conversão, renovam a vontade de professar e encarnar a misericórdia na sociedade italiana para sermos sinal da carícia de Cristo que alcança os nossos irmãos homens a fim de experimentarem o abraço do Pai que nos salva.

sac. Julián Carrón

S.E.R. cardeal Stanisław Rylko

Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos

Eminência caríssima,

22 mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rímimi para os Exercícios Espirituais neste Ano Santo da misericórdia, garantem o empenho na conversão para testemunhar a beleza da

misericórdia a uma humanidade ferida e, no entanto, desejosa da salvação que só o Cristo Ressuscitado pode dar.

sac. Julián Carrón

*S.E.R. cardeal Angelo Scola
Arcebispo de Milão*

Caríssimo Angelo,
gratos pela sua mensagem, asseguramos-lhe que estes Exercícios Espirituais foram a ocasião para aquela conversão a que nos convida constantemente o Papa Francisco e para fazermos experiência daquela unidade na liberdade que Cristo realiza nos que cedem à atração da Sua misericórdia dentro da vida da Igreja, mais potente e fiel do que qualquer resistência e distração nossas.

sac. Julián Carrón

*S.E.R. Dom Filippo Santoro
Arcebispo Metropolitana de Taranto*

Caríssimo Filippo,
Agradecemos-lhe o que nos escreveu e lhe asseguramos que, na memória viva de Dom Giussani e no seguimento ao Papa Francisco que nos convida à conversão, queremos servir a Igreja comunicando a todos a misericórdia com que Cristo se curvou sobre o nosso nada e nos acolheu como o pai do filho pródigo.

sac. Julián Carrón

*S.E.R. Dom Massimo Camisasca
Bispo de Reggio Emilia - Guastalla*

Caríssimo Massimo,
seu recado encontra todo o nosso povo reunido em Rímini e unido na memória de Dom Giussani, nosso pai na fé, e no seguimento ao Papa Francisco que nos convida à conversão para sermos testemunhas da misericórdia.

sac. Julián Carrón

*S.E.R. Dom Corrado Sanguineti
Bispo de Pavia*

Caríssimo Corrado,
obrigado por sua carta; nestes dias experimentamos o abraço de Cristo ao nosso nada, que suscita em nós uma gratidão sem fim e o desejo de servir a Igreja no seguimento ao Papa Francisco, testemunhando a beleza da misericórdia, única esperança para a humanidade ferida de hoje.

sac. Julián Carrón

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA

Curado por Sandro Chierici

(Guia para leitura das imagens extraídas da História da Arte que acompanhavam a audição das peças de música clássica na entrada e na saída)

O ciclo de marfins do museu diocesano de Salerno

O mais vasto ciclo de marfins da Alta Idade Média (fim do séc. XI) que chegou até nós, que provavelmente ornava uma cátedra episcopal, apresenta a história da salvação – com poucas lacunas – com a linguagem ao mesmo tempo essencial e simbolicamente evidente típica da cultura figurativa da época. A misericórdia do Pai que tira do nada todas as coisas prolonga-se na história por meio da vida dos grandes patriarcas – Noé, Abraão, Moisés – e atinge seu auge no dom do Filho. A misericórdia de Cristo, testemunha do Pai, oferece aos homens uma possibilidade de vida e de relação com a realidade que se revela plenamente no sacrifício de si e se cumpre na aceitação do dom do Espírito. Qualquer misericórdia humana só tem sentido na medida em que testemunha a misericórdia da Trindade.

A criação das estrelas
A criação das plantas
A criação dos peixes e das aves
A criação dos animais terrestres
A criação da mulher
A tentação e o pecado original
A expulsão do Paraíso
O trabalho dos progenitores
O sacrifício de Caim e de Abel
O assassinato de Abel e a fuga de Caim
Deus ordena a construção da arca
A construção da arca
Deus fecha a arca
O fim do dilúvio
A saída da arca
Deus abençoa Noé
Noé cultiva a vinha
A embriaguez de Noé
A construção da torre de Babel
A aparição de Deus a Abraão em Siquém

O sacrifício de Isaac
O sonho de Jacó
A aparição na sarça ardente
A entrega das Tábuas da Lei

A visitação
A dúvida e o sonho de José
A viagem a Belém
A Natividade
O anúncio aos pastores
A apresentação no templo
Os Magos perante Herodes
A adoração dos Magos
O sonho de José
A fuga para o Egito
O massacre dos inocentes

As bodas de Canaã
O Batismo de Jesus
A vocação de Pedro e André
O encontro com a Samaritana
A multiplicação dos pães
A cura do paralítico
O cego de nascença
A Transfiguração
A ressurreição do filho da viúva de Naim
A cura de um hidrópico e do paralítico
A ressurreição de Lázaro e a entrada em Jerusalém
A última ceia e o lava-pés
A crucificação
A descida aos infernos
As Marias no sepulcro
Jesus aparece às mulheres
As mulheres correm até os apóstolos
Os discípulos de Emaús
Jesus aparece para os apóstolos
A incredulidade de Tomé
A aparição de Jesus no lago de Tiberíades
A Ascensão
O Pentecostes

Sumário

MENSAGEM ENVIADA PELO PAPA FRANCISCO 3

Sexta-feira, 29 de abril, noite

INTRODUÇÃO 4

SANTA MISSA — *HOMILIA DE PADRE STEFANO ALBERTO* 20

Sábado, 30 de abril, manhã

PRIMEIRA MEDITAÇÃO — *“O palpitar do coração [de Deus] é a piedade do teu nada”* 21

SANTA MISSA — *HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA CARDEAL GUALTIERO BASSETTI ARCEBISPO METROPOLITA DE PERÚGIA - CITTÀ DELLA PIEVE* 44

Sábado, 30 de abril, tarde

SEGUNDA MEDITAÇÃO — *“Sim, Senhor, Tu sabes que és o objeto da minha simpatia suprema”* 50

Domingo, 1 de maio, manhã

ASSEMBLEIA 73

SANTA MISSA — *HOMILIA DE PE. FRANCESCO BRASCHI* 92

MENSAGENS RECEBIDAS 95

TELEGRAMAS ENVIADOS 97

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA 101
